&etc

ADELINO TAVARES DA SILVA · AL
DINA · ANA MACHADO · ANTÓNIO M
ANAÇAS · AURÉLIA · BAPTISTA-BAST

coisas

OS · CARLOS PORTO · EURICO · FERRE
IRO · FIGUEIREDO SOBRAL · GONÇ
ALO · JOÃO RODRIGUES · JOÃO V
IEIRA · JOSÉ MARTINS · LUD · NE
LSON DE MATOS · PAULO C. DOMING
OS · PEDRO OOM · VIRGÍLIO MA
RTINHO · VITOR SILVA TAVARES

COISAS é uma edição **& etc**
das Publicações Culturais Engrenagem, Lda.
— Rua da Mãe d'Água 13-2.º-Dt.º, Lisboa.
© dos autores.

Capa de João Vieira

ADELINO TAVARES DA SILVA

CRUCIFICOLAGEM

Desenho de Ferreiro

1 QUANDO SE VIU que já era tarde de mais josé agarrou a plaina para parecer um operário no trabalho o filho pôs as mãos em salmoira para não sentir os cravos a romperem-lhe a pele e maria chorou todas aquelas lágrimas domésticas das mulheres que julgam que os homens andam metidos em política

2 QUANDO À PRESIDÊNCIA dos estados-unidos voltar um qualquer kennedy outra vez católico uma certa virgem que foi casada com um carpinteiro é pessoa para reclamar os juros de um depósito de três vintéis já com dois mil anos de contabilização

3 QUANDO UM HOMEM vale trinta-dinheiros e se resolve a ir a uma ceia de homenagem numa casa particular pode estar lixado para o resto da vida é que há sempre quem saiba onde se vendem denúncias e umas coroas fazem muito jeito para um natal com brinquedos para as crianças

4 QUANDO PADRE JOAQUIM numa sexta-feira antes do fim do ano mandou o sacristão abrir a caixa das almas encontrou lá dentro um bilhete onde os carteiros da área desejavam as boas-festas àquelas vossas excelências

5 QUANDO NO ANO DOIS MIL se cumprir a profecia de são malaquias um santo irlandês que dá por essa data o fim da sua igreja o vaticano poderá ser como dantzig um pretexto para a última grande guerra

6 QUANDO PILATOS começou por aí a lavar as suas mãos já a água estava suja pelos falangistas que em badajoz fuzilavam os outros cains aos gritos de viva cristo-rei e depois mandavam os moiros arrancar-lhe os anéis e os fios de pescoço com medalhas da macarena

7 QUANDO DESCOBRIRAM que um homem de braços abertos só pode caber numa cruz começaram aí as crucificações

8 QUANDO O POVO salvou o ladrão e condenou o inocente apenas mostrou que está sempre do lado dos que roubam para se vingar do que lhe fazem e além disso está farto de profetas até à última raiz do cabelo

9 QUANDO UNS ANOS ANTES da crucificação a cabeça de joão baptista foi servida à mesa numa bandeja toda a gente percebeu logo que não estava em londres onde as cabeças dos corpos cortados às postas aparecem no soho ou nas docas do tamisa mas sempre dentro de chapeleiras de coiro mostrando o grande poder de compra britânico

10 QUANDO PERGUNTARAM a josé-o-carpinteiro com quantas tábuas se faz um caixão o homem que é da borda-de-água e não sabia que era para meter o filho lá dentro disse que um caixão se faz com os mesmos paus que fazem uma jangada

11 QUANDO DERAM POR ELA tinha chegado a páscoa e era preciso inventar um processo de vender qualquer coisa nem que fosse alecrim à porta das igrejas por isso mandaram vir um encenador italiano e montaram no adro da sé a cena do calvário

12 QUANDO FELLINI fez um filme sobre os apóstolos descobriu que pelo menos dez eram pescadores do adriático e viviam numa aldeia de casas sobre estacas uma destas vilas como por cá o secretariado manda fotografar quando quer mostrar que têm muito pitoresco os sargaceiros da apúlia

13 QUANDO PERCEBERAM que o filho do carpinteiro e de maria tinha metido as mãos ainda livres em salmoira então aplicaram-lhe medidas de segurança ao mesmo tempo quando suspeitaram que naquela história do calvário um tal simão cireneu podia ser mais uma testemunha abonatória transformaram-no em cúmplice

14 QUANDO JÁ DEPOIS dos pregos nas mãos se soube que foi um coronel de infantaria quem comandou os crucificadores daquele vietname o governo passou-o à reserva e promoveu à pressa um sargento de pára-quedistas a tenente dos lanceiros para fazer o patrulhamento com um corpo misto isto é composto de judeus árabes biafrenses e alguns pretos vindos dos pomares de menfis

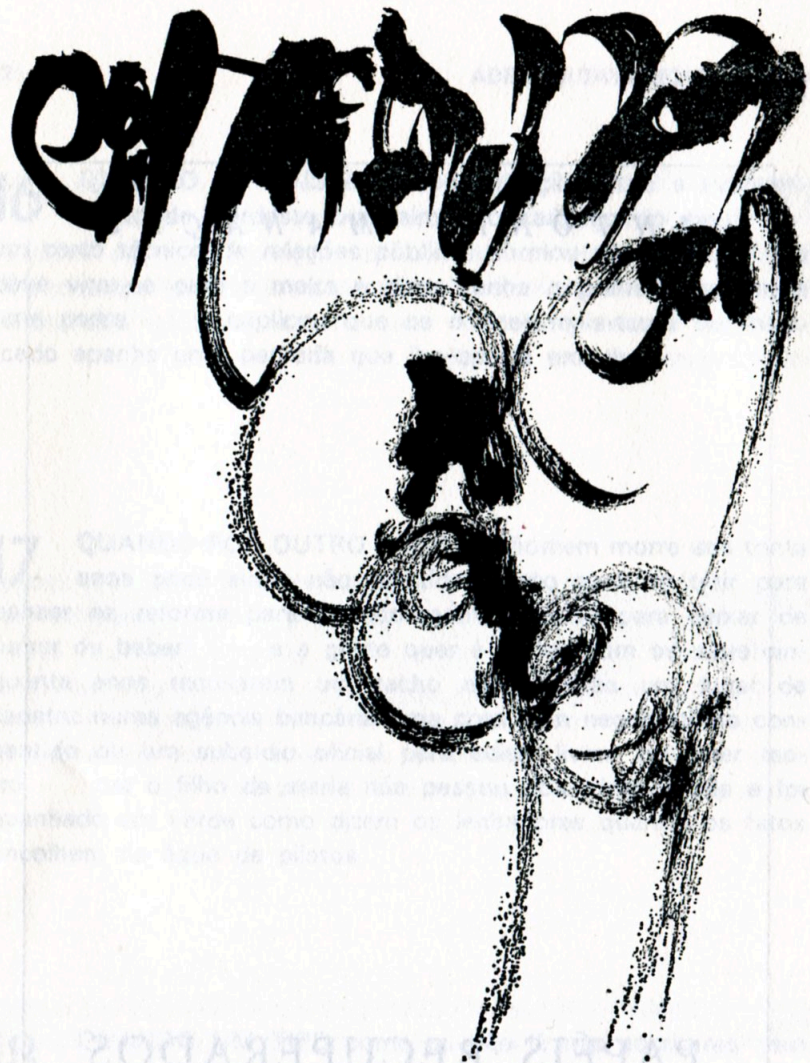
15 QUANDO TRÊS EVANGELISTAS foram ouvidos em mesa-redonda o apresentador anunciou que à próxima viriam outros técnicos estes em economia falar de cuba e da monocultura política da cana de açúcar e da monopolítica da cultura do arroz na china

16 QUANDO SE QUIS estabelecer ligação entre a evangelização do nordeste brasileiro e o cangaço do sinai um certo técnico de relações públicas afirmou que um tipo não deve virar-se para a malta e dizer venha o primeiro que atire uma pedra e explicou que se o fizer mais-tarde ou mais-cedo apanha uma pedrada que lhe acerta em cheio

17 QUANDO POR OUTRO LADO um homem morre aos trinta anos pode ainda não ter tido tempo para se trair para pensar na reforma para se acomodar à rotina para deixar de fumar ou beber e a gente quer é vê-los com os seus cinquenta anos recusarem um tacho na televisão um lugar de capataz numa agência bancária uma cota num negociozinho consentido ou um subsídio oficial para editar livros ou fazer teatro ora o filho de maria não passou dos trinta e três e foi apanhado em verde como dizem os lenhadores quando os fatos encolhem na água de pilatos

18 QUANDO UM TIPO como eu não lê nas escrituras nem sequer na letra das janeiras deve forçar-se a escrever do que sabe pois é mas a carne é fraca e também santo antónio foi coronel de cavalaria

A N T Ó N I O M A N A Ç A S

PAPÉIS RECUPERADOS

Desenho de Eurico

(VERSOS ELEMENTARES PARA UM REENCONTRO COM PESSOAS)

TORTOS são estes papéis
achados agora
transbordantes de vida.
Qual, pergunto, a recompensa da bondade senão a bondade?
Chega! Não me façam
mais perguntas !
Estou em casa com todos os mortos lúcidos.
Imito-os. Estou sereno.
Tenho amigos. Tenho
as formas com esqueleto dentro da cabeça
e acordo todos os dias como se fosse o princípio.
Daí
esta impossibilidade de não estender a mão
mesmo
parecendo isso inútil.
É estar e
importa-me a canastra antiga
onde naturalmente se cumpriam os vícios.
A minha vizinha disse-me :
«Senhor...» Não
entendi mais nada
ora pois
outros na minha situação
dar-lhe-iam a resposta de acordo com o seu rancor imaginado.

Eu aqui me retrato e
só proponho
a recuperação destes papéis.
Ontem escrevi um poema gráfico
pois tive necessidade disso.
A guerra de todos me limita mas,
às vezes,
tenho destas coisas.
A propósito:
O peixe, sabe-se, é
um alimento necessário.
Está caríssimo. Não seria solução transformarmo-nos
nós todos
em pescadores de domingo?
Gostava, juro-vos
de ter um camaroeiro e
um remolhão (se é assim que se chama àquela coisa com que se
apanham polvos)
pois, do que eu gosto é de
bichos do mar desse género.
Estou noivo, sabem?
Como toda a gente
recordo a família onde nasci
e isto leva-me. Vou.

II

A cidade tem.
A cidade é.
A cidade cria.

A cidade corrompe.
A cidade liberta.
A cidade impõe.
A cidade pergunta.
Quero eu dizer na minha:
Que é que quanta gente há na cidade
que seja a cidade?
Está visto que muita e
mais
a transportada para aqui
recebida e logo
acrescentando à cidade
o seu futuro possível...
«A minha mãe, sabe vizinha
julgava que eu me perdia...
Perdi-me pois!... Arranjei
um senhor
e toda a família
me caíu em cima...
Hoje
a terra onde nasci é isto...»
É na rua que esta conversa se ouve.
Às vezes
os sons modificam tudo
e a parte de dentro
está
de tal maneira escondida
que não vale a pena falar nisso.
Mas a vida

não tem nada de melhor
segundo consta há que esperar
e logo a arcologia
está ava em nós. Ou
com comigos de mim
seu
esqueleto. A espinha dos peixes revela
a sua saúde.
Na antiga canastra
havia
pescadas assopradas
— só a sua carne era mole; não faria mal a ninguém —
nunca
a frescura duvidosa
viciava
o hábito estabelecido.
Explico: Cumpriam
os seus vícios. E
o pai sabia muito bem
os preceitos da higiene.
Amava-se.

III

Era bom
olhar sem complicações nenhumas
as novas invenções.
Esta pedra

IV

«Disso sei eu», disse o homem
cansado (sem saber) da sua
civilização.
Ele sabia
a conversa necessária
— não o conhecimento incómodo
tu mim —
nem a possibilidade terrível
de transfigurar tudo. «Disso sei
eu», repare-se
é o tom necessário.
Por isso as peixeiras da minha infância
assopravam as pescadas.
E o logro era
elas e as senhoras
assim como que uma coisa directa
uma luta atroz
leal coisa ainda não transposta
pois os recados
não são há muito tempo, possíveis de dar
e o que aqui se quer dizer
não é saudades
mas
relações possíveis. Ninguém
transporta o seu poço
mas a água é lhe nos necessária sem importância nenhuma
como

a recuperação destes papéis.
Qual como a fome
como como como e antigamente antigo tudo
de novo se é que
transformar tem sentido.
Tantos... Milagres
— aqui devia haver outra palavra que não invento agora —
são aos montes e certos
todos eles.
Na forma de estar vivo
o tio disse-me
o humanismo possível.
(Ele disse, por outras palavras:
«Sou livre agora;
filhos e
as rabugices da mulher estão cumpridos»).
Isto, não estará lá muito bem transposto
pois
há muita terra misturada:
— A imaginada e a tida.
Esta
se mistura ou
misturo em mim
o novo e o antigo
repetidos.

«Cabe talvez nisto
este reflexo?» Se
diz aqui o espelho

da folha de ferro polida
hoje gasta
mas ainda assim presente
e fixa
enxada ou machado
sob
sobre os ombros sem saber.
Isso mesmo era. Mas
não os olhos que viam

«Outro regresso
Pois sim. Mas
aqui estou. E trago
todos os erros repetidos
Não
posso estar quieta. Dar
mexendo nas coisas é o único sentido.
Sendo que seja esta voz não ser a minha
qual a recompensa da
bondade senão a bondade foi dito mor para mim do meu chegar a ser.
Terá sentido? Está
na espera algum alívio?
Fui sempre adiante das coisas
com a alegria duma camponesa madrinha
Regressei sempre na mesma
com amargura mas
com espanto maior
de ser possível

isso esse
destruir a alegria...»

Não me falem, mortos!... Peço-te
Mãe. Sossega...
Digo:
Tantas folhas deste papel a recuperar e
ainda por cima
com fantasmas a alastrá-las...
Se alastra nisso
mins. Se alastra
não dever ser permitido
plantar
vinhas para além de
da
do
Ah, é verdade: Antigamente
já era antigo pensar com o corpo todo.

V

Revelada me é a forma de estar sendo
coisa antiga e má
alegria só nisso.
Aqui
há que desdobrar tudo
pois
o papel é muito (mas)

pouco
para a nossa evidência.
Os trabalhos vão-se formando e
(Não como no mundo antigo; aí iam-se fazendo, enchendo o que
enchiam dos dias com sem sentido)
nos dias é
possível retomar o
ajustável
ao medo. As
formas e os signos
necessários dos
antigos
têm que ser transpostos.
Este burro sabia
a maneira de se requintar com o alimento —
— aqui se diz duma
conversa havida
e era isso o que aconteceu
na existência com pessoas desse burro;
necessariamente com uma espécie de ódio
só
hoje transposta. Transposto
o fim, necessário ao meu sono e
deste capítulo.

V I

«Amo a minha família mais que a mim mesmo;
amo a minha pátria mais do que a minha família;

amo a Humanidade mais que a minha pátria.»
Isto dizia
dizendo um tal
Fenélon
(recitaste-me, mãe,
aquela coisa)
padre, nascido e maduro aí por volta
de
há 200 anos.
Ainda não passou
passado nenhum?
Só
palavras e
atitudes assumidas
com pessoas dotadas para isso?
Dá
isso dá
um terror necessário.
Depois
inteligentemente se
recria um caos necessário também
já
muitos sabem maldizer
a poesia como um luxo cultural para os neutrais
e basta um passo a ontem
para este luxo tomar partido.
Quem são aqueles que saúdas e que um após outro te saudam?
é
uma pergunta a fazer

muitos já a fazem
para o dentro de fora de si.
Esta não é a minha verdadeira pátria
....
Retorno à esfera celeste
....
Aí é o construído
cá
e
lá
um todo.
Aliás não aprendi nada sozinho
só talvez alguns sons que
a minha falta de ouvido seleccionou sem querer dando-me
chaves
aqui usadas agora.

VII

Ir ao barbeiro era
um pavor
usado e necessário —
que esta luta lá fazia parte
da nossa idade e um medo repartido
nos dizia «espera».
Eu
nós éramos uns senhores em potência;
espantados ou afáveis

havia sempre o tempo
não a raiva.
Agora este país é isto
e
prega-me-nos tantos exemplos
que fico hoje parado
certo
como o realmente possível.
A minha mulher disse:
«Boa noite. Vou para a cama.
Estou tão cansada...»
Possível é isto
aqui.
País, pois; onde
o contrário disto
se
dá o mesmo resultado
dá-o
dentro de si sendo si eles.
Ou não
papelada difícil de encher
esta
aparência comum vem da vontade
aqui
de alargar isto. Tão
certo e o pavor que me chama
como que o que
me foge nos dias
e fica

— ó minha amada —
só o quadro negro oculto sobre mim.
Dorme. Agora
— mesmo que eu não queira —
tenho direito aos meus próprios mortos.

VIII

Venham os construídos constrangidos,
lúcidos só pelo lado de fora
das palavras que aprenderam a usar
como se houvesse ideias
ou
comportamentos nisso.
Venham. Aqui
se lhes oferece uma outra importância necessária
como a recuperação de qualquer coisa.
Recupera-se aqui
este momento
carregado de dias futuros.
E isso é também o vosso peso.
Venham.

IX

Fala um amigo: «Vocês
não vêem que eu
não posso ainda pôr os sonhos para o lado de fora
e trago tudo suspenso há tanto tempo?!»

Fala uma amiga: «Estou
com medo e feliz. Sabes
como cansa tanto fazer os papéis todos
e só, durante muito tempo?
Sabes,
o jogo que se torna gratuito
e o olhar necessário
que era o que se queria
se desata nisso?
Se eu também me desato,
o que é? Trago
os meus dias todos aprendidos
e não me arrependo. Mas ...
Estou feliz e com medo ...»

X

Muita gente aqui agora.
Tanta forma com gestos e olhos
que é evidente
a evidência evidente,
este grito morto e de lá
transposto. Pois que
recompensa me soa
como a birra velha de
Aquileus (a quem tinham roubado a dita e Agamemnão
[esteve quase tramado por causa disso)
aqui me entorno
na bondade possível.

Discurso:
«Minhas senhoras meus senhores
(há machos e fêmeas nos meus mortos
portanto
está certo). Vós todos
que hei-de dizer-vos
sendo vivo entre vós
por vossa culpa?» Discurso.
Reparo que estou em casa. Não
sereno. Tenho amigos
com esqueleto dentro das formas da minha cabeça
e gasto-os todos os dias
repetidos eus nisso eles. E
Lucinda Rosa diz: «Oh!
N... Sim! Está bem, vai. No
meu tempo...» Transbordante de vida
este cão repara em mim mexendo a pata
onde tem as unhas
como sem saber
um homem eu escreve nuns papéis recuperados
arcologia, uma palavra inventada por outro,
outra natureza que não tem nada a ver com animais
e o resto mas
agora
estes papéis achados aqui ficam.
Como se fosse um princípio

BAPTISTA-BASTOS
O RETIRANTE

Desenho de Lud

QUANDO se estabeleceu naquela parte da cidade, pouco mais de cem vizinhos a constituíam, em discreta harmonia. Havia coradouros com roupa fresca, conversas amáveis, levíssima candura no mecanismo das relações humanas. Olharam-no com extrema curiosidade, a princípio ; desejando não o martirizar, obedecendo a remotos hábitos de suavidade e de compaixão, observavam-no de soslaio, sorrindo ternos e cúmplices; desajeitadamente, porém. O varar dos dias, das semanas e dos meses compôs as coisas. Aos poucos, quase deixaram de reparar que ele não possuia a perna direita, era caolho, e que o braço esquerdo terminava em um coto de dez centímetros, com cosedura mal cerzida, rugosa ao centro, o osso coberto por ligeira película de pele, gomosa como as envides. Usava calça de briche, o cano direito dobrado, preso à folha traseira com alfinete-de-ama. A muleta não o impedia de caminhar lesto, e os músculos do único braço, pelo uso forçado, eram rijos e fortes, acamados em volumes moventes ; os dedos nodosos, calejados na necessidade imoderada de se apoiarem à trave da muleta. Começou a frequentar a taberna, aos fins da tarde, a participar nas pequenas quesílias de bairro, a sentar-se no banco corrido sobre o passeio, onde outros homens

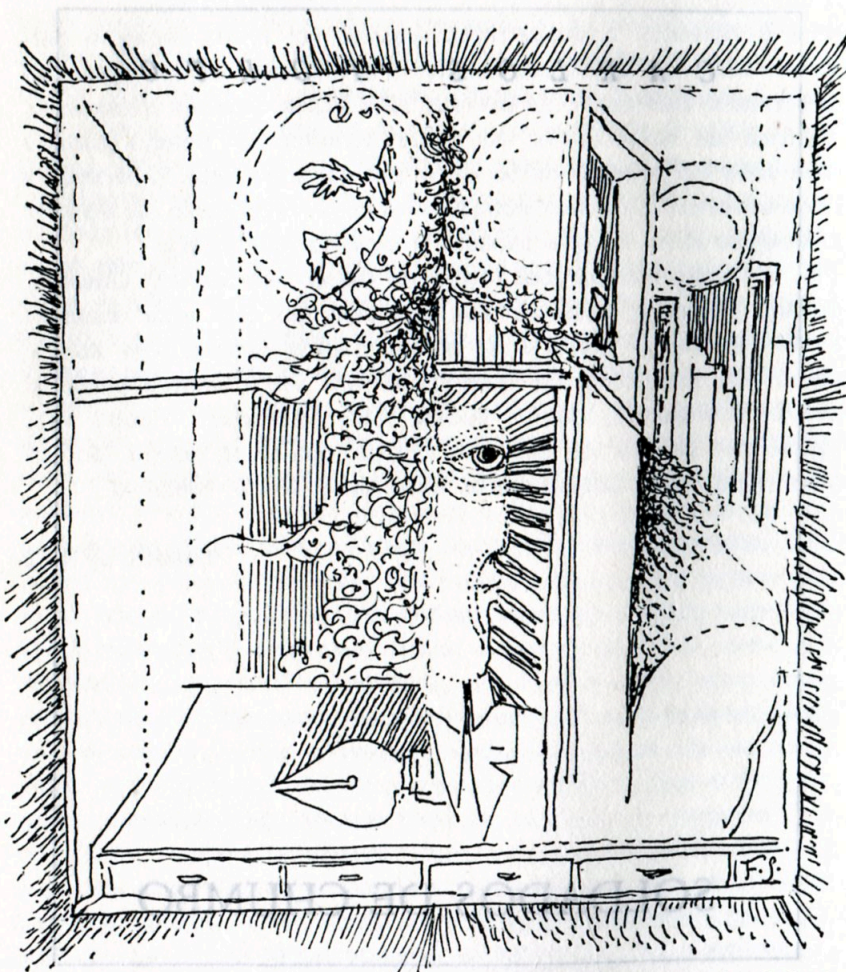
deixavam revolutear o tempo, a assistir às sessões colectivas de televisão, a comentar os jogos de futebol, a narrar maliciosas histórias de mulheres; encantações. O ambiente carceral da casa onde habitava não o intimidava: comprazia-o. Ficava acentuadamente desviada das outras, numa betesga sombria de líquens e musgos, húmida, sob uma palmeira da qual caíam tâmaras que ele apanhava e comia, fazendo assim, muitas vezes, abundantes refeições. Só, no interior da residência térrea, invadiam-no ideias pesarosas, agravos, cóleras; estendido na cama, não afastava o olho dos cotos, afagava-os; mergulhava num túnel de lembranças, acontecimentos bem nítidos; sorria. Primeiramente, fora um dedo: o indicador; depois, os três seguintes, mais tarde o polegar, a mão, o braço. Obstinado, deixara que a máquina lhe devorasse, em períodos cadenciados, por secções distintas, quase todo o membro. Recusara a pensão vitalícia, exigira a indemnização total, depositara o dinheiro, os juros iam aumentando, ano, ano. Com a perna, idêntica operação. Colocara-a sob a prensa, carregara no botão do quadro, esvaíra-se em longo desmaio, de que regressara já amputado. Aumentara consideravelmente o pecúlio. Instruíra-se sobre as possibilidades de multiplicar as posses: a aritmética bancária do «à ordem» ou «a prazo» era-lhe familiar. Tempos gravosos, inesquecíveis, haviam-no ensinado a ser discreto, comedido; a suportar as coisas sem alegria, com resignação: sempre lhe tinham falado da dureza da vida, nunca de licornes e de bosques encantados; de morte, fome, doença, nunca de fadas. Industriara o que lhe restava do corpo a cumprir deveres e obrigações de sobrevivência: de emprego em emprego obtivera lugares, funções simples preenchidas com zelo e aplicação. Era frugal, obediente e disciplinado. As pessoas com quem convivia ou sob cujas ordens trabalhava estimavam-no: lavava carros, abria as portas, solícito, para os que sequer nele reparavam, engraxava sapatos, despejava latões de lixo, desentupia os bueiros de detritos, completava um ciclo de trabalho, mudava de senhor e de sítio. Estas alterações subtis no rumar suave da sua vida coincidiam com o mutante do seu corpo e o aumento progressivo da conta no banco; só se alvoroçava e o coração ficava-lhe aflante quando, periodicamente, o único correio que recebia indicava o crécito do dinheiro, mensagens frias, numerais, exactas. Decidiu, então, suprimir um olho: podia picá-lo com um alfinete aquecido ao rubro, e ficar de gota-serena, mas, para que tudo saísse correcto, teria de atingir, rigorosamente, o centro da pupila, sem afectar a zona de junção do nervo óptico; de contrário, cegaria total e isso não o interessava, de maneira alguma. Um olho valia muito dinheiro; dois olhos era a inutilidade. De resto, picar um olho de nada lhe servia; poderia em falso dizer que fora limalha, acidente fortuito a suscitar certamente suspeitas: no seu emprego actual não havia tornos nem serras que o justificassem — trabalhava em uma casa de caixões, empregado de limpeza e atendedor de telefonemas nocturnos. Todavia, encontraram-no tombado, com a prega de aço de um cristo na cruz espetada na zona subciliar direita. Tudo indicava que se desequilibrara do banco, quando limpava a pia imagem, e o resto era evidente. A convalescença foi longa e dolorosa: estudara muito bem a área a atingir, mas havia sempre a possibilidade de errar. Quando lhe disseram que só de um olho deixara de ver, aceitou o facto sem brio nem vaidade; lógico resultado de projecto amadurecido. Sabia que a visão corrige; que a retina alcança, com o tempo, um campo visual à razão de oitenta por cento do

todo; bem bom. Foi-lhe muito rendosa, a supressão do olho: o preço recebido, duas vezes superior à amputação do braço e da perna. Para os cegos, mesmo de um só olho, a caridade é mais benevolente do que para os coxos ou os manetas. O retirante de outros bairros chegara, então, àquela parte da cidade onde havia coradouros com roupa fresca e conversas amáveis. Instalara-se na casa recuada da betesga, ia agenciando a vida, desta vez lotaria. A depredação mísera do seu corpo atraía superstições, piedade e repulsa: a um atrofiado em acidentes de trabalho todos pagam a quota parte de entrar no céu em volaterias com os anjos. Depois, ele era um tronco possante e um rosto bem parecido, silencioso e grave. Estava resolvido a ficar por ali e a interromper efracções quando certa vez, ao atravessar a rua, vai o camião colheu-o; instintivamente, a conservação do que lhe sobrava de osso e carne fez com que erguesse o único braço à cabeça: salvou a vida, ficou com o braço esmagado; mais dinheiro. Três côtos, um olho. O acidente, por inesperado, aturdira o seu projecto, não o seu espírito. Um homem, quando atingido pela fatalidade não programada, deve evitar a conformação. A perna que lhe sobrava, excrescência absurda; em tudo terá de haver dignidade: saltitava, frequente perdia o equilíbrio, estatelava-se, feria-se, recusava o auxílio composto, tentava erguer-se só; um enxovalho. A ideia de adquirir uma máquina movente, que o tranportasse, irritava-o por desperdício de dinheiro e também por considerar ajuda postergante. Com extremo cuidado, coloca a perna no carril, liso e frio; um carril. Para estar o mais confortável possível, ajeita o dorso sobre uma espécie de alfenas que debuxam, rasteiras, da sebe; suspira de felicidade. Os movimentos foram calculados, certos, deslizantes: nada de árduo — incomoda-o a violência, o desperdício. Apenas um ligeiro factor o perturba: sabe que o embate atordoará o sistema nervoso, que não dominará o esfíncter e se borrará. Não é preocupação mesquinha: práticas de salubridade, de longe exercitadas, antagonizam-se com essa fraqueza de corpo — no seu caso, a única. Experimenta doce sensação de tranquilidade ao enxergar o combóio, ao escutar o mavioso silvo. É inútil conciliar a ideia de que, com o.

Aí está, apenas tôco, somente tronco, um dorso. Observa, sorriso calmo, o aposento em que vive, do qual está disposto a sair jamais. O retirante de outros bairros medita, sem solenidade, que um pouco de imaginação fará surgir ventos brandos, suaves murmúrios, odores subtis, luxo de espaço. Pouco tem, agora, que se libertou dos dois braços, das duas pernas, de um olho. Este, especulativamente, examina o último membro...

Setembro/1973

C A R L O S   P O R T O

SOLDADOS DE CHUMBO

Desenho de Figueiredo Sobral

(para a Maria Teresa)

Estamos nus e gramamos
António Ramos Rosa
Um dia no deserto,
vi um homem nu, bestial
que, agachando-se, comeu o seu coração.
Perguntei-lhe: é bom? Ele respondeu:
É amargo mas eu gosto porque é amargo
e porque é o meu coração.
Stephan Crane
Sou um italiano frustrado.
Sou um francês frustrado.
Por parte do meu pai sou um marselhês frustrado,
visto que nasci em Paris.
Pela minha origem corsa sou um árabe frustrado.
Pela minha origem árabe sou um latino frustrado.
Sou também um latino frustrado, visto que queria ter sido
um homem do Norte.
Sou portanto um escandinavo frustrado.
Tenho sempre frio.
Sou também um amante frustrado, a quem a sociedade
só permite concorrência e ódio.
Sou um burguês frustrado, visto só haver possibilidades de revolta.
Sou um revolucionário frustrado, visto que não admito
a violência.
Sou também um humorista frustrado, porque sou triste.

Sou um homem sério frustrado, visto que rio de tudo.
Sou frustrado total, visto que rio do êxito.
De resto
sou um pintor frustrado, um músico frustrado,
um cineasta frustrado, um escritor frustrado,
um organizador frustrado, um administrador frustrado,
um PDG frustrado, etc.
Mas apesar disso, tudo me faz cócegas. Sim. A vida faz-me cócegas.
Luc Ferrari

do dia turvo, escorrendo cinza nas vidraças
será antes do rufar dos tambores — imenso e triste — enchendo a cidade, as folhas das árvores, as janelas das casas, os ouvidos dos homens — imenso e triste — rolando através da atmosfera nevoenta, enchendo a cidade, engravidando-a de furor e ódio, apontando o caminho do morticínio.

homens e mulheres e crianças correm, atropelam-se, para ver os soldados a marchar — sabem lá porquê, ninguém sabe porquê —, milhares deles, de arma ao ombro

haste hirta e fria duma flor decepada

cinzentos e iguais, cinzentos e monótonos, repetindo-se, desdobrando-se, multiplicando-se, parecendo não ter fim, passando sempre, marchando sempre, iguais e cinzentos, cinzentos no uniforme, uniformes, rostos sem luz na tarde baça, de nuvens baixas, braços mecânicamente desengonçados, movimentos solenes e ridículos, bonecos de feira que um menino faz marchar, indiferente, soldados de chumbo, botas rufando no empedrado da rua

a terra espreita numa erva esmagada

com um ruído surdo, pesado, pungente que os tambores repercutem num ritmo mais leve, dir-se-ia mais rápido, igualmente

sinistro, não cessando de marchar, parecendo infindáveis como nuvens de gafanhotos, ávidos e implacáveis,

homens e mulheres, crianças, atropelam-se, comprimem-se para os ver, as crianças furam, passam por entre as pernas dos adultos, riem-se, coçam a cabeça, limpam o nariz sujo,

as mulheres mais velhas estavam sentadas à soleira das portas, procurando com os dedos gretados, semidesfeitos pela água e pela lexívia um sol que hoje não apareceu, catando as cabeças das filhas ou das netas estiradas no chão,

gesto antiquíssimo, ternissimo, em que dois seres se encontram numa carícia branda, infindável, quase diáfana, e conseguem como no amor

destruir a solidão,

os homens vieram de casas em construção onde num intervalo demasiado rápido jogavam à malha disputando canecas de vinho.

No tempo em que ao escrevê-la imagino que esta história decorre os pequenos transistores tão práticos para ouvir os relatos de futebol ainda não tinham invadido a cidade e os homens tinham que inventar ou aproveitar outras maneiras de matar o tempo

porque então como hoje o homem era (é) obrigado a matar o tempo, a esganar o tempo com as suas próprias mãos,

como se houvesse um outro tempo para viver, como se alguém acreditasse de facto numa espécie de paraíso que seria então e apenas o verdadeiro tempo que se teria para viver uma verdadeira vida, e assim este tempo que nos cabe fosse apenas um intervalo maçador para trabalhar e gastar de qualquer maneira e o mais depressa possível

e por isso os homens inventam jogos complicados ou jogos simples como esta malha em que falava

era jogada

suponho que ainda é jogada pelo menos em certas terras da província, nos domingos sem futebol, pelas tardes quentes de Verão, pretexto para beber umas canecas, nessas terras onde há ainda homens que vestem ao domingo o fato com que vão à igreja e à taberna, despem o casaco, dobram-no cuidadosamente, colocam-no com um respeito religioso em cima duma pedra que primeiro limparam com um lenço branco e já sujo,

são quatro jogadores, dois de cada lado, quatro patelas de ferro e dois mecos

patelas e mecos eis duas palavras que fixei não sabia que as retinha na memória são assim as palavras espreitam-nos sem que saibamos como inimigas ou humildes colaboradoras

junto de cada meco dois jogadores, emparceirados com os do outro meco

dois contra dois.

O jogo consiste em somar pontos derrubando o meco contrário ou fazendo com que a patela se aproxime o mais possível dele. O derrube do meco vale dois pontos, o estar mais próximo um. Ganha o par que somar primeiro 21 pontos, sim creio que vinte e um pontos

mas vinte ou trinta que importância é que tem

nada de especialmente difícil basta ter boa pontaria, boa mão, balançar o braço com certo ritmo, sopesar bem a patela que deve ser um bocadinho pesada

e é indispensável molhar de vez em quando os lábios na caneca de vinho verde (tinto, é claro)

e é indispensável que o vinho seja bom, tenha agulha, seja ao mesmo tempo leve e forte, raspe um bocadinho a garganta, tenha se possível laço na superfície, e que se agarre ao barro branco da caneca, e que estonteie sem embebedar.

A patela era jogada por homens em mangas de camisa

camisa branca, o fato negro e a gravata e os sapatos, mas ao fim de certo tempo o pó encarregava-se de nivelar as coisas e ficava tudo de um branco cremoso

à sombra das parreiras (geralmente da chamada «vinha americana» e se tivesse tempo poderia contar a história terrível daquele homem que foi morto a tiro pela guarda republicana por causa da «vinha americana») ou então nas cidades à sombra de paredes meio levantadas depois do trabalho ou nos intervalos das refeições

os homens interromperam o jogo, as mulheres largaram as panelas, ou a costura, ou a cabeça da filha ou da neta onde catavam piolhos e lêndias

convém não esquecer que os pós exterminadores de parasitas como se sabe uma das maravilhas da civilização americana que aliás nos foi legada pela última grande guerra basta ler as «Selecções» do «Readers» ainda não tinham aparecido

com aqueles vagares de quem aproveita o último ou o primeiro sol do dia

mas hoje não há sol

com aqueles vagares de quem faz gestos definitivos, os gestos de quem faz um sol, uma flor numa renda ou num bordado em ponto de cruz que um dia será descoberto no canto duma arca se admitirmos que ainda haverá arcas que ainda haverá rendas e bordados, que ainda haverá quem se interesse por rendas

e bordados, nesse futuro que já não conseguimos sequer imaginar de tal maneira os acontecimentos ultrapassam a nossa (ó quão comezinha) imaginação,

será de tudo isto

do dia que amanheceu sem a alegria da manhã primaveril que devia ser

da ameaça igualmente turva e inesperada, talvez invencível, destes homens fardados e armados que vieram transformar a paisagem da cidade na terrífica paisagem da cidade

não eram assim os soldados de chumbo do menino Fernando

ou duma pausa que de súbito adormeceu o meu coração depois se transformou em qualquer coisa de asfixiante que o arrepanhou com a ferocidade dum cão raivoso até o largar crispado e débil

chamo-lhe coração mas deveria dizer vontade, pensamento, ou memória ou consciência

é preciso inventar palavras

será de tudo isto da realidade exterior e tão hostil à minha ânsia de claridade e de paz ou do alastrar desta mancha que vai cobrindo o meu ser de dentro com uma camada de poeira (uma sensação) impalpável e tão pesada

digo ser de dentro a pensar no facto de este acto solitário de escrever ser afinal menos um monólogo do que um diálogo em que intervém várias vozes aparentes ou uma voz que se desdobra

ou será do encontro destas duas paisagens tão semelhantes, tão desiguais,

às vezes acontece qualquer coisa de enigmático

que um dia se descobrirá, talvez,

um aviso ou uma revelação que nos torna permeáveis à mais brutal solicitação, nos torna indefesos perante a cilada que se pressente mas a que não se pode fugir como não se pode fugir ao nosso próprio corpo.

Até aí tudo correra bem

diz-se que as coisas correm bem quando correm normalmente e temos tempo para lavar os dentes antes de sair de casa, e arranjamos lugar no eléctrico (a velhinha que se lixe) e o chefe não pega connosco e a comida do restaurante é menos má do que o costume e encontramos os amigos no café, é assim que vivemos, é assim que gostamos de viver

ninguém tem nada com isso

é assim que destruimos o tempo que temos para viver, não fazemos ondas, é o caso não fazemos ondas, até aí tudo correra bem, apenas com aquela secura, aquela avidez que o quotidiano nos impõe. Nem já a consciência vence esta ânsia de fixação, esta habituação à rotina que corrompe o lado mais humano do nosso ser

nem sequer o espanto de existir de possuir esta máquina que é o nosso corpo pela simples razão de que existir não basta

e só viver, viver, viver nos poderia fazer vibrar, nos poderia espantar mas então seria a revolução

o espanto e a revolução.

Vem todavia um momento em que tudo se abate, descobrimos o jogo, ficamos nus olhamos e vemos, vemos e somos vistos,

eis-nos nus e desamparados, nus e gramando, perante uma verdade (a verdade?) que a nossa consciência (enfim alerta) se

recusa a aceitar. Como uma chaga em carne viva. Essa verdade acaba, contudo, por vencer a nossa inércia, o nosso comodismo, a nossa cobardia

acaba por ser um grito de revolta

o grito da revolta

revolta talvez inútil, talvez gratuita, revolta dum homem só (por isso inútil, por isso gratuita) mas necessária (sustento-o) neste mundo em que cada homem devia ser em cada instante um rebelde e cada instante o renascer da revolta

uma verdade que é nossa, tão nossa, fruto duma experiência pessoal e intransmissível e que apesar disso desejaríamos comunicar e integrar numa outra verdade mais vasta em que todos pudessem comungar, pão e vinho dum sonho de fraternidade

verdade que alguns, muitos, vivem

e então a revolução é a verdade, a verdade é a revolução, e finalmente o homem deixa de existir,

e vive.

Seja do que for — é a realidade que importa... esta realidade que me constrange a uma confissão despudorada, a um apelo miserando (soldados a pátria confia em vós, mas quem tem pátria meus senhores?), sei lá a que abdicação, a que nojo, a que roer de unhas, e então volto à verdade.

Ingénuo, ilusório, inútil querer agarrar, aqui e agora, uma verdade que me foge, pássaro rebelde para o qual as minhas embuscadas são vãs. Terei que abatê-lo a tiro, à pedrada, sei lá por que violência

mas então será apenas uma verdade morta.

Será necessário primeiro destruir a verdade para depois a reconhecer (ou apreender) e reconstituí-la pacientemente, pouco

a pouco, pedaço a pedaço, e então proclamá-la, gritá-la, sussurrá-la com a ternura de quem afaga o rosto que ainda se ama e se vai deixar de amar porque outro rosto se sobrepõe

com a violência de quem apaga da memória o rosto amado porque outro se sobrepôs,

com a solenidade de quem descobre finalmente o rosto amado a que nenhum outro se pode sobrepor (enquanto se não descobre que se trata de mais uma mentira).

Sinto que preciso de explicar alguma coisa, que preciso de traduzir em palavras esta história obscura

estas histórias mesquinhas e sinistras que uma voz me conta.

As palavras traduzem, as palavras escondem, as palavras atraiçoam

que são as palavras, objecto e sentido, retrato e fuga, presença e fuga,

explicar por palavras

o quê? a quem? como?

contar uma história (muitas histórias) cujo sentido não conseguimos apanhar

cujo sentido talvez não exista

de que não conhecemos o princípio nem o fim.

Todavia

ao ver estes homens que passam, pisando com um falso, um fingido, um teatral orgulho a terra onde todos os frutos nascem, pensei, um pensamento que não chegou a fixar-se e acabou por desaparecer até voltar com uma insistência de obsessão

pensei na fraternidade humana.

Estes homens são meus irmãos ou trata-se duma fábula

cristã, duma invenção que não tem nada a ver com o homem tal como o homem existe, tem existido, existirá,

pois a verdade a que me refiro

chamo-lhe verdade porque reflecte ou acciona um acto de pura e profunda sinceridade

é isso mesmo: uma imagem da fraternidade humana, uma ideia de estar com.

Assim se vai tentando vencer a solidão,

embora desconfie que a solidão seja criação recente duma sociedade cuja desagregação é evidente,

não a solidão que se deseja para nela se construir qualquer coisa nossa, só nossa, que será como que um sinal da nossa passagem, a herança que possivelmente não interessará a ninguém e ninguém aceitará

ou haverá sempre alguém para aceitar a herança, o testemunho, o sinal da passagem por esta terra que nos fez e que nós fizemos, por esta terra que agora amamos mais porque sabemos como é infinitamente pequena no espaço infinitamente grande, tão grande que até deus se existisse nele seria um grão de areia o pobre

não a solidão fecunda, a solidão capaz de criar os monstros e os antimonstros

a solidão que nos cria

mas a outra, a inominável, a que existe no fundo duma cela, à hora da morte consciente, no desamor, a que se abate sobre nós, raivosamente, animal formidável e faminto, anacronismo do homem velho de milénios persistindo para além de tudo, aniquilada aqui e ali, mas rompendo caminho por entre as batalhas

infindáveis que o homem trava consigo próprio e com os outros homens

e não é o facto de haver causas concretas que a explicam que a torna menos dolorosa ou mais suportável embora nos garanta a sua vencibilidade.

Estar com gente e temê-la.

A todos: amigos, indiferentes, hostis. Temer as palavras que se escutam, as palavras que se dizem, e as palavras que ninguém diz. Essas, sobretudo. Sentir, não obstante, a necessidade inadiável de compreender, de ir mais longe e levantar de uma vez o véu que esconde a verdadeira realidade. E para isso viver, primeiro. Há um «santo e senha» para descobrir o segredo da vida, é possível encontrar a chave da porta que encontramos sempre cerrada.

Viver, viver com

conviver.

É aqui talvez que começa a história, uma das história porque há muitas histórias, há milhões e milhões, cada homem é muitas histórias, e por isso não é possível contar uma só história, cada uma conduz à outra, é a memória de outra que aconteceu, está a acontecer, ou acontecerá talvez, o pior é encontrar o fio do labirinto, é preciso teimar muito, teimar sempre, não desistir, ainda que seja preciso gastar a vida toda, outras virão.

Estamos ainda longe da verdade. Há uma mão que puxa para lá, outra mão que puxa para cá. Há um retraimento, uma descontracção. Compreendo? Compreendo-me? Compreendem-me?

Vejamos.

Um homem trabalha. Todos os dias. Quase. Um horário

para cumprir. Chove. Há sol. Nem chove nem há sol. O dia é apenas esta tristonha mancha parda de onde as pessoas surgem estranhamente sólidas e normais e não as vagas e etéreas aparições ou silhuetas sofisticadas que seria de esperar.

Quer esteja bem ou mal disposto. O trabalho lá está como inimigo à espreita.

Apetece-lhe ficar na cama, amodorrado, enrodilhado em lençóis e cobertores, deixando-se afogar, sufocar num mar de sonhos calmos e sensuais.

Não é vida, diz-se.

A vida é trabalhar, diz-se. Eu sei a vida é trabalhar.
Sente o desejo feroz, insuportável de ir deitar-se em qualquer parte da terra, em qualquer parte onde haja realmente terra, suja, fofa, cheia de pequenos bichos cujos nomes se ignoram, de onde saiem ruídos estranhos, nunca ouvidos, beijar a terra, comer terra, banhar-se em terra

terra como tenda já esquecida, história de lobisomens contada ao canto do fogo, terra um mar muito ao longe e esta certeza de ser homem, de nascer como as árvores e como elas ser fruto na manhã inventada conhecê-la nos seus mistérios, amá-la na sua indiferença, terra e um bicho que se vai dominando, domesticando e já só faz pena

ou pegar num livro e ir para a beira-mar ler versos tristes.
A vida não é isso, diz-se.
Ou ir simplesmente para a rua, acotovelar pessoas, subir os olhos pelas pernas ágeis das jovens que passam, parar numa esquina e dizer palavras nunca ouvidas, espreitar decotes, tocar ao de leve com uma mão imaginária e impossível de tanta ternura, os

seios duros, redondos, os seios que voam, falam, sorriem, são um canto de carne e sangue

um homem trabalha

os soldados marcham.
E aqui está outra maneira de começar esta história, outro caminho para a descoberta da verdade

este pensamento que parece querer destruir-me sem chegar a tomar forma.

Um homem trabalha.

Todas as manhãs acordo com o peso da lembrança do que me espera: uma secretária, papéis, os colegas com quem não me dou (eu sou o intelectual lá da casa), ao fundo o chefe.

Quando estou bem disposto (ou mal disposto) finjo trabalhar e em vez disso invento os meus romances. Um dos meus romances predilectos é o romance do chefe.

Sobre a figura do autêntico que é um homem pacato cumpridor dos seus deveres

há-de ter uma medalha o filho da puta

burocrata até ao tutano querendo fazer dos subordinados burocratas como ele

e alguns vão em bom caminho para isso

imagino uma outra figura, uma outra personagem. Trata-se dum homem roliço mas que não sorri pelo contrário está sempre mal-humorado ou porque a mulher anda em período menstrual e não pode satisfazer as apetência sexuais que nele despertara a visão do busto mitológico duma mulher que vira na rua ou no ecrã do cinema lá do bairro

e o fulano não tem coragem para se desafogar noutras entranhas

ou porque o futebol correu mal lá para o clube dele
ou porque um pobre lhe estendeu uma mão de dedos gretados e sujos por qualquer coisa ou por coisa nenhuma apenas porque é o chefe, supremo e inacessível como um deus atrás duma divisória de vidro. No entanto, em casa tem medo da mulher quando ela levanta um pouco a voz, e foge a todos os barulhos porque não gosta de se incomodar. E dá palmadinhas nas costas do Director e do Sr. Subsecretário.

Nada de especial, como personagem de romance. Personagem excessivamente banal que afasto da minha frente com uma palmada na testa. E então vejo o outro, o autêntico, muito hirto na cadeira, coitado é boa pessoa, muito esmoler, sacrificado pelo trabalho e pela família, um servidor da pátria, um patriota dos antigos, agora já não há daquilo, um pobre diabo dum raio dum burocrata capaz de denunciar o pai à polícia mas bom rapaz a ser condecorado pelos bons serviços prestados a outros patriotas,

mas não, isso é ridículo.

Este homem tem também uma história (muitas histórias, talvez), uma verdade, uma voz qualquer, dolorosa ou não, audível ou não. À sua pobre — à sua imperscrutável maneira. Desrespeitá-lo-emos? Há aqui uma contradição que corresponde aquela que originou tudo isto: foi da visão dum espectáculo detestado, símbolo duma desumanização que não cessa que nasceu esta tentativa de descobrir as raízes da fraternidade.

Há um muro, um abismo, um mundo,

frustrações, solidões, desencontros,

a separar-me do meu chefe e dos meus colegas. Tentar franqueá-lo — não seria a primeira nem a segunda vez — é intento

vão: como tentar compreender todos os homens. Sem essa tentativa como atingir, contudo, o lugar onde a explicação existe, talvez exista? O lugar onde a verdade existe, talvez exista. A verdade não é deus, deus se existisse não seria a verdade. Porque a verdade é o eu ser um homem que a procura. Essa é que é a verdade.

Na repartição finjo que trabalho: mais ou menos o que os outros fazem. Há os que trabalham a sério: vamos lá percebê-los. Eu não trabalho a sério. Recuso-me a trabalhar a sério.

É certo que me pagam ao fim do mês, e depois? Pagam-me mal e se me pagassem bem era a mesma coisa. Eu tenho uma vida para viver — uma só. Essa vida representa uma soma de uns tantos anos, não sei quantos, posso morrer já, neste momento, logo, daqui a um ano, a dez, a vinte anos. Ora, não acreditando eu na outra vida, na ressurreição de corpos e almas, no juízo final, no inferno ou no paraíso,

e quem acredita? quem acredita na verdade?

desperdiçar o tempo que tenho para viver é um crime que cometo não apenas contra mim mesmo mas também contra a humanidade da qual sou parte, eu não sei muitas coisas, não sei dizer as coisas muito bem mas sinto na minha própria inteligência que tenho razão,

é necessário acabar com uma sociedade que faz do trabalho um meio de exploração e uma finalidade de vida.

Então invento outro romance, o romance do palácio. A repartição fica situada numa destas casas apalaçadas que têm sido transformadas em várias coisas: ilhas de miséria, oficinas, repartições de Estado, ou substituídas por edifícios de cimento e tijolo,

a sala onde trabalho está dividida por um tabique de madeira pintado de branco. Sem o tabique seria um salão vasto, iluminado por grandes janelas, agora quase sempre fechadas porque as pessoas têm medo das correntes de ar, o salão de música onde certamente se organizavam concertos e bailes, a julgar pelos motivos que ornamentam o tecto.

É fácil imaginar o que seria aí há cinquenta, setenta anos. Os lustres, os frescos ainda sem esta patine do fumo, as tapeçarias, o chão lustroso, os cortinados, os móveis, a orquestra, os criados, os donos da casa, os convidados, a música, os pares dançando.

É fácil imaginar a atmosfera ao mesmo tempo serena e alegre — uma alegria comedida, bem-educada —, a doçura da música, os vestidos longos e decotados, as casacas de bom corte, as condecorações, as jóias, os criados que passam com as bebidas, as gargalhadas finas, as conversas ciciadas, o pó a cair sobre todas as pessoas que falam, riem, dançam, namoram-se, beijam-se com os olhos, com as mãos, com os pés, com os joelhos, com as bocas, nos vãos escuros das janelas,

a voz do pregoeiro apregoando «quem dá mais», «é um móvel fino, estilo Luís XV», «estado perfeito», «quem oferece», «um móvel destes vale o triplo»,

e a valsa de Strauss, os cabelos doirados, os pés doridos.

É fácil imaginar os casamentos feitos e desfeitos, os negócios combinados e adiados, as reputações atacadas e defendidas, os golpes de estado, as quedas de governo imaginadas, inventadas, sonhadas, reais.

É fácil imaginar os sapatos que apertam, o suor que se mistura com os perfumes caros, as corridas a retretes improvi-

sadas, talvez os chichis nos cantos de corredores escuros (Raymond Chandler),

e o pó caindo e a voz do pregoeiro e depois muito mais tarde o meu chefe chamando.

Levanto-me um pouco hirto, mas senhor, inteiramente senhor, da minha cabeça e do meu coração, e dirijo-me não muito depressa nem muito devagar até junto da secretária do meu chefe que não é a secretária do meu chefe nem o meu chefe é ele é uma rapariga a mais bela rapariga da sala, a mais bela rapariga do mundo, loura morena, tem os olhos azuis, verdes, negros, dançamos, dançamos, já não está ninguém na sala, só nós que dançamos uma valsa de Chopin e nos beijamos e nos amamos, e tudo é outra vez esta sensação de viver num sonho como que envolvido em algodão em rama, a sala onde eu trabalho é um salão de música — vai um pouco de Mozart, minha senhora? — e o meu chefe é a mulher que eu amo, e os lustres escurecem

e acaba-se o romance.

Mas há mais romances: os romances nunca acabam. Este chama-se

o romance do funcionário da secretaria

o funcionário da secretaria sou eu. Às vezes agarro num papel imaculadamente branco e ponho-me a escrever frases, a desenhar o que calha,

frases que me saiem dos dedos, melhor da caneta,

eu nasci de mim próprio, querer ser a consciência do mundo e não ter feito nada pelo mundo, e eu, que tenho eu com isso,

desenho barcos, por exemplo, em que as velas parecem algas, e depois peixes, e depois asas, e um seio surge dum

oceano de pesadelo que se vai transformando num sereno ventre de mulher, onde há árvores, flores, pássaros,

deito uma olhadela ao chefe que parece dormir mas está atentíssimo embora não deixe de pensar que o ordenado está a acabar e nunca mais chega o fim do mês, e reflicto: aquele palerma ali e eu aqui sentado a esta secretária, com uma caneta na mão e com números ao lado para somar (ainda não temos verba para máquinas)

mas depois penso no Raúl Brandão e já não sei onde começa a autenticidade duma situação humana e acaba a ficção, a literatice,

e então vou directamente ao romance

mal sabes o que eu desejava ser e o que representa esta minha vocação frustrada. Mentalmente dou-lhe um berro

bailarino

percebes? percebes? Não percebes nada, é claro. És apenas um número numa lousa negra, um borrão de tinta, dez mil escudos por mês, o fato de marujo ao canto do guarda-fato que há-de servir ao teu filho mais novo, talvez a farda da mocidade e a lembrança da saudação fascista,

e eu? e eu? Nem isso. Nem isso. Sou a caneta que escreve, os ouvidos para os berros, uma lixeira para as imundícies quotidianas.

Eu — o bailarino. Não percebes, é claro. Que me adianta estar p'ráqui a falar contigo? Tu não percebes nada. É o que te vale também. Se percebesses, se percebesses mesmo só um bocadinho

se alguma vez tivesses pisado relva com pés descalços como tudo seria de outra maneira. Se percebesses um bocadinho

só até choravas. Seria talvez pior para ti meu diabo de colarinhos engomados, sofrerias. Não muito, evidentemente. Sei-o muito bem, comparado com os outros sofrimentos que os homens ainda suportam. Seria o bastante para ti, como é para mim. Para mim, aqui amarrado a esta cadeira dura — apesar da almofada bordada pela minha tia —, aqui amarrado a este banco de réus só por ter cometido o crime hediondo de nascer,

de ombros firmes para não cair sob o peso destas paredes que me sufocam e esterilizam.

Eu o bailarino. Eu — senhor do espaço — irmão dos corpos que voam — filho do vento e das nuvens — fluido como água — corpo nu e alado, envolvido pelo espaço azul, dissolvendo-se nele, sendo apenas uma partícula atravessada por um raio de sol.

Um papagaio de papel preso por um fio à terra-mãe.

Um astronauta fora da cápsula.

E aqui estou emparedado e sem asas, porque todos os romances têm um fim.

Sùbitamente,

enquanto os soldados marcham, indiferentes, apercebo-me de eu já não ser eu, Fulano de Tal, escriturário de 2.ª, mas um homem que escreve, que utiliza palavras para se criar em espaço e em tempo e simultâneamente para comunicar, para criar um espaço e um tempo, uma história que sirva de reflector talvez, ó loucura, de factorizador,

apercebo-me que o meu chefe já não é ele mas uma personagem, a projecção dele noutrém, um modelo, que sei eu, apercebo-me que esta realidade (estas realidades?) que vou criando e que me vai criando e que se quer projectada para outrém, tem as suas leis próprias, a sua própria verdade. Todavia, parte inte-

grante dum todo tão vasto, parte dum real a descobrir, poderão estas palavras trair as leis da vida, a verdade da vida? Ou serão um processo para atingir e decifrar essa verdade?

Faz-me uma certa confusão esta história do romance do bailarino frustrado. Porque de dança nunca passei do mais trivial, do mais comezinho. Nunca fui um entusiasta de bailes, raramente vou a espectáculos de «ballet», embora alguns amigos tentem puxar-me. Para mim a dança começou com o povo, ao som duma viola tosca tocada pelos dedos grossos e calejados de homens da lavoura. Dançava-se nas noites quentes de verão ou ao domingo debaixo das árvores, os pés levantando nuvens de pó, e cantava-se ao desafio. Umas vezes limitava-me a assistir porque havia naquilo tudo uma atmosfera de festa pagã que me atraía, sentia uma alegria a que não estava habituado, uma alegria aberta, descomprometida, maliciosa e saudável. Por vezes também ia para a roda. Nos passes simples do «vira» ou nos mais complicados do «verde-gaio» vislumbrava talvez uma possibilidade de realização, uma forma de encontro que correspondia ao meu desejo de me dar e de compreender através da dádiva de todos. Tudo se reduzia a uma intimidade saborosa e cálida, e tão circunstancial. No entanto, naquele círculo onde não havia dramas para a criança que ainda era, um giz ia traçando um risco invisível que acabaria por me separar irremediavelmente de tudo aquilo, em especial do meu par

lembro-me que dançava quase sempre com a mesma rapariga, por sinal bastante mais velha do que eu,

a Filomena, seria esse o seu nome?, acabaria na prostituição, eu numa secretária pejada de papéis, igualmente prostituído.

Para que tudo fosse diferente, não seria talvez necessário muito.

Bastaria transformar a máquina.

Tudo isto me parece triste, e despertar dos meus romances, destas histórias que invento entre duas somas de contribuições, sair desta reinvenção dum passado e dum presente, deixa-me sempre um amargor, uma sensação incómoda de que errei, para tudo dizer, a experiência duma cobardia tanto mais desagradável quanto não ignoro a sua inutilidade. Tento descobrir se houve um momento em que errei no caminho que devia seguir ou se toda a minha vida não é um erro permanente, tento descobrir se a verdade que procuro não é exactamente o resultado desse erro

essa verdade que apela para mim do mais fundo de mim e por isso devo encontrá-la

posso não encontrá-la mas arranjo com certeza uma úlcera e as perguntas que me faço são como um comboio demasiado e inoportunamente adiantado, e afinal tudo talvez esteja certo e bastará adquirir a certeza inalienável de que qualquer destino serve quando se cumpre. Mas o que será cumprir um destino? Inventar fábulas? tentar compreender? ir às palavras e arrancar--lhes a verdade, a vida (e a morte)?

Pôr assim as coisas, de dentro para fora, é talvez desvirtuá-las, tirar-lhes o seu verdadeiro e profundo significado mas só assim poderei partir para a prospecção duma verdade que parece fugir como uma miragem.

Há coisas que aparecem sem que nós saibamos como. É um grito, um suspiro, um gesto simples, insignificante,

cala-te boca,

todos os caminhos me estão interditos, todos, excepto este.

Passa por um espelho onde me descubro maravilhado e temeroso por não ser capaz de ler na superfície do meu rosto onde mil máscaras troçam, por uma secretária pejada de papéis onde crio um universo paralelo,

falso e exactíssimo,

pelas mãos brancas do meu chefe que estrangulam a vida, por duas ou três palavras que encontro no meu dia-a-dia anti--subversivo,

pelas interrogações,

e vai ter talvez a uma cela escura, a um sofá com pantufas ao pé, a uma ilha sem Robinson. Nenhum caminho é aliás a explicação.

É no caminho que está a verdade dos passos. Observemos as pègadas, pronto!

O Rui não fala, não fala nunca.

«Não tem nada para dizer», diz o Ricardo, o céptico.

O Rui apareceu no grupo já não sei como trazido não sei por quem e desde então limita-se a ouvir. Chamamos-lhe Rui, o calado, Rui, o silencioso, Rui, o Triste,

Rui, o-que-olha-silencioso-o-mar-ao-longe

ele não se importa, sorri apenas, tentei explicar ao Ricardo que o Rui não fala porque mais esperto do que nós percebeu que as palavras já não dizem nada, nada conseguem comunicar. São uma convenção, um arbítrio, uma irrisão. Como traduzir sentimentos, emoções, convicções através destas palavras que todos dizemos,

mentirosas, gastas, banais, ineficazes,

pergunto ao Ricardo. O Ricardo não acredita. «Terá ele sentimentos, convicções?», pergunta. No fundo, insisto, estar calado é para o Rui uma forma de participar nas nossas discussões, uma

forma talvez negativa, certamente discordante porque ao fim e ao cabo as palavras são um meio termo entre o silêncio (ou a recusa) e a acção (ou a comunhão). O Rui ouve e não diz nada. Insisto ainda, vagamente interessado na defesa da minha dama, na possibilidade, na certeza da atitude de Rui assumir um carácter de protesto contra a inacção que subsiste através do nosso palavreado, contra a cobardia que as palavras não conseguem disfarçar. O Ricardo, irónico: «palavras».

Olho o Rui como que pedindo uma confirmação. Mas o Rui não diz nada. Sorri, há talvez um vago lampejo (divertido? malicioso? sério?) nos seus olhos claros.

«Que belos olhos, Rui», diz a Nela para desespero do Ricardo.

Um dia descubro a explicação, talvez não seja a explicação, apenas uma abertura, um sinal de conhecimento.

Foi nesta mesma praia. Estava num daqueles dias em que as dúvidas e as perguntas pareciam excessivas para a minha capacidade de as aguentar sem pôr termo a tudo com um só gesto, e definitivo,

cada um de nós é um hamletezinho de trazer por casa mas não menos trágico

viera para aqui à procura de silêncio onde os meus gritos coubessem quando vi o Rui. Rui, o silencioso. E o Rui falava, falava, gritava, chorava, ria, rebolava-se na areia húmida onde o seu corpo ficava marcado, molhava o rosto nas vagas violentas dum mar forte. Ouço ainda os seus gritos tensos de desespero, marcados por uma angústia inominável, animal, gritos de gaivotas onde houvesse qualquer coisa de humano, ouço os seus soluços que nada nem ninguém pareciam capazes de poder deter. As

palavras saíam-lhe da boca aos borbotões, não o compreendia naquela violência de quem finalmente se abre para que um rio de sangue possa correr e com ele a vida. Ouço-o ainda, como que siderado — já não sei quais foram as suas palavras, mas posso (re)inventá-las — «adeus, mãe. Há oito dias que o teu ventre arde no ventre da terra. Vê como choro lágrimas de areia, vê como te digo adeus com lágrimas de areia nos olhos secos, vê os meus punhos fechados, sangrando.

Sou um cão, ponho as quatro patas no chão e sou um cão uivando à lua, sou um rato, sou um lobo solitário. Sou um rapaz triste chorando à beira-mar, sou um milhão de palavras.

Sou um deserto. Tudo é deserto e eu sou o deserto. E o oásis. Prendam-me porque sou a subversão. Rasgo as minhas veias e ofereço-vos o meu sangue, ó meus irmãos de pátria nenhuma, mas nas minhas veias correm palavras, voam como borboletas, como águias.

Estive em ti, mãe, em ti abri os olhos para a vida, estarei em ti, mulher, em ti arderei amando-te, amando-te em palavras, como são amargas, como são ardentes as minhas lágrimas de palavras, as minhas lágrimas de areia, as minhas palavras de areia, ó mar-catedral, ó mar-poema juro-te que sou o primeiro homem do mundo, juro-te que só hoje nasci, que nasci das palavras, que me construí como uma laranja no inverno, silenciosamente. Juro que amo mar o teu rosto onde mil cadáveres dormem em lenta combustão, dormem amados pelos peixes dourados e devoradores. Juro-te que destruí o sono sonho a sonho e que povoei a insónia com a lucidez das pequenas tristezas, das primaveras apressadas, das esperanças ardentíssimas. Juro-te mar-mãe que sou um sábio, que sei tudo da

vida porque vi a morte fechar os teus olhos, ó mãe, apaixonadamente, ó mãe-mar em cuja praia dormi um sono de algas, um sono de menino, um sono de som. Cubro-te de lágrimas, ó meu amor, cubro-te de silêncio e de solidão, construo à tua volta uma paliçada, uma fortaleza, és o âmago do meu próprio fruto. Corro todo o mundo à procura doutra água, à procura do sangue que brilhava nos jovens que morreram pela libertação por todas as libertações mas já nada existe, está tudo morto, as palavras enchem-me a boca, os ouvidos, os olhos, julgava que era um homem e sou apenas uma palavra, um adeus feito de álcool, uma mão cheia de areia.

Eis-me só, ilimitadamente só, só até ao tutano da alma, lá onde a liberdade nasce ou acaba. Adeus, oito dias e oito noites de adeuses e estou finalmente livre para morrer.»

Nunca mais tentei explicar o silêncio do Rui. O Rui um dia desapareceu do grupo. «Olha vi o Rui. Disse-me adeus de longe. Ia com um grupo», contou mais tarde o Ricardo.

No Inverno quando saímos do colégio é noite. O frio trespassa-nos,

não é o frio, é a angústia de estarmos, tu e eu, a esta hora e neste lugar, é o nojo de existirmos sem saber como nem para quê, é o desespero de nos sentirmos estrangeiros nesta terra onde ser diferente — quase nada — é ser maluco,

tudo está deserto, o «néon» não é ainda o rei da noite. As poucas lâmpadas acesas nos candeeiros altos e esguios colocados ao longo das ruas lançam uma luz amarelada, luz que não ilumina, que torna a sombra mais densa, a noite mais escura. Há ainda algumas lojas abertas cuja luz mal chega à rua. Caminhamos ao acaso durante algum tempo como se tivéssemos sido

transplantados para um reino estranho, inóspito, onde as pessoas que não vemos fossem inimigos que nos espreitassem.

Por estas mesmas ruas, madrugadas altas, liquidamos, em longas e barulhentas discussões, as hipóteses possíveis da existência de deus,

cuja fé nunca chegara a apoderar-se de mim, embora tu pelo que me parecia lutasses ainda contra uns restos daquilo que consideravas medo do escuro próprio de crianças abandonadas,

e entretanto de dia, reconstruíamos sem saber uma metafísica, a da angústia de que futuro (1).

Começa a chover, tudo fica ainda mais triste, mais solitário. Como acontece quase sempre acabamos por ir ter à estação do caminho de ferro. Fica ao fundo, já separada da vila por uma ponte onde passa a estrada principal. Lá encontramos outros rapazes e alguns homens que como nós esperam o comboio da noite que chega da cidade. Vêm nele os jornais; as pessoas (felizes) que lá foram para o emprego, tratar de negócios, fazer compras, passear (cinema e putas, os homens; cabeleireiro e montras as senhoras), ir ao especialista (os ricos); um caixeiro-viajante sempre carregado com grandes malas, e, mais raramente, alguém misterioso, um desconhecido com ar insólito, que não se sabe o que vem fazer a uma terra perdida e sem interesse, alguém que se teme vagamente sem se saber porquê.

---

(1) Ainda me lembro duma carta tua — a última — em que me dizias que te deixaras de preocupar com o mistério da origem da vida ou da existência de Deus. O teu problema era outro, e pelos vistos, insuportável: o da impossibilidade de conceber a não existência de Tudo.

Nós, tu e eu, e os outros que aqui estão, à espera de parentes, a bisbilhotar, a fazer horas para o jantar, a matar o tempo, e nós, mais do que isso, a cheirar as novidades, a esperar a grande Nova, a que nunca chega, a Nova do que acontecerá amanhã.

«Hoje não se fia, amanhã sim» — e um grande manguito como no boneco das Caldas.

Hoje não há revolução, hoje o mundo não rebenta, hoje não vou para Paris, hoje não chega a mais bela rapariga do mundo.

Amanhã, sempre amanhã.

Mas amanhã são estes soldados que marcham, sou eu que lembro e escrevo o que não queria lembrar, sou eu outra vez a perguntar. Amanhã é hoje outra vez a dizer: amanhã, amanhã.

A estação é um pequeno edifício coberto de azulejos sujos. Ao alto uma lâmpada que como as da rua irradia melancolia em vez de luz. Há um balcão comprido e estreito onde nos encostamos e que serve para os viajantes descansarem as malas e para o homem dos jornais proceder à sua contagem ao mesmo tempo minuciosa e febril. Ao longe, o comboio avança ronceiro, as janelas iluminadas.

O comboio chega, as pessoas desembarcam — que frio! —, apressam-se em direcção à saída. Há cumprimentos, pessoas conhecidas trocam sorrisos e notícias. Então como está aquilo por lá? Sempre na mesma. Um táxi a desfazer-se parte com um viajante endinheirado. Perscrutamos os rostos fechados e indiferentes à nossa curiosidade. Aquelas pessoas que vêm da cidade, que deviam vir carregadas com a cidade, nada nos dizem.

O emprego de todos os dias, o almoço no restaurante barato, as cartas a dinheiro durante a viagem **(é preciso matar o tempo de qualquer maneira)**, as corridas para apanhar o comboio. Não, nada se pode ler nestes rostos, nenhuma mensagem neste vazio dos grandes, dos definitivos

e corajosos

sentimentos que teimamos em imaginar. Não é nada disto o que procuramos.

Uma vez, muito raramente, temos sorte. É quando o comboio rápido que normalmente atravessa a vila como uma estrela cadente atravessa o céu, sem que possamos sequer entrever os viajantes encostados às vidraças embaciadas, é obrigado a parar. É o nosso dia de felicidade. Tudo se transforma. Uma paisagem irreal, uma paisagem de sonho, substitui o cenário habitual. Parece que flutuamos, de tal maneira o que vemos e sobretudo o que pressentimos naquelas carruagens longas e prateadas, ultrapassa o nosso quotidiano e corresponde aquilo que desejamos. A carruagem-restaurante especialmente atrai-me, com as as mesas postas, em cada uma um abat-jour cuja luz rosada é um sussurro do além. E depois há os viajantes, os príncipes e as princesas que voam naqueles corcéis de prata, ao longo das planícies e sobre as montanhas, a caminho das grandes cidades onde se pode viver. Sobretudos grossos, confortáveis. Peles. Por vezes, um rosto de mulher, grandes olhos espreitando a noite, aquela pequena estação provinciana, e aqueles dois ali especados com olhos ávidos, que se passará aqui, Santo Deus? horrível, horrível, pobre gente, que terra será esta, o comboio anda ou não anda, que maçada...

Por vezes um rosto de rapariga, um rosto tão belo que nos apetece chorar. Não, não pode haver nada mais belo no mundo, e afinal o mundo sempre é como nós queremos que seja, assim reflectido naquele rosto. É insuportável. No meio da noite, no mais triste e feio sítio do mundo, aquele rosto,

um milagre, uma lâmpada para sempre acesa na minha memória, um pássaro que por momentos bebe nos meus olhos, um afago que fica a habitar nas minhas mãos,

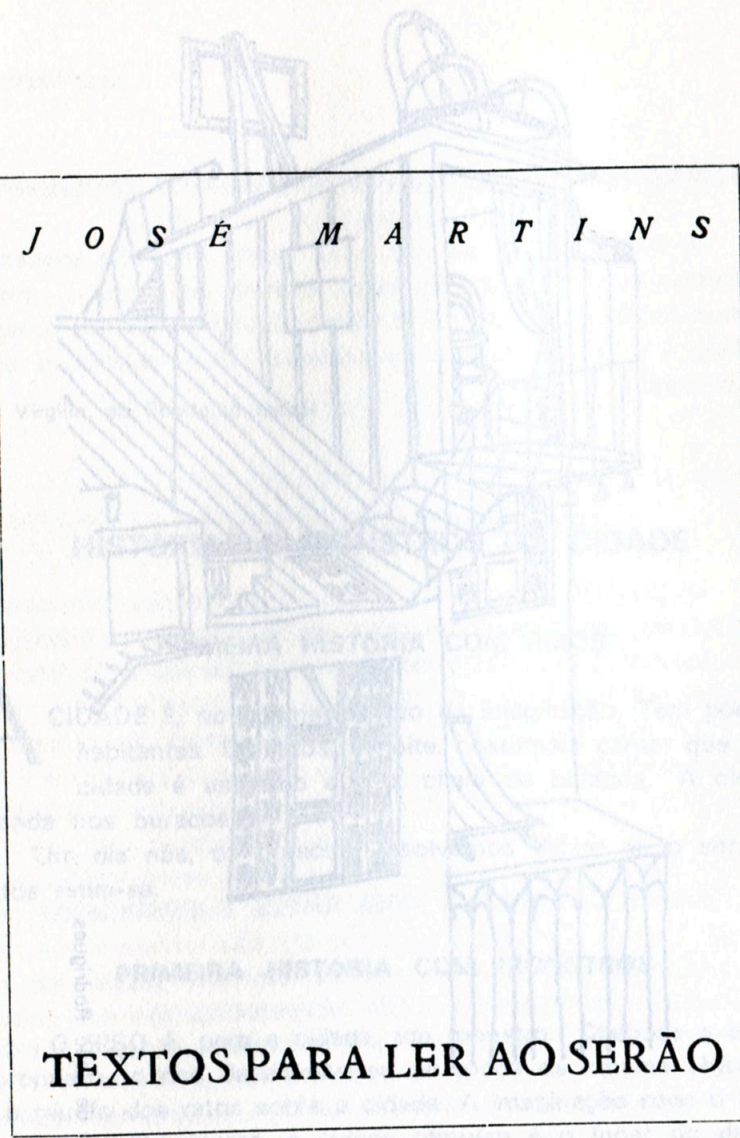
durante cinco segundos olha para mim, juro, juro-te que olha para mim. O meu coração bate mais depressa. É então que começo a descobrir-me pelos olhos dos outros. E aqueles olhos que durante cinco segundos, cinco séculos pousam nos meus

agora sei que nem sequer me viam mas agora já não tem importância

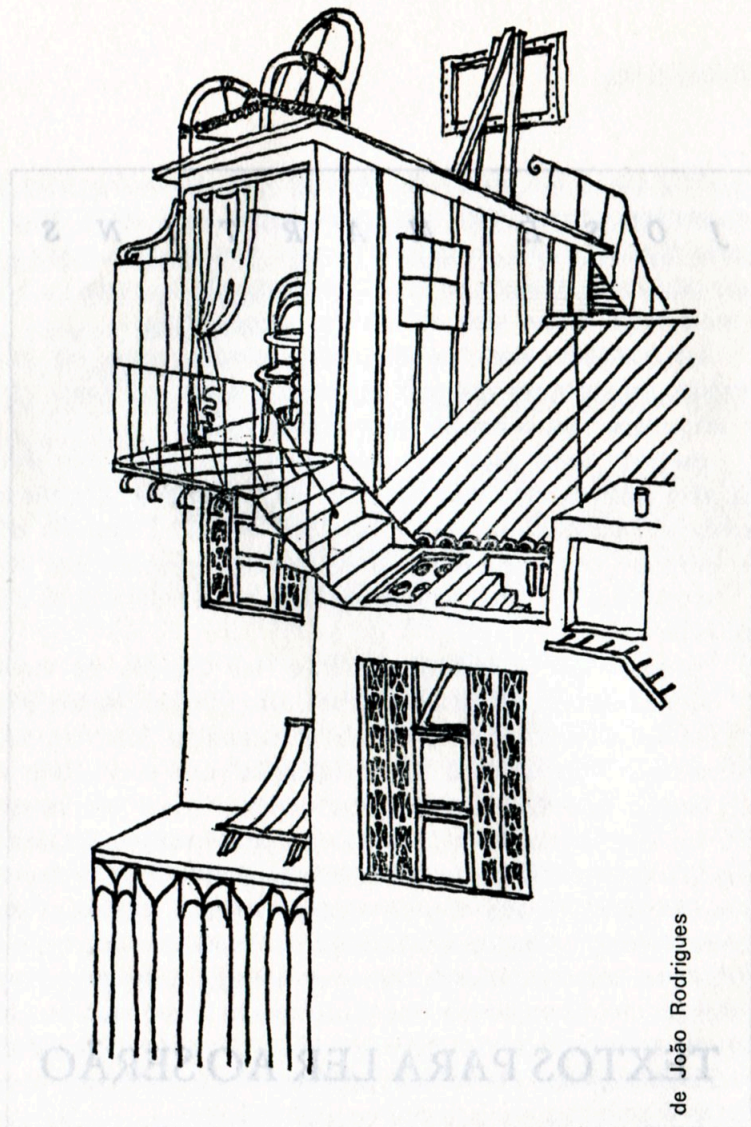
reflectem-me melhor que o mais fino espelho de Veneza.

Quase sempre, ai de nós, temos que inventar. A tua invenção predilecta é a duma princesa. Princesa de nenhum reino, princesa que transforma a tua imaginação num reino. Tem longos, longos cabelos, loiros, loiros cabelos. Com ela cavalgas entre nuvens, como Dom Quixote. A minha imaginação é mais grosseira. Basta-lhe a presença de qualquer estrela de Hollywood. Umas vezes é a Betty Grable, outras vezes é a Vivien Leigh, a Gene Tierney. Chegou a ser o Clark Gable!

Agora aqui estou com os meus amigos, a matar o tempo, cantando. Uma canção de que me esqueci e em que se devia falar de esperança e de liberdade. Cantamos desafinadamente, apenas pelo prazer de cantar para arejar os pulmões, e para dizer que estamos vivos e que a vida é bela.

Uma cadela.

(Páginas para o romance **«Soldados de Chumbo»**)

J O S É   M A R T I N S

TEXTOS PARA LER AO SERÃO

Desenho de João Rodrigues

Ao Virgílio, ao Benite, à Isabel

HISTÓRIAS E MONSTROS DA CIDADE

PRIMEIRA HISTÓRIA COM RISOS

A CIDADE É, no poema, o sítio da imaginação. Tem poucos habitantes. Os ratos, à noite, costumam cantar que esta cidade é um belo queijo, cheio de buracos. A cidade manda nos buracos.

Um dia nós, os buracos, resolvemos deixar de o ser. Os ratos riram-se.

PRIMEIRA HISTÓRIA COM MONSTROS

O RISO é, para a cidade, um monstro. Chegada a altura apropriada, o riso desenvolve-se de todos os lugares abjectos. É o triunfo dos ratos sobre a cidade. A imaginação cede o lugar ao delírio. No poema, a cidade também é o lugar do delírio.

SEGUNDA HISTÓRIA COM RISOS E PRIMEIRA DE DELÍRIO

A INTERACÇÃO do riso e do delírio engendra monstros. Monstros pulverizadores. Os ratos morrem de medo. O poema domina totalmente a cidade. O ciclo ratos-buracos-ratos torna-se viciado e a cidade, se não se acautelar, é, no poema, o lugar da repetição.

ÚNICA HISTÓRIA COM REPETIÇÃO

A CIDADE É, no poema, o sítio da imaginação. Tem poucos (ou muitos) habitantes. Os ratos, de dia, costumam rezar que este poema é um belo queijo, cheio de buracos. Os buracos mandam na cidade.

Um dia nós, os ratos, resolvemos deixar de o ser. Os buracos riram-se.

PRIMEIRA HISTÓRIA COM RATOS E CORRENTES

AS CORRENTES, neste poema, têm ratos presos nos grilhões. E fumam. Os ratos estão incapazes de dar um sorriso, mesmo amarelo. As correntes são, na cidade, o local das instituições.

A prisão é o fim último da cidade. As prisões justificam a cidade (ou a cidade justifica as prisões?).

PRIMEIRA HISTÓRIA ONDE NÃO HÁ PERSONAGENS E OS FINS JUSTIFICAM OS MEIOS

SEGUNDA HISTÓRIA COM MONSTROS

OS (POUCOS) habitantes continuam a rir-se. As correntes prendem os risos-monstros do poema.

O poema é, na cidade, a caverna dos monstros.

ÚLTIMA HISTÓRIA COM RISOS, MONSTROS, DELÍRIO, REPETIÇÃO, RATOS E CORRENTES, COM E SEM PERSONAGENS E PRINCÍPIO, MEIO E FIM

A CIDADE é incapaz de dominar o poema. Eu mando nele e tiro-lhe as correntes. A imaginação põe um pé no princípio e o delírio pisa o rabo do meio. Os ratos roem o fim. A repetição é uma deusa posta num altar de ratos humanos. A história vence sempre.

Os monstros são, de todos, a lucidez do jornal. Subvertem: meio, fim, princípio, rato rói a imaginação, corrente presa ao delírio, a repetição tem um filho (um gato!) e o poema marcha no sentido oposto ao dos ponteiros do relógio.

Eu mando na cidade e liberto-a do poema. As instituições mandam em si mesmas e matam-se.

Ganhou, mais uma vez, a História.

A FACA

ENTÃO LEVANTEI-ME. Eram quatro e um quarto da manhã, suponho. No meu quarto circular estava tudo como tinha deixado antes, meses antes, quando adormeci. Olhei debaixo da cama. O cadáver de um tubarão, que meu pai, cleptómano, tinha roubado de uma pintura de Magritte, porque eu, quando estava a morrer, tive esse último desejo, estava já numa fase adiantada de decomposição. Tirei-o com muito cuidado, para não se desfazer, levei-o para a casa de banho, pu-lo na banheira, onde já estava o cadáver de Natacha, revolucionária russa que trabalhava na China. Convém aqui abrir um parêntesis para que não fiquem convencidos que eu tinha na banheira um corpo inteiro de mulher; não, o sexo desta camarada estava — e está — no meu quarto, substituindo primorosamente os cinzeiros, porque segrega um estranho líquido branco, leitoso, que apaga instantaneamente os cigarros e fósforos. O meu pai, padre secular, disse-me um dia, na minha infância, que achava a ideia muito boa, porque os cigarros eram símbolos fálicos, descoberta que ele, ser supremamente inteligível e inteligente, tinha feito num concílio em que se analisou as causas da pornografia sagrada.

Na banheira deitei, em seguida, quatro tubos de guache e ácido sulfúrico — q.b.. Houve luta entre Natacha e o tubarão. Uniram-se. Telefonei logo a Magritte para lhe contar o que tinha sucedido, e ele deu-me uma resposta ininteligível: «Deste-me uma excelente ideia para um quadro».

Então dirigi-me ao quarto dos meus pais, que dormiam a sono solto alto, depois de um bacanal que acabara uma hora antes e no qual entraram eles os dois, todos os animais que havia lá em casa e Natacha III. Esta dormia no chão do quarto, de barriga para baixo, nua e bela porque nua, ainda se viam nas costas os traços das chicotadas. De um buraco na parede esguichava sangue que, devido à mania que Natacha V tinha de dormir de barriga para baixo, entrava directamente na sua boca. Meu pai confessou-me, meses mais tarde, que se tratava de uma invenção dele porque não suportava, e não suporto ainda, aviso-te!, o ressonar das pessoas. Senti sangue na garganta e fiquei deliciado com este quadro. Subi para cima de um escadote e, do alto, urinei, infantilmente, para o sexo de Natacha V. A mistura do sangue com a urina provocou tal explosão que destruiu todo o quarteirão. Nos escombros, os outros continuavam a dormir.

Foi então que me lembrei de minha mãe que dormia há cinco anos e três meses, ignorando os jogos sexuais que se praticavam naquele quarto.

Disse-lhe:

— Mãe, onde é que está a faca?

— Qual faca?, perguntou-me.

— A faca que lhe dei ontem, atada ao cordel.

— Vai-te deitar!

Ri-me baixinho. Depois, assustado, corri pelos escombros e fui-me deitar na cama do meu quarto circular onde, antigamente, estava um tubarão debaixo da cama e agora se amontoam os cadáveres das Natachas.

O PRIMEIRO CADÁVER DA TERRA

FOI A PARTIR DE 1989 que os governos decretaram uma lei que me tocou profundamente: «...para prover à superocupação do globo, devido ao aumento de população e ao aumento, paradoxal, do número de mortos, os governos dos países signatários decretam que, a partir da aprovação deste decreto pelo Pai, todos os seres humanos deixem de praticar o hábito dos nossos antepassados conhecido por **enterro** e passem eles próprios, parentes, familiares ou amigos do defunto, a comer os restos mortais dos malogrados indivíduos, substituindo assim uns animais que ainda há pouco mais de quinze anos existiam e que davam pelo nome de abutres, desaparecidos aquando da última depuração, na qual deixaram de existir animais sobre a face do nosso planeta. E ASSIM A NOSSA BEM AMADA TERRA SERÁ SALVA».

Seguiam-se quatro assinaturas reconhecidas pelo notário.

Na mesma página do jornal, mas com menos destaque, vinha também uma nota emanada do Ministro do Cuidado Pelas Pessoas que dizia: «Dado o estado provocado pela falta de alimentos necessários à vida, e tendo em conta a situação de normalidade criada pelo decreto emanado dos Governos Centrais, é função deste ministério declarar que a prática de vida nele discriminada só será posta em acção, impreterivelmente, a partir da aprovação do decreto pelo nosso Glorioso Pai. Todos os indivíduos que não acatem esta ordem serão severa e devidamente castigados, indo as penas de um mês de prisão no sítio onde

antigamente viviam os peixes, até ao número de dias desde que for apanhado o infractor e o decreto for aprovado pelo Pai, como coveiro. A BEM DOS CIDADÃOS».

Era demais para nós. Resolvemos, de noite, para não darem por nós, fazer uma reunião. Ela estava, ao que suponho, bastante triste. Eu, devido à minha inconsciência, ria-me. Resolvemos partir nessa mesma manhã para o Amazonas, a terrível selva amazónica, onde era o Ministério do Cuidado Pelas Pessoas. Chegámos ao entardecer. O Ministro trabalhava. Entrámos no gabinete dele sem nos fazermos anunciar, todos os funcionários do Ministério tinham morrido havia um mês — e dissemos-lhe :

— Tem de ser!

Ele abanou afirmativamente a cabeça, tirou a gravata, fechou um livro que estava a abrir, rasgou o testamento e disse:

— Pois bem! Cumpra-se a história!

E fechou os olhos. Eu deitei-o e ela, com um punhal, abriu--lhe o peito. Ele não gritou, era um bom ministro. Tirámos-lhe o coração e enchemos um barril (onde ele estava sentado) com sangue. Comemos logo ali o coração, bebemos um bocado do seu sangue e cortámos o resto do corpo em pequenos bocados que guardámos, com sal, numa mala e partimos. Íamos devagar, a fazer a digestão.

— E agora?, perguntei.

— Não quero mais conversas sobre isto, disse-me ela.

— Eu não quero mais conservas, retorqui-lhe.

A terrível polícia Sanitária começou logo nesse dia a fazer prisões. Mas como o seu chefe máximo estava morto, essas prisões eram feitas anarquicamente e foi assim que nos salvámos.

Passados quatro dias uma virgem trazia a aprovação do decreto pelo Divino Pai. Os chefes de Estado leram a Sua missiva e a primeira reacção foi comer a virgem. Os jornais dessa tarde, dominados por um conselho de tipógrafos que tinham assassinado os proprietários e os redactores, noticiavam a boa nova. O de maior tiragem, «O Cão da Cidade», trazia o seguinte título a 30 colunas :

«PAZ NA TERRA AOS HOMENS DE BOM APETITE»

A partir desta altura foi o delírio, indescriptível, da cooperação entre os homens. Passados quatro dias, eu e ela, devido à escassez de substâncias vitais, fomos à residência do Reverendíssimo Pai e saciámo-nos. Quando voltámos à nossa bem--amada Terra, éramos os únicos habitantes.

Caminhámos quatro horas por uma cidade sem dizermos nada. Finalmente, atrevi-me a olhar para ela. Sorri-lhe, infantilmente, e pisquei-lhe o olho (costume que tinha aprendido com um dos meus antepassados). Ela olhou-me indiferente, aborrecida. No caminho, encontrámos os restos mortais de um escritor de nomeada a comer um pescoço de padre. Eu comi o pescoço, ao qual previamente tirei o cabeção, e ela comeu o que sobejava do escritor: a mão direita.

Nessa noite, não consegui dormir. Estive a olhá-la durante quatro horas. Tinha quase a certeza de que ela, na manhã seguinte, me comeria — eu não era para ela demasiado importante. Não consegui suportar a ideia. Gostava demasiadamente dela para o permitir — ela era para mim importante, era a única importância realmente importante.

Levantei-me. Olhei as horas. Ajoelhei-me ao seu lado. Aproximei-me do seu ouvido esquerdo e segredei-lhe:

— Porque gosto de ti.

Imediatamente, dei-lhe uma pequena dentada na cara, por onde lhe fugiu a vida. Fiz isto para ficar para sempre com o seu gosto na boca, no estômago, na cabeça.

Quarenta anos são passados. Ainda vivo, embora penosamente. Para sobreviver, fui comendo os meus pés, as minhas pernas, até às coxas. A todas as horas, mantenho relações sexuais com o seu cadáver, que está intacto. Todos os dias, de manhã e à noite, trato dele.

Eu sei que, mais dia menos dia, me como todo. No entanto, resta-me uma grande e realmente satisfação: CRIEI O PRIMEIRO CADÁVER DA TERRA.

Hoje estava para...

Tenho de comer para subsistir. Ela é realmente importante.

O SUPER-HOMEM E O BARCO: A CIDADE QUE NÃO DEVIA EXISTIR

homenagem do autor à cidade Maldiz, no 545.° aniversário da sua autodestruição

INTRODUÇÃO E PREFÁCIO - EXPLICATIVO

O PRIMEIRO PROBLEMA que se levanta é o de saber se a autodestruição da dedicatória se refere à cidade Maldiz ou ao autor. Com efeito, o tom de ambiguidade dado pelo possessivo «sua» destrói qualquer tentativa de análise científica da dedicatória, pormenor esse que concorre para a universalização do escrito. E ainda bem.

Depois, seguindo a linha analítica usada no parágrafo anterior, temos que o termo aniversário é falseador da realidade. Propositadamente, com efeito. Na medida em que uma instituição é dominada por situações-palavras-chaves, tem que se proceder à eliminação da alternativa ganhar-perder, porque o aniversário é, evidentemente, a consagração de uma luta perdida antes de estar ganha (ou mesmo que se ganhe).

E porquê o 545.°? Não tem explicação possível-plausível. Na verdade, deve tratar-se de mais uma inibição do autor. Assunto a ser consultado em qualquer jornal diário (vespertino, de preferência).

Maldiz, cidade, autor, homenagem são situações que só existem na imaginação do autor e às quais, portanto, só se deve dar a atenção que merecem.

Passemos às razões que levam o título a ser determinante: «o super-homem e o barco: a cidade que não devia existir». Trata-se, como é natural, de uma narração ou crónica que, não pretendendo ser de antecipação, consegue, no entanto, mostrar até que ponto uma determinada acção de recusa de um jogo franco e aberto é recusada pela imaginação do autor até à exaustão.

Mais não é preciso introduzir, prefaciar ou explicar. Passemos ao primeiro episódio, ao qual se seguirão mais uns sete ou oito, conforme o nascimento (auto) de todas as cidades Maldiz o permitirem.

Maldiz, 16 de fevereiro de sei lá e 72

I — O NASCIMENTO DO BARCO. ANALOGIAS

PROCEDE-SE como se de um acto sexual se tratasse. O orgasmo é determinante no período dos acabamentos. As viagens que futuramente irá dar são o seu afogamento sexual progressivo. Os dois barcos uniram o seu destino. Nessa noite, por entre o gozo dos marinheiros, o barco e a barca deitaram-se (à água) para a função e conservação da espécie. Dois dias depois (os sete meses humanamente prematuros) nasceu um barco branco com um super-homem no porão. Os marinheiros fugiram e ouviu-se a voz de Neptuno — transformado em peixe — dizer:

— «Este é o meu filho bem-amado.»

Eu estava lá e fiquei estupefacto. Intermináveis cordões de polícias cercavam o acesso à arena. Ninguém podia sair do recinto: éramos obrigados a assistir aos jogos (panem et circenses), na presença do imperador Navio I. Perante a minha surpresa, os marinheiros começaram a encher a arena de baldes de água. Ficámos completamente encharcados, afogados, e rimo-nos.

O primeiro combate foi entre um bárbaro paquete e um, um não sei o quê, porque, incapaz de assistir a tão desumana manifestação, nadei vigorosamente durante quatro dias e quatro noites, ao fim das quais consegui agarrar-me a uma tábua de um naufrágio e descansar. Passados seis dias aportei a uma ilha. Dois barcos esperavam-me para terem relações sexuais. Disseram-me a sua pretensão. Como eu não desejava ficar muito tempo naquela ilha acedi aos seus cio-sos pedidos e fiz-lhes uma confortável cama com a melhor água que encontrei.

Passados os sete dias da criação, o (meu) barco Salvador, anunciado pelos profetas no Antigo Diário de Bordo, nasceu. E à ilha deserta acorreram marinheiros, capitães de fragata e três almirantes chineses que seguiram uma bússola. Quando os apanhei no cais, matei-os todos com um punhal. Não queria testemunhas. Claro que também matei os pais. Foi durante a noite, quando o pai lia «As Aventuras da Arca da Aliança em Paris». A mãe, conservadora, lia o «Diário de Bordo do Cozinheiro». Foi muito fácil. Aproximei-me pé ante pé e, com uma palhinha, chupei a água toda que havia em redor. Eles agarraram-se um ao outro, gritaram e tiveram uma morte horrível. Até eu fiquei impressionado e cheiinho de sede. Possuía, finalmente, o barco Salvador.

Saltei-lhe para dentro, eu, Super-Homem. Estava acabado o primeiro episódio e, simultâneamente, o Antigo Testamento, digo, o Antigo Diário de Bordo.

II — O NAUFRÁGIO DE DEUS

NAUFRAGUEI à vista de Maldiz. Primeiramente, fiquei surpreendido. Depois, comecei a nadar, seguido pelo barco. Não sei quanto tempo nadei. Adormeci, entretanto. Só acordei quando ouvi mil virgens, entre os dezoito e os vinte anos, a cantar hossanas, em meu louvor, suponho. Estava novamente no recinto de jogos (panem et circenses). Gritei :

— Amaldiçoado seja quem urinar no meu barco.

Todos os presentes, as virgens e até o próprio imperador, levaram a mão à face direita, onde tinham um apêndice em forma de pénis, puxaram e esvaziaram-se, com um barulho ensurdecedor ; 300.001 balões (eu explico : cem mil virgens, mais duzentos mil espectadores — 300 espartanos, dez mil retirados de um livro de Xenofonte e 189.700 indiferentes — e um imperador) esvaziando-se simultâneamente.

O meu barco riu-se.

Este episódio acaba assim, porque não é Humano estar a penetrar na intimidade Divina : eu estar a entrar na minha intimidade - divindade.

III — A CIDADE E O SUPER-HOMEM

«ONTEM, ao fim da tarde, registou-se uma tremenda explosão na martirizada cidade Maldiz, explosão que foi acompanhada de risos. Deus ordenou um rigorosíssimo inquérito para determinar as causas desta brincadeira e apurar responsabilidades. A nossa redacção resolveu contactar telefonicamente com a cidade. Transcrevemos, para juízo crítico dos leitores, o diálogo travado :

Jornal — Está lá ?
Cidade — Por enquanto, estou.
J — Então, o que é que se passa ?
C — Olhe, sinceramente, ainda não me refiz do que se passou. Mas eu lhe digo : tudo isto é muito estranho.
J — Sim, tudo isso é muito estranho. Bem, não a maçamos mais. Boa-tarde e felicidades.
C — Felicidades para si. Olhe, está lá, não publique nenhuma fotografia minha, está bem ?
J — Fique descansada, cidade!»

(Notícia tirada de todos os jornais, da coluna dos acontecimentos mundanos e citadinos).

O SUPER-HOMEM, naquela noite, estava inquieto. E não era para menos. Ela tinha-o chamado à sua presença. Super-Homem rezou. Ela estava deitada no seu trono-cama. O conlúio durou a noite toda. A determinada altura, ela submeteu-o a apertado interrogatório. Ele respondeu a todas as perguntas, sem hesitar.

Ela, como paga, deu-lhe uma dentada na cara. Ele gostou, apesar de lhe ter doído.

Super-Homem, deus da cidade, estava mais uma vez afogado. Ela segurava-lhe na cabeça.

De repente, o barco saltou-me para cima. Deus, o super--homem da cidade, destruiu-se, dizendo:

— NÃO QUERO MAIS CONVERSAS.

EPÍLOGO

O BARCO E A CIDADE: O SUPER-HOMEM QUE DEIXOU DE EXISTIR.

(ouve-se, ao longe, chorar uma virgem)

AVENTURAS NAS LONGAS/LONGÍNQUAS ESTEPES DOIRADAS

NESSE TEMPO, ainda eu era uma esperança, acalentada pela imaginação febril do sexo de meu pai. Estive presente, algum tempo antes de passar à realidade (um mês? um ano? uma hora?), no mais estranho, doloroso e cómico concerto de toda a minha vida. Gostaria de o poder descrever, mas não posso, porque quando (e sempre que) tentei sistematizar os factos, verifiquei que havia uma justaposição entre Eu, cadáver--aborto, e o Poema. Os problemas do Poder começaram nessa altura a pré-ocupar. Foi então que num jardim das estepes a encontrei. Vinha... linda: o braço direito, cortado pelo cotovelo, o braço esquerdo segurava a parte cortada do braço direito, cuja mão acarinhava os seus seios. Na sua boca, e como se fosse um cigarro, o resultado da sua última aventura/devaneio amoroso: metade de um pénis!... Olhei para o céu. O Divino Marquês, sentado no seu trono, abanou afirmativamente a cabeça e fuzilou-me com um sorriso cúmplice, para, minutos mais tarde, gritar: «Essa sádica, ah! ironia, castrou-me». Ajoelhei-me: era para nascer nesse momento. Mas meu pai arrependeu-se, expulsando-me nessa altura da sua casa/pénis. Mas, filho pródigo, voltei a entrar, numa noite de inverno em que meu pai escrevia um livro (suponho que era «André Breton e a inflação»).

Nesse tempo eu ainda era uma aposta, gritada pela boca de minha mãe. Foi nessa altura que não pude resistir à tentação de ir com Ela para a cama, apesar de. Eram duas horas e trinta minutos da noite de dezassete (ou dezoito?) de Janeiro de 1981.

Faltavam exactamente quatro segundos para eu nascer. Fui com ela. Desta vez já tinha os braços bons. Trazia a chave do carro na mão. No carro tinha-me deixado amordaçado para sempre. Fui com ela para a cama (talvez em sonhos?). Não, não me amordaçou, pelo contrário, despiu-me todo até verificar que eu ainda não tinha nascido. Pareceu sossegar. Chamou um cão, que tinha seios de mulher enxertados no lombo. O cão e ela começaram a acariciar-me. Foi nessa altura que eu nasci.

5 de fevereiro de 1952 — Ao meio-dia e meia-hora nasce, num prédio da rua luciano cordeiro, um robusto bebé do sexo masculino, a quem foi posto o nome de Autor, filho de Pai e de Mãe, ambos com a mesma profissão: humanos.

18/19 de janeiro de 1972 — Às tantas da manhã, numa rua de lisboa, nasce, pela terceira ou quarta vez em três semanas, um homem de 20 anos, que dá pelo nome de Não Autor, cujo único crime foi ter visto a castração do Divino Marquês. Levado para os calabouços da polícia, aí foi torturado. Acompanhou-o neste doloroso transe Ela, que acabou por vir a ser acusada de cumplicidade. (ela fez bem em ter deitado fora a metade do pénis, que até tinha o selo real do Marquês)

(dos jornais)

A REVOLTA foi nesta altura. Ela e eu caminhávamos à frente, seguidos de 23 esqueletos completos, 4 caveiras, 1 pénis (o meu) e cinco cinturas pélvicas femininas (as dela) embalsamados. Os generais não resistiram mais de dez minutos. As suas cabeças serviram para as relações sexuais dos nosso cães, para

o apoio à infância, para espantalhos das estepes: eu e Ela comprámos uma tipografia e mandámos imprimir 140 milhões de cartazes com a seguinte frase: «Um general morto não é uma cabeça perdida». O sucesso foi enorme. Todos os soldados da nossa estepe passaram a frequentar a escola de generais e, uma vez atingida a promoção, suicidavam-se, oferecendo as cabeças ao Centro Nacional de Investigações Sexuais e Similares, com sede para o lado norte da estepe.

A Revolta aparece nesta aventura como um mero episódio marginal ao qual não se deve dar muita importância.

NESSE TEMPO comecei a rejuvenescer. Nesse tempo eu era a juventude florida pelos desejos dela. Era no tempo do reinado das deficientes-motores. Eram umas quinze ou vinte, todas com defeitos extraordinariamente perfeitos. A líder tinha imediatamente ao lado do olho esquerdo um orifício que não tinha fim e onde se podiam ver: bibliotecas (municipais e itinerantes), bordéis, casas de castração, canis e, no fundo longínquo do túnel, uma estepe doirada onde eu me via com ela, flagelando-a com um chicote feito de músculos de minha antiga companheira, que comi no jantar de ontem, juntamente com Ela. Muito boa. A amante da líder, à qual estava ligada pelo fio umbilical, tinha nas costas 8 pénis 8 que, quando a abracei, se excitaram de tal modo que foram fazer carambola num bilhar situado numa sociedade recreativa existente no orifício da Líder.

20 ANOS. Elas começaram a habitar-me. Eram muitas, das mais diversas formas, loiras, morenas, coxas, centauros, pégasos, cobras, cabras, ninfas, livros, livros, livros, areia, praias. Elas, as trevas, começaram a habitar-me.

E houve a explosão. Levado pela mão de um Ancião (Marquês? meu pai?) fui à Grande Caverna das Lavagens de Personalidade. Tive medo. Ela estava lá. Convenceu-me (convenci-a?). Mandou-me despir. Obedeci e saí pela porta das traseiras onde uma vulva enorme com corpo de águia me sufocou.

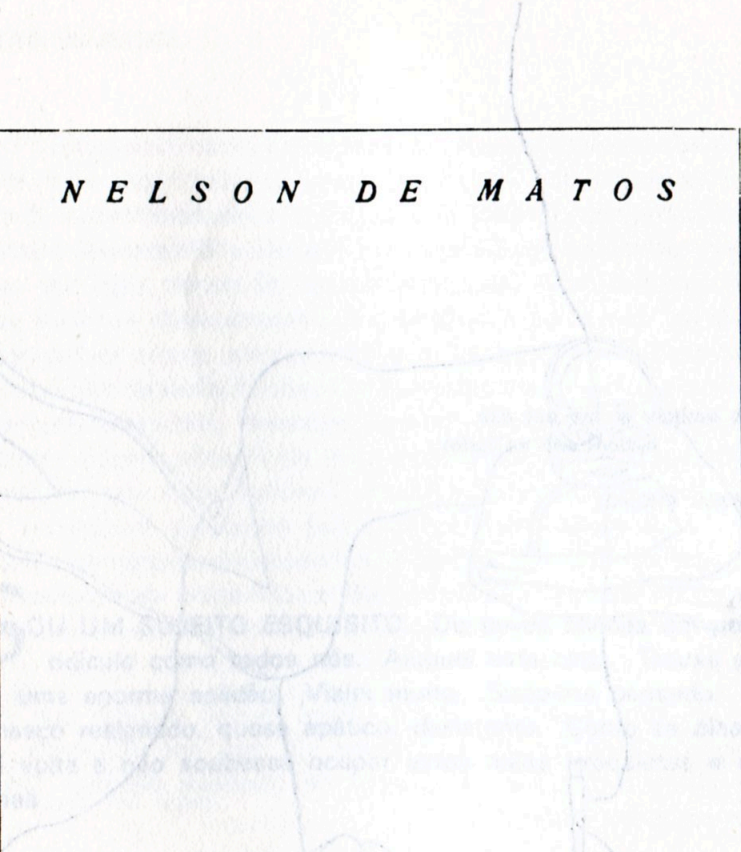
Matei-me-nasci-de-novo. Desta vez num estranho monte, habitado por seres misteriosos, que corriam uns atrás de outros, num estranho jogo que não percebi. Estavam (ao que suponho) nus. Dividiam-se em dois tipos: os que tinham um invulgar apêndice junto da confluência das duas pernas e os que tinham nessa mesma zona um rasgão. Para efeitos da narrativa, passarei a designá-los por Apêndices e Rasgões. Os Apêndices corriam atrás dos Rasgões e, quando os conseguiam agarrar, entregavam-se a estranhos movimentos de penetração que deviam dar origem a sangue — porque, esqueci-me de dizer que, o apêndice terminava em ponta de lança, bastante aguçada. Devia ser terrível--bestial-muito bom.

Mas o meu pai não me deixou continuar nesse monte («Não tens idade para isso», dizia-me ele) e trouxe-me (fez-me nascer) de novo, embora a sua vontade não tivesse interferido neste processo: a minha mãe, já envelhecida, e Ela, esperavam-me.

— Como vais? — perguntei a Ela, à maneira de cumprimento.

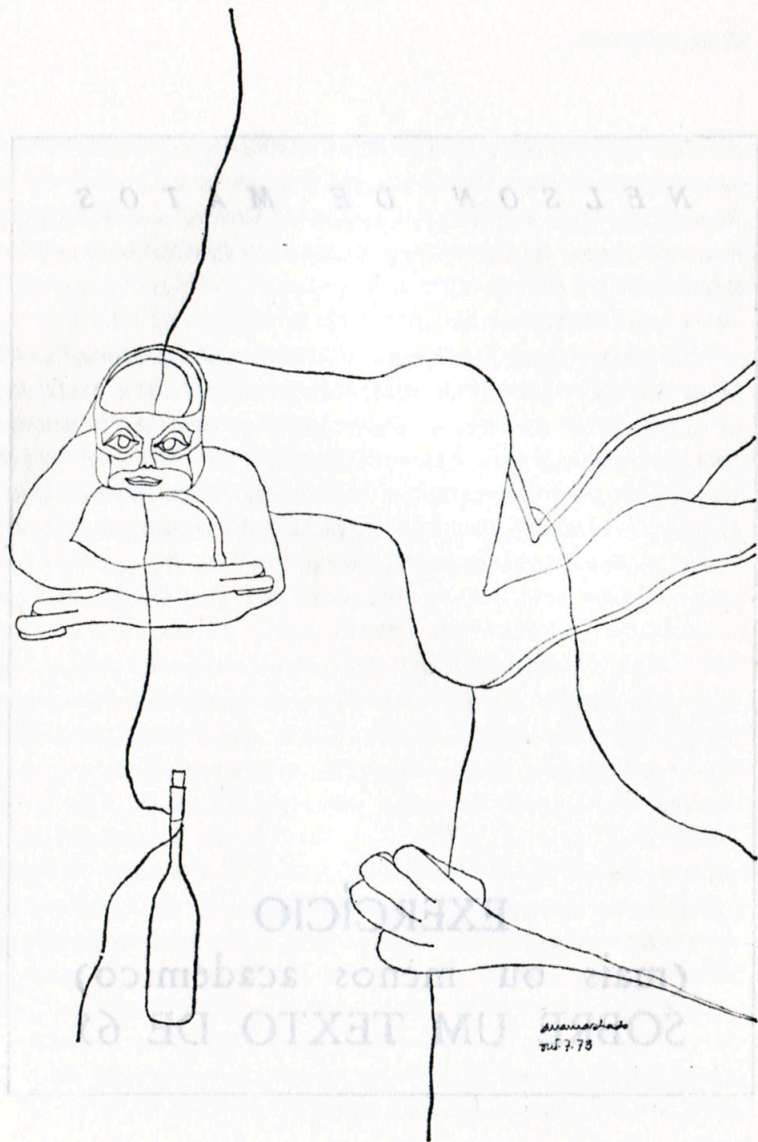
— Vou!... respondeu-me.

O mais curioso é que foi mesmo. Castelos, janelas nos prédios, jardins, fronteiras, castelos com palmeiras, janelas nos

prédios altos, jardins suspensos, fronteiras guardadas, lindos castelos, janelas manuelinas em prédios altos, o jardim do Campo Pequeno, a casa fronteira, o castelo do Conde Lautréamont, janelas com pássaros, jardim zoológico, o contrabando na fronteira. Sou por Ela.

Nesse tempo, comecei a envelhecer, contente pela virilidade de Ela. A Trindade: Pai, Mãe e Autor, tinha dado lugar ao primeiro casal da terra — Ela e eu. Foi quando fiz um ano e o pelotão me executou. Fiquei satisfeito.

A mulher-líder voltou a chamar-me. Fui. Pôs-me um pé na boca e mandou-me embora dizendo «para não te esqueceres». Já não me recordo do resto.

N E L S O N D E M A T O S

EXERCÍCIO
(mais ou menos académico)
SOBRE UM TEXTO DE 65

Desenho de Ana Machado

«Le fou est la victime de la rebellion des mots.»

EDMOND JABÈS

SOU UM SUJEITO ESQUISITO. Ou talvez apenas um pouco ridículo como todos nós. Aluguei esta casa. Trouxe para ela uma enorme solidão. Viajei muito. Sinto-me cansado. Um cansaço resignado, quase apático, desistente. Como se olhasse em volta e não soubesse ocupar estas mãos irrequietas e nervosas.

Se bebêssemos?

Você disse há pouco que a minha casa era excessivamente confortável. Também me pareceu compreender o seu sorriso. Um sorriso é sempre uma forma de distanciação. Como se nos puséssemos à margem das coisas, como se nada tivesse a ver connosco. Você ainda é dos que sorriem. Conheço duas espécies de homens: os que ainda sorriem e os que já só sorriem.

No fundo sorriem todos — é sempre a mesma porcaria. Você deve pertencer aos primeiros. Acertei? Não? Mas isso agora pouco interessa. Mobilei a minha casa confortavelmente. É uma defesa como qualquer outra. Saio pouco. Ultrapassei a minha fase deambulatória. Tive necessidade de recriar aqui um certo universo, uma certa simulação. Universo fechado — talvez você tenha razão. Tenho alguns quadros originais, outras tantas reproduções, e livros, sobretudo muitos livros. É através deles que às vezes sinto que a vida se nos recupera. Vê estas estantes? Tenho aqui poesia, romance, teatro; ali filosofia, ensaio, astrologia... Ouve esta música? É Bartok. Também tenho uma boa discoteca. E objectos. Muitos. Objectos estranhos modelados por mãos desconhecidas. Mãos dos homens deste mundo. Recordações da minha fase deambulatória. Símbolos de religiões que não conheço, de ritos que nunca pratiquei, de costumes que não entendo.

O seu sorriso cansa-me. Você parece alguém que está sempre do lado de fora das coisas, do lado dos vitoriosos, dos que vivem embalados na garantia de existirem sempre. Contra tudo e contra todos.

À noite, quando a insónia me incha as veias, venho até aqui e ponho-me a ler um compêndio de astrologia. É um mundo inquietante, o dos astros. É o espaço que se abre, as distâncias infindáveis, tudo o que ainda ignoramos. Você já pensou nessa coisa estranha que é todos eles estarem suspensos no espaço? Matéria atrai matéria na razão directa das... sim, eu sei. Mas uma lei não chega para nos dissolver a inquietação. Tão-pouco para no-la explicar. Somos uns bichos complicados.

Depois volto para a cama. Tomo umas pastilhas. Tomo-as todas as noites desde há anos. Mas continuo a não dormir. Lá em cima os astros velam. Lançam sobre mim uma agressividade de séculos, feita de histórias ouvidas em criança, de filmes, de livros, de toda essa trampa que nos atiraram para cima. Só lhes sabemos os nomes. Um nome... uma arbitrária conjunção de sons, um movimento. É então que penso em tudo o que ainda desconhecemos. De como viajei tanto mas foi como se não tivesse saído do mesmo sítio. Um círculo. Um marcar passo em torno das mesmas obsessões. Dos mesmos fantasmas.

O que é que prefere? Gin? Conhaque? Beba um pouco. O álcool é uma força oculta, um apelo à imaginação. Como o amor. Ou a droga. Há uma parte de nós que subitamente se revela, adquire uma consistência que lhe não sabíamos. O inconsciente? Talvez. Todos os médicos me explicaram isso. Com as mesmas palavras, os mesmos gestos. Quero que se lixem, os médicos. Penso nisso cada vez menos. Mas em contrapartida bebo cada vez mais.

Pare de sorrir, por favor. Você irrita-me. Chame-me burguês, fascista, esquizofrénico, o que quiser. Mas pare com esse sorriso idiota. Sorrir é também uma forma de acusação — quem é que dizia isto?

Às vezes ponho-me para aqui a pensar no significado da nossa presença no mundo. Que é que quer, são daquelas coisas em que se não pode deixar de pensar. É a religião católica, é a

família, é a pátria. Tudo isto nos ensinou e repetiu que deveríamos interrogar-nos constantemente sobre o nosso próprio destino. Não podemos deixar de o fazer.

Sento-me nesta cadeira, deixo um disco a rodar sozinho, o cigarro aceso, o copo cheio deste vinho miraculoso... todos os ingredientes necessários. Então vêm os grandes pensamentos sobre o nosso destino individual e colectivo. Séculos de história. Séculos de sabedoria acumulada. Para quê? Que sabedoria? Qual história? Vou desistindo de pensar. É tudo tão complicado. Ou tão evidentemente fácil. Parece que nada tem a ver connosco. Um dia morremos e acaba-se o problema. O que devemos é esgotar a vida — como agora se diz. A morte que se lixe.

Meu pai, era eu ainda um garoto, suicidou-se. Opôs a morte à vida, disse-me depois um velho professor de filosofia. Sabe o que é que isto quer dizer? Eu também não. Mas às vezes ponho-me a pensar: opor a morte à vida. Não há dúvida; é um sublime disparate.

Não percebo porque é que você acha graça ao que eu digo. É preciso que tome atenção: tudo isto que o faz rir digo-o eu com amargura. Nisso reside a nossa diferença. Você diz que há fome e que não pode fazer nada, ou outra coisa qualquer. Muito bem: há fome. Mas a mim isso amarga-me, percebe? Faz parte das minhas culpas. Do que não fui capaz.

Beba mais um copo.

Às vezes pensava-me diferente dos outros. É uma fase por que também passamos todos. Via as pessoas correrem, gritarem, agitarem-se euforicamente. Punha-me à janela. Espantava-me, confesso-lhe. Espantava-me toda aquela energia perdida, inutilizada, desperdiçada. Viajei muito, como lhe disse. Sinto-me cansado do movimento das grandes cidades, do barulho, do passear das raparigas, da alegria sem razões. Então gritava cá de cima, da minha janela. Insultava as pessoas. Fascistas, cabrões, o que me vinha à cabeça. Ou então mudava rapidamente de cidade. Ia para outro lado, atravessava a lentidão dos rios, subia às grandes e inóspitas montanhas, procurava o calor húmido dos trópicos ou os gelos cortantes do pólo. Mas era tudo a mesma coisa. Foi o que fizeram de nós. Cópias uns dos outros. De tal modo que às vezes parece que nunca deixámos de andar à volta e que regressamos sempre ao mesmo sítio. À fluidez dos mesmos rostos. Ao corpo das mesmas mulheres.

Então um dia fechei-me em casa definitivamente.

Sentia-me cansado. Inerte. Apeteceu-me de repente a calma de uma existência sedentária. Os amigos preocuparam-se. Vieram ver-me. Quiseram saber o que se tinha passado. Falei-lhes então dessas cidades onde a vida se agita, dos sorrisos e do corpo das mulheres, do amanhecer cinzento dos trópicos, do sol brilhando nas montanhas de neve, dos bares, das planuras imensas onde o tempo acaba. Eles não quiseram acreditar. Este país tinha-os já corrompido demasiado. Não podiam entender que a existência errante também cansa. Olhavam espantados para o meu rosto ressequido, para as minhas mãos tremendo nos joelhos, para esta casa a que você chama excessivamente confortável, para estes

objectos esquisitos, símbolos de ritos que nunca nos será possível entender completamente. Somos um país de fracos recursos. Mesmo os mentais. Escapa-nos quase tudo o que não conseguimos enquadrar nos nossos esquemas monolíticos. Os esquemas que nos ensinaram nas escolas, nos serões familiares, na catequese, nos partidos políticos a que nos ligámos. Somos feitos de ideias feitas. De estereótipos.

Os amigos ficaram portanto muito espantados com toda esta desorganização. Foram-se embora preocupados. Contar a outros amigos. Alguns vieram confirmar, com o ar de quem faz uma visita de rotina. Depois, aos poucos, acabaram por desaparecer. Hoje quase ninguém me visita. Nem as mulheres. A não ser, a espaços muito largos, uma ou outra prostituta desamparada em busca de cama fofa e de um copo de vinho da Malásia.

Pus-me então a escrever histórias acerca da vida. Histórias complicadas, sinuosas, cheias de sentidos ocultos. Escrevo-as em várias línguas — algumas que eu próprio não conheço. Quebro-lhes o sentido. Misturo tudo.

Mas às vezes inquieto-me. Quem é que vai ler as minhas histórias? Os tipos como você? E vão entender-me? Vá, não sorria, sabe perfeitamente que isso pode ser uma questão essencial. Que poderei eu dizer aos tipos que como você pensam que já sabem tudo acerca da vida? A mulher, os filhos, o emprego, a renda da casa até ao dia oito, de longe em longe a pequena aventura extra matrimonial, a pequena bebedeira... Que lhe poderei eu dizer? Em que é que o seu mundo tem a ver com o meu? No que suportamos? Nas referências comuns que nos polarizam? E isso será bastante?

Não, não é nada disso. Não tenho preocupações nenhumas a respeito do que se chama a Literatura. Estou-me nas tintas. Tenho até um profundo desprezo pelos literatos, pela literatura que aqui se vai fazendo. Parecem-me todos muito pequeninos, muito preocupados com pequenas coisas. Isso não interessa nada para o caso. Escrever é uma forma de me opor ao universo em que vivemos, de reinventá-lo, de destruí-lo, de lhe atirar à cara este nojo sem fim. Nada disto tem a ver com a literatura que se ensina nas escolas. Toda a escrita é uma porcaria — dizia-o um senhor chamado Antonin Artaud. Quem sabe se eu não acabarei ainda por compreender o meu velho professor de filosofia. Opor a morte à vida. Talvez eu oponha à vida as minhas histórias acerca da vida... da outra vida. Qual outra vida? A dos sonhos, naturalmente. A das nossas mais fundas obsessões.

Você começa a fazer perguntas. Gosto das pessoas que fazem perguntas. Revelam a sua inquietação, o seu espanto. Que poderemos nós fazer, aliás, senão perguntar? Perguntar e nunca concluir. Só se explica o que é de pedra e imutável. Tudo o que é da vida é sempre surpreendentemente novo e indefinível. Às vezes parece-nos que encontrámos uma verdade definitiva. (Curioso; veja esta linguagem: uma verdade definitiva. É profundamente ridícula e sem o mínimo de sentido). Mas logo outra verdade se nos apresenta como pela primeira vez. E outra, até ao infinito. Como vê, não podemos estar seguros de nada. Cons-

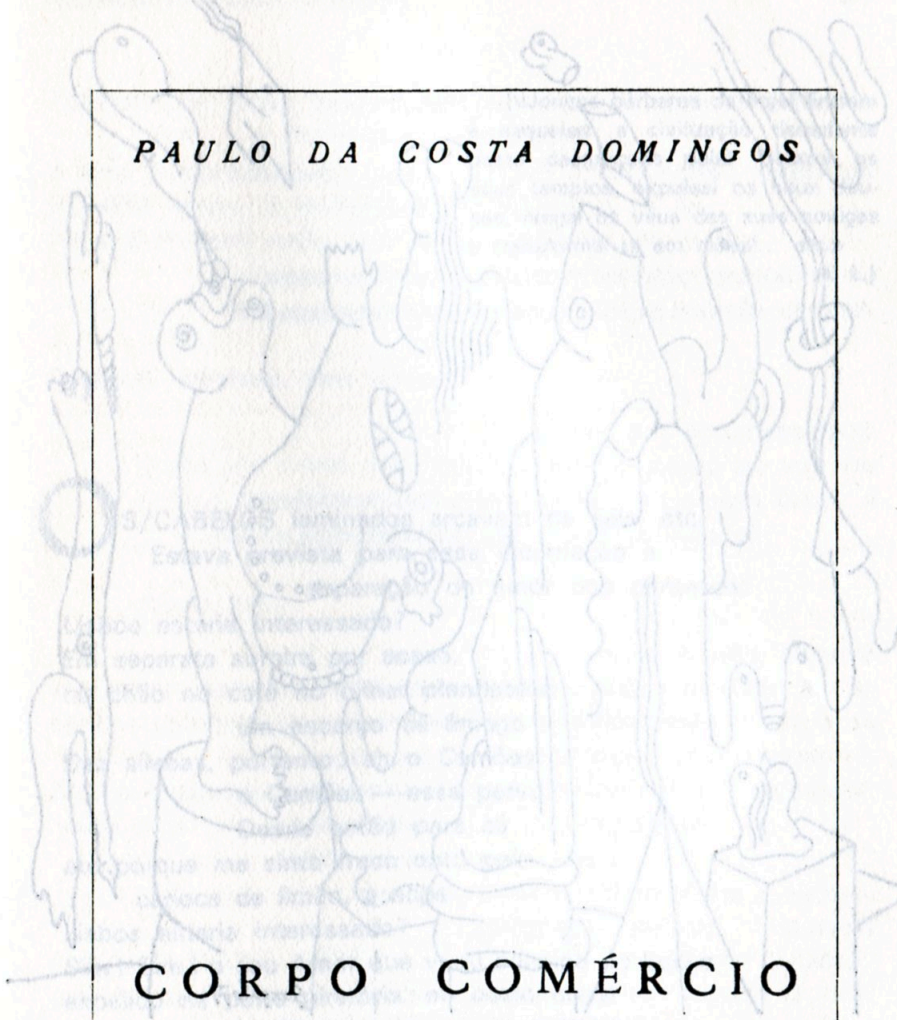
truímos para destruir. Procuramos. E é essa procura que nos entusiasma e faz vibrar. Como no amor. Ou as viagens. Ou a droga.

Mas não falemos agora do amor. É um assunto demasiado labiríntico. Amei uma mulher. Tivemos um filho. O filho morreu, a mulher abandonou-me. Desagrada-me sempre falar disso. Sim, reconheço que o amor pode ser o centro da vida de um homem e todas essas outras coisas que você disse. Concordo plenamente. Digo-lhe até que sem o amor não existimos. Mas deixe-me agora, ao menos, ter ideias seguras acerca de mim próprio. Hoje amo todas as mulheres, todas as coisas deste pobre universo que nos deram para viver. As pedras, as flores, os astros — sobretudo os astros.

Um dia minha mulher disse-me que eu era louco — esquizofrénico, creio que foi o que ela me chamou. Que passava as noites a olhar para ela passando-lhe as mãos pelos cabelos. Louco, veja bem. Louco por lhe dizer que o seu corpo era como um pequenino planeta, cheio de crateras, doces montanhas, sombrios vales, riachos profundos. Depois o filho morreu. E eu nunca mais pude olhar para ela, passar-lhe as mãos pelos cabelos, deitar sobre o seu corpo o vinho da manhã.

Foi-se embora. Um dia quando cheguei a casa, ela já não estava. Levou-me os móveis, os livros. Levou-me tudo. Desapareceu como num eclipse solar. Nunca mais a vi. Talvez se tenha despenhado, como um meteorito, nas areias de um deserto. Dela talvez ainda reste uma pequena cratera com arestas angulosas. Fui então viajar.

Mudemos de assunto. O amor agora não me interessa. Pelo menos sob estas formas arcaicas, nesta linguagem envelhecida, com este romantismo misturado. Fala-me de coisas muito antigas, da alegria que me chocava, da terna claridade dos dias do outono. Mas acredito no amor — não me julgue assim tão ressequido. Parece-me é que isso é uma coisa que só os outros devem viver. Eu já me sinto incapaz.

Hoje acredito em tudo o que você quiser. Passe-me aí a garrafa. Minha mulher não gostava de me ver beber. Dizia que me fazia mal ao fígado. Mas ela não sabia nada destas coisas. Às vezes lá me consentia apenas um copito. Ignorava completamente que se alguma coisa me fazia falta não era o vinho mas a bebedeira...

Você então ri-se. Com esse riso idiota, descolorido, de quem não sabe fazer outra coisa.

Já nada me interessa. Nem o seu sorriso, nem a porra desta vida que se não esclarece nunca. Sou um homem que procura o que talvez já saiba que não existe. Mas sei que não existe e continuo a procurá-lo. No rosto das pessoas, nos navios que se cruzam no mar alto, nos bares luminosos destas cidades envelhecidas, no corpo suave das mulheres. Não é nada uma contradição, acabe lá com isso. Quero que se lixem as opiniões dos tipos como você, quero que se lixe tudo, as vossas ideias feitas, os vossos gestos automáticos, o jogo mesquinho a que se entregam uns com os outros. Eu não me contradigo. Invento. Invento tudo. Em cada instante. E se quiser também lhe posso

contar que nunca tive mulher, que nunca me morreu um filho, que nunca fui capaz de sair desta casa ou, ainda, que me estou nas tintas para a astrologia. O que eu quero é a posse. A posse das coisas. A imaginação delirante. Essa viagem tenebrosa ao centro de nós próprios. Quero lá saber do que lhe disse há uma hora. Quero lá saber que a garrafa esteja vazia. O que eu desejo ninguém mo dá. Sou eu que o conquisto. Com estas mãos tremantes, com a fúria, com os dentes. Com a revolta, sim, com a revolta contra os tipos como você, pequeninos, metidos numa merda a que se chama vida privada, família, lar, pátria, a puta que os pariu. O que eu quero não é coisa que se ofereça, que se tenha assim de perna traçada. Tudo isto é um artifício em que você não deixou de ser jogado. Esta casa, esta música decadente, estas histórias que lhe estive para aqui a inventar. Que é que queria? Que me lamentasse, que me pusesse para aqui a pedir-lhe desculpa por estar vivo? Nada disso, meu amigo. Quando me perco não são eles que me encontram. Sou eu que vou ao encontro deles. Sou eu que os acuso, que os desfaço, que lhes conquisto o que me não queriam dar. Sente-se aí nessa cadeira. Ouviu? Sente-se aí nessa cadeira. Conhece a história de um astro louco?

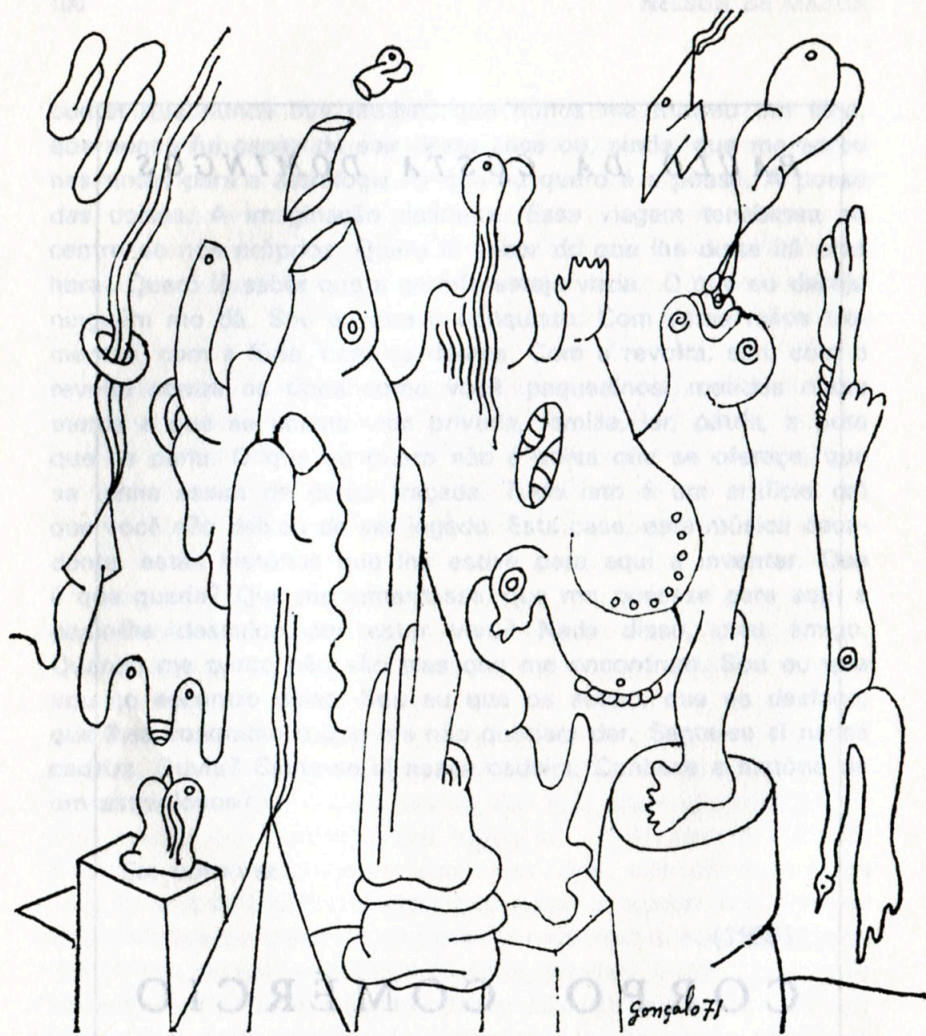
Era uma vez...

(1965)

PAULO DA COSTA DOMINGOS

CORPO COMÉRCIO

Desenho de Gonçalo

(«Jovens bárbaros de hoje! Entrem
e saqueiem a civilização decadente
deste desgraçado país! Destruí os
seus templos, expulsai os seus deu-
ses, rasgai os véus das suas noviças
e transformai-as em mães!... etc.»
A. L.)

a)

O S/CABELOS laminados arcavam os sais, etc.
Estava prevista para essa incarnação a
separação do amor dos pântanos:

Lisboa estaria interessado?
Em separata surgira por acaso,
no chão no café no bilhar planfletário
um escorço de âmago
Dez sílabas, portanto; ah o Camões,
o Camões — esse parvo.
Desde então para cá
até porque me sinto fraco opto pelo
carioca de limão, a sopa
Lisboa estaria interessado?
Sim ! Sim ! o seu Amor que voou consigo no bacilo
expelido na porta giratória, no outro canal
(UKW)
o berço o pássaruoou. Cabelos

sebentos na sopa, no café (especificamente
na Brasileira,
no Monte Carlo) com o Pessoa mesmo (dividido)
ali ao lado (ou o Camões,
quem sabe?)...
ao fundo um ruído de ondas que vêm de longe.
António Maria Lisboa estaria mesmo interessado?

Sobressalto-me nas manhãs
em que cai chuva rapazinho
e venho para a rua ver as meias-luas horizontais
as semi-cascas-de-ovo transparentes

Escrevo mesmo assim
oh rak rak não esqueças recomendar
ao teu clin d'oeil sobretudo a memória
do outro poema e que alinhave o seu uso
Sobretudo.
casaco
calça certamente UKW
o prego a entrar na carne santa do prado:
Ducasse Raglan Negritas
Gostava, hoje já não digo: o
fado. O homem mornamente se transporta
ressalta exemplifica, não O HOMEM DE TRÁS, mas o
do lado.

Tialfaiate vai torpe (comopessoamesmo),
vai o Pacheco da correcção
o seco o ogre o
HOMEM, então, O HOMEM DO CAIXÃO.
Ah o Dali tinha razão (pássaruoou!):
Cabelos sebentos nas suas montres moles
que persistem ainda hoje (olé!) aqui ao centro
no estômago.
Demente, estafado, sem tesão.

(havia um urinol com aquele velho
maluco que fazia coisas aos rapazes,
o Ramos da Almirante Barroso:

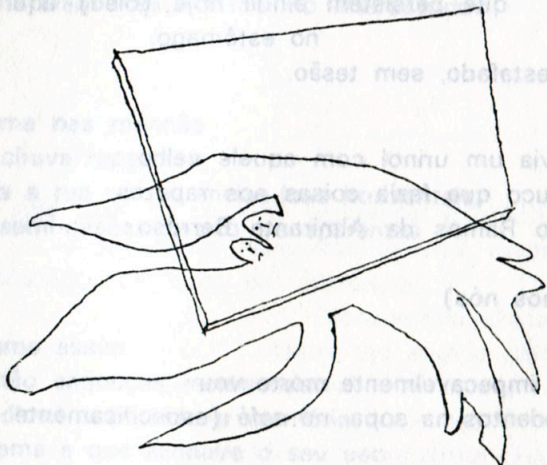
somos nós)

vou morto impecavelmente morto vou
cabelos sedentos na sopa, no café (especificamente

Dedico-meaescrevernosobressaltodasmanhãsestaspane-
leiricescom personagens regressos.

ANTÓNIO MARIA LISBOA
com AS carrapatas de jericos a escorrerem pus e
sangue, salpicadas de varejeiras peganhentas
ANTÓNIO MARIA LISBOA

Escrevo mesmo assim etc.

Para a incarnação do amor dos pântanos levo Klee
aconchegado no sovaco:

(les cloches sonnentt t no fundo do longe)

Gott steh' mir bei!

Afinal são as ferramentas dos homens.

Deixo o poeta idóneo na sua antecâmara a plantar
gaitas urtigas
no rodapé do seu deserto deixo
essa cega-rega de
aspirações legítimas

cabelos laminados para dar cabo
do canastro:

b)

CONHEÇO alguns fantasmas e
desato a escrever em torno da Bicha do Candeeiro
(Há que matá-la
em pleno suspenso esvoaçar:
uma borboleta? uma fufa?
UM ESGOTO!)

Aproxima-se-me o mordomo que tira da manga os seus
licores de água pesada — as velharias —, coisas
deitadas SOBRE O LADO ESQUERDO ante a estugnação
o denso lodo.

Acabara de chegar da lota

fresco, sem dúvida, um clangor
de terras e de vidas onde
as coisas, não se sabe, ecoam:

je parle de qui parle qui parle je suis seul
je ne

MATAI - LA!

e/desato a escrever em torno do
mordomo que tira da manga

um verso certamente um contrário
um slogan

E para quê o mágico o fictício cheio
de candelabros
de retortas
de teclas
(preto num branco
preto nu branco
preto no banco: terroristas!)
Ah sim! agora lembro: já
se falou do AMOR

— AMO LOGO EXISTO!
— QUE RIGOR BAPTISTA!

Sou p/ excelência o homem-de-café Sou
o berço
a infância: toda cheia de
júlio verme
outro qualquer júlio
ah sim! O AMOR, prá

quando não noutros sentidos
(: flecte-flecte, insiste-insiste:
deram-me corda pra toda a vida)
O que me escapa nas virilhas nas axilas
nos dentes ah sim! o amor de
lisboa com caspa nos ouvidos
todo cheio de benesses
(do stendhal, por exemplo)

dois pacotes de açúcar:
SEMPA TAMPA
SEMPRE TRAMPA
o penso higiénico
(logo existo
agora não me apetece
ah! ah!)
o penso abre a trampa:
dento

é inevitável
a literatura o grande símbolo da
NACIONALIDADE
está esquentada

(ah engole chicolates pequena
sofregamente,
esse bóbó bem feito... com sabor a chicolate

... e a metafísica, caramba!
engole: a tua refeição a sopinha
de modess
de tampax — já
escrevi o que é importante :
«cabelos sedentos na sopa...»)

não sei porquê mas ainda bem que estou vivo
CONHEÇO AGORA OS FANTASMAS
QUE ME DERAM CORDA AO RANCOR

— os pára-raios do momento.
les polikliniques du sang.

(três relógios distintos bateram: dez badaladas
ininterruptamente dez franja por franja meticulo-
samente recuadas no tempo: entre os rochedos de
Elói ou romance numa cabeçorra

aqui o abismo se inclinou
ante o sobressalto das manhãs?)

não sei porquê mas escrevo mesmo assim
para a incarnação do amor dos pântanos

: leoptanos de olhos hermos vacilam
nas poeiras do smell... etc...

c)

SUBI AO SÓTÃO sacudi o musgo do meu dada
subi realmente oito oitavas marginais
no render ácido das músicas:
rak rak que felicidade

a contemplação

a escrita

(deito a mão ao copo levo-o à
boca
dez quinze vinte
libriuns que importa se não chegam
para me matar a sede)

TAMBÉM A MIM UMA AMADA SE ME ESGUEIROU POR ENTRE
OS DEDOS NUMA POÇA DE SANGUE ENTRE AS
PERNAS

Não havia lençóis
nem fraldas
nem oiro
nem tranças a desfasar
nem matas ou pinhais tão-pouco

NUNCA HOUVE NADA NESTE SONHO
ácido de músicas.

Apesar de tudo do tempo ainda há
o Amor por aí com
os seus novos jogos de criança

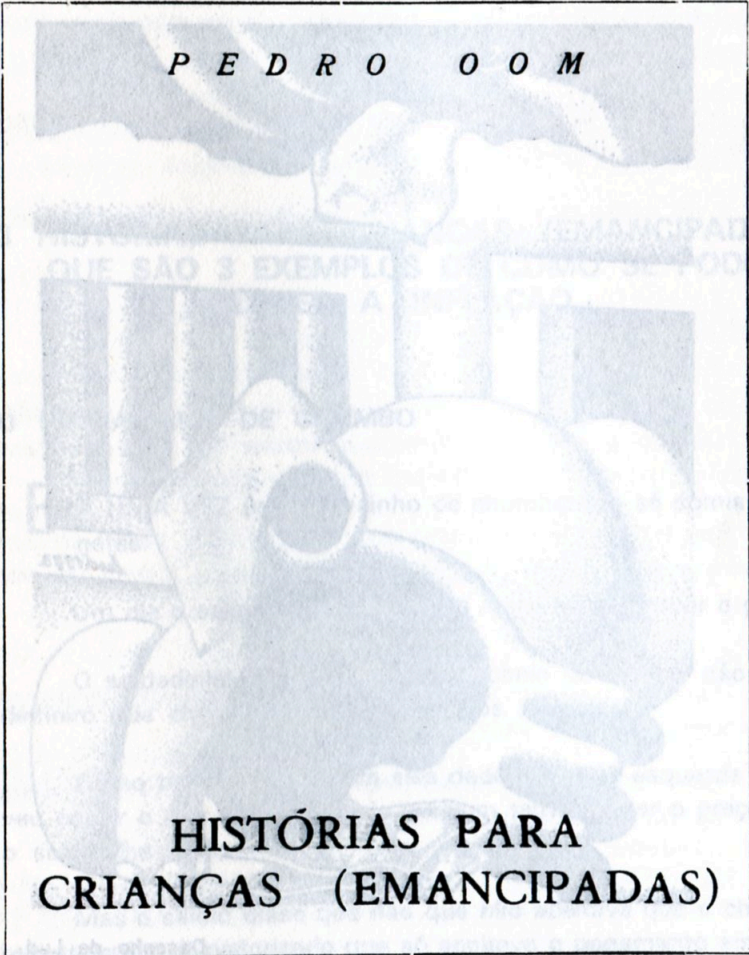
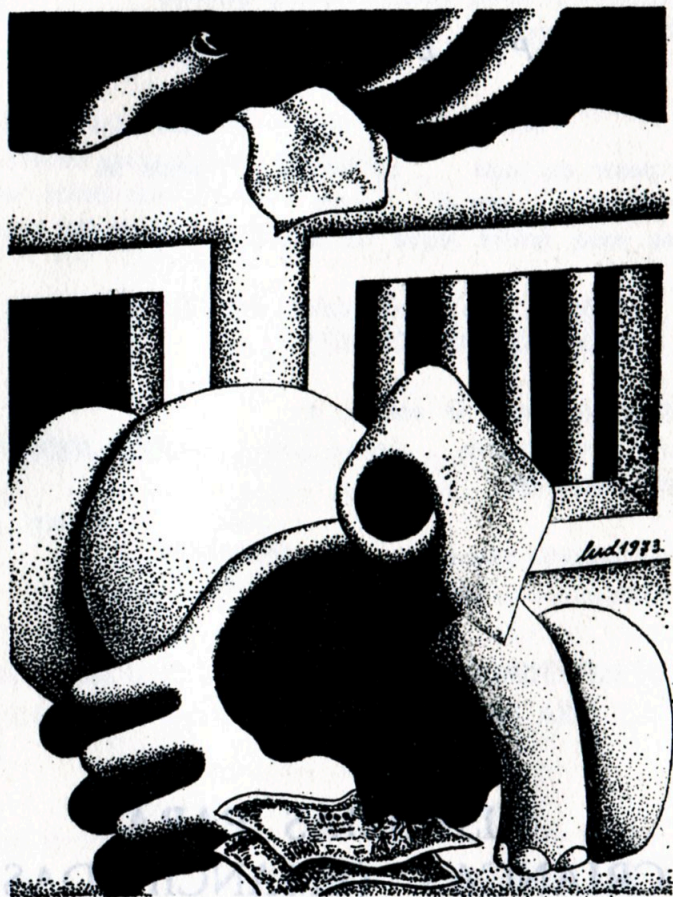
(Então, que é feito deles, dos
NOVOS AMOROSOS?)

Subi ao sótão: lá estava, a
um canto quieto ileso da fantasia como arma
da esperança

arrecadado
imóvel

num canapé de palhinha

P E D R O   O O M

HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS (EMANCIPADAS)

Desenho de Lud

3 HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS (EMANCIPADAS) QUE SÃO 3 EXEMPLOS DE COMO SE PODE DETER A INFLAÇÃO

O SOLDADINHO DE CHUMBO

ERA UMA VEZ um soldadinho de chumbo que só comia rabanetes.

Um dia o saloio que lhos vendia resolveu aumentar o preço.

O soldadinho de chumbo estava cheio de fome e não tinha dinheiro que chegasse para comprar os rabanetes.

Como tinha nascido com seis dedos na mão esquerda resolveu cortar o que estava a mais e assim tentar pagar o preço que o saloio lhe pedia.

Mas o saloio disse que não que não aceitava que o chumbo estava muito desvalorizado que só aceitava o pagamento em ouro ou prata.

Diante deste desaforo o soldadinho de chumbo ficou muito indignado.

Armou-se de um terço e de uma grossa Bíblia e desatou a disparar imprecações.

E foi assim que o soldadinho de chumbo ganhou a guerra.

O ELEFANTE DE OURO

NUM PAÍS das Arábias um vendedor de hortaliças que tinha viajado pelas Índias Orientais trouxe de lá um elefante pequenino.

Resolveu alimentar o pequeno elefante com papas de ouro em pó até que este ao chegar à idade adulta se tornou um verdadeiro elefante de ouro fino.

O ouro começou a escassear no país.

Viu-se o comerciante de hortaliças na necessidade de dar outra alimentação ao elefante.

Como as couves galegas eram o artigo mais barato passou a dar-lhe couves galegas todos os dias.

Mas como o elefante comia duas toneladas de couves a cada refeição o pobre comerciante teve de começar a dar-lhe outras hortaliças desde a couve portuguesa até à couve de Bruxelas.

Passou a haver uma escassez enorme de hortaliças no país.

O pobre comerciante na iminência de se ver arruinado teve de dar a liberdade ao elefante. Este coitado cheio de fome passou as passas do Algarve sem saber o que havia de fazer à sua vida.

E foi então que teve a ideia de se ir oferecer ao Banco Central.

O Director do Banco Central do Governo ficou radiante: as reservas metálicas do Tesouro estavam exaustas e o dinheiro não valia NADA.

O elefante passou a viver confortavelmente na casa forte do Banco.

E assim se equilibrou a circulação fiduciária do país.

UM TOTOBOLA PARA TODOS

NOS CONFINS da Ásia existia um povo muito infeliz.

Desde o Ministro ao simples camponês passavam todos imensas privações trabalhando vinte e quatro horas por dia a fim de pelo menos tentarem morrer decentemente.

Mas todos iam parar à vala comum.

Até que o Governo teve a ideia luminosa de instituir uma Lotaria Nacional (estilo Totobola).

O povo que desde há tempos vinha já resmungando: «mau, mau, de que vale trabalhar tanto se nem conseguimos amealhar para um enterro decente», aceitou a ideia, a princípio, com certa relutância.

Mas os felizes contemplados na lotaria logo tratavam do seu próprio enterro.

Os caixões eram de ouro fino ou madeiras raras cravejados das pedras mais preciosas: diamantes, rubis e esmeraldas.

Os cortejos fúnebres passavam a constituir alegres procissões com muitos arautos que apregoavam a glória do defunto.

Com a eliminação progressiva dos concorrentes, os restantes totobolistas adquiriram a certeza de ainda chegarem a ser totalistas.

Eliminada a insegurança quanto ao futuro aquele povo passou a ser um povo muito feliz.

2 HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS (EMANCIPADAS) QUE ILUSTRAM A DIFERENÇA ENTRE O AMOR FILIAL E O AMOR CONJUGAL

O COELHINHO QUE NASCEU NUMA COUVE

ERA UMA VEZ um coelhinho que nasceu numa couve.

Como os pais do coelhinho nunca mais aparecessem a couve passou a cuidar dele como se do seu próprio filho se tratasse.

Com ervinhas tenras que cresciam ao seu redor a couve foi criando o coelhinho dentro do seu seio até que este passou a procurar a sua própria alimentação.

O coelhinho, que tinha um coração muito bondoso, retribuindo o afecto que a couve lhe dedicava considerava-a como sua verdadeira mãe.

A mãe couve e o seu filhinho adoptivo foram vivendo muito felizes até que um dia uma praga de gafanhotos se abateu sobre aquelas terras.

O coelhinho ao ver que aqueles insectos vorazes devoravam tudo o que era verde cobriu com o seu próprio corpo o corpo da mãe couve e assim conseguiu que os gafanhotos pouco dano lhe fizessem.

Quando aqueles insectos daninhos levantaram voo os campos em volta passaram a ser um imenso deserto de areias e pedra.

O pobre coelhinho, que sempre tinha vivido nas proximidades da sua mãe couve, teve de deslocar-se para muitos quilómetros de distância a fim de procurar comida.

Mas já nada havia que se pudesse mastigar naquelas terras.

Passaram muitos dias e o pobre coelhinho estava cada vez mais magro mais magro e faminto.

Então a mãe couve disse-lhe assim:

«Ouve meu filho: é a lei da vida que os velhos têm de dar o lugar aos novos, por isso só vejo uma solução: assim como tu viveste durante algum tempo no meu seio passarei a ser eu agora a viver dentro do teu. Compreendes meu filho, o que eu quero dizer?»

O pobre coelhinho compreendeu e, embora com grande tristeza na alma não teve outro remédio, comeu a mãe.

O PORQUINHO QUE DORMIA DE COSTAS

HAVIA UM CASAL de porquinhos cujo único motivo de discórdia era a maneira como cada um deles dormia.

D. Porquinha durante o sono ia sempre mudando de posição. Esta maneira de dormir concorreu para que adquirisse as mais elegantes formas porcinas (redondinha que nem um barril).

Já o Sr. Porquinho tinha uma maneira incómoda de dormir. Deitava-se de barriga para o ar e assim permanecia durante o sono.

Por isso ressonava de tal maneira que por vezes acordava a vizinhança. E esta maneira de dormir provocava-lhe também tão grandes estremecimentos por todo o corpo que as pernas e os braços se agitavam em violento escoicinhar. E a barriga movia-se de tal maneira que mais parecia uma montanha a desabar.

De tanto dormir de costas o lombo, a parte mais apreciada da beleza na espécie porcina, estava liso como uma tábua de engomar.

D. Porquinha, depois que passaram a dormir em camas separadas, habituou-se à maneira de dormir do marido.

Um dia, o Lobo Mau conseguiu entrar em casa enquanto os porquinhos dormiam.

Foi-se à D. Porquinha e, enquanto ela se ia virando como um frango no espeto, foi-a deglutindo paulatinamente.

Acabado aquele repasto, como ainda estava esfomeado tentou também comer o Sr. Porquinho.

Mas neste caso foi mais difícil porque o Sr. Porquinho mesmo a dormir aplicou-lhe tantos pontapés e bofetões que o Lobo Mau teve de desistir, tendo só conseguido abocanhar-lhe um pequeno pedaço da parte de baixo da barriga.

Quando o Sr. Porquinho acordou percebeu logo o que tinha acontecido.

Depois de chorar a morte da esposa o Sr. Porquinho, que era um tanto filósofo, pensou lá com os seus botões:

«Afinal há males que vêm por bem, pois se não fosse esta minha maneira de dormir já estava a estas horas no papo do Lobo e assim a única coisa que ele me conseguiu comer foi um pequeno bocado que, aliás, até já nem me faz falta porque perdi a minha companheira.»

O LOBO SENHORIL

Nos TEMPOS do feudalismo existia um lobo que era dono de um magnífico castelo e de um imenso território: vastas pradarias, coutadas e terras de cultivo.

Os seus servos eram uma pequena legião de mastins, constituindo a sua guarda de corpo, cuja principal ocupação consistia na caça ao javali, ao veado e ao cabrito montês, que eram as peças fortes das refeições de Sua Alteza o Senhor Lobo.

A pequena hoste de mastins formava a classe nobre dos súbditos de Sua Alteza o Senhor Lobo. O Povo, os servos da gleba, que cultivava os frutos, as hortaliças e fabricava o vinho com que o Senhor Lobo acompanhava os seus pratos fortes, andava por cerca de uma dezena de milhar de ovelhas e cordeiros, mais coisa menos coisa. (Naqueles recuados tempos, em que ninguém sonhava com os «Recenseamentos Gerais da População», não havia possibilidade de ter-se uma ideia, aproximada que fosse, do número de almas verdadeiro sobre a Terra).

O Senhor Lobo, que tinha um coração terno, um coração de poeta, gostava imenso de flores, por isso começou a transformar as terras à volta do Castelo em jardins e parques que metiam num chinelo os famosos jardins do Palácio de Versalhes ou os ainda mais famosos jardins suspensos da Babilónia.

Aquela mania do Senhor Lobo foi alastrando de tal maneira que por fim as pradarias e as terras de cultivo ficaram reduzidas

a uns míseros hectares. E até as matas e coutadas não escaparam à paixão de Sua Alteza pela jardinagem.

O Povo, ao ver que as suas terras iam ficando cada vez mais minguadas, tentou fazer ver ao Senhor Lobo a insânia do seu procedimento. Mas os mastins, que constituíam a guarda de corpo do Senhor Lobo e que formavam uma hierarquia muito difícil de transpor, exigiam que os cordeiros e as ovelhas se deixassem tosquiar, a título de presente (a lã era muito apreciada pelos mastins que com ela confeccionavam samarras, pelicos e safões); as exigências eram de tal modo exorbitantes que nunca nenhum cordeiro ou ovelha conseguiu chegar até Sua Alteza o Senhor Lobo.

O ajardinamento daquele feudo continuou a alastrar inexoravelmente.

O Povo, ao ver-se despojado das suas terras, não teve outro remédio senão emigrar para as terras vizinhas. Os próprios mastins, ao escassear a caça de que se alimentavam e a fonte de rendimento que era a tosquia das ovelhas e cordeiros, abandonaram também o Senhor Lobo e foram oferecer os seus préstimos aos Senhores dos outros feudos limítrofes.

Moral: nem só de flores vive o Lobo.

UM TOSTÃO PARA O ENSINO

NUM PEQUENO PAÍS atrasado e pobre o Primeiro-Ministro preocupava-se muito com a ignorância do seu povo.

A percentagem de iletrados era tal que não se descortinava maneira de arrancar do estado de subdesenvolvimento para a fase industrial a que o país necessitava chegar.

O Primeiro-Ministro reuniu os melhores pedagogos do país que elaboraram um pequeno livro de bolso, a que chamaram «Cartilha Paternal», onde se resumia em frases simples toda a Ciência existente.

A «Cartilha Paternal» foi distribuída gratuitamente a todo o Povo, o qual lhe deu a serventia que estava habituado a dar a todo o papel, liso ou impresso.

Moral: a instrução não custa um tostão...

2 HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS (EMANCIPADAS) ONDE SE PRETENDE DEMONSTRAR QUE A «ARTE ACADÉMICA» E A «ARTE MODERNA» EMBORA TENDO NASCIDO DE MOTIVAÇÕES DIFERENTES ACABAM POR SERVIR AOS MESMOS FINS

O PINTA-MONOS

ERA UMA VEZ um macaquinho que tinha muita habilidade para pintar.

Todos os macacos importantes desejavam que ele lhes pintasse o retrato.

O macaquinho tinha um jeito especial para apresentar os modelos sob os ângulos mais favoráveis, de modo que todos os retratados ficavam muito satisfeitos. Desta forma começou a ganhar muito dinheiro e fama.

Apaixonou-se por uma linda macaquinha que fazia versos e resolveu casar. Mas a macaquinha disse que não casava com um imbecil que só pintava para imbecis.

O macaquinho começou então a pintar paisagens, mas os figurões da macacada continuavam a comprar-lhe os quadros para depois os exibirem aos amigos como se fossem as suas terras.

A macaquinha não gostou e continuou a chamar imbecil ao macaquinho. Este, desesperado, passou a pintar naturezas mortas: amendoim, bananas, ameixas, cocos.

Mas os macacões continuavam sempre a comprar os quadros. Desta vez punham-nos nas suas salas de jantar e mostravam aos amigos os frutos esplêndidos das suas quintas e herdades.

A macaquinha que fazia versos não suportou mais e disse ao pobre macaquinho apaixonado: «Não consegues passar de um imbecil pinta-monos, desampara-me a loja de vez.»

O macaquinho, ao ver-se assim repelido, não resistiu ao desgosto e matou-se.

Com a morte do macaquinho acabou-se a «arte académica» naquele reino da macacada.

UMA ESTÁTUA PARA PACO PAREDES

NUM «PUEBLO» ANDALUZ existia um burrico que dava pelo nome de Paco.

O pobre burrinho, que passava o dia em carregos, só se sentia verdadeiramente satisfeito quando, ao chegar ao estábulo, abancava à manjedoura agitando alegremente o rabo.

Um dia, uns pintores que andavam a pintar as casas do dono do Paco deixaram algumas latas de tinta no estábulo.

Quando o Paco acabou o seu dia de trabalho e abancou à manjedoura, agitando alegremente o rabo, como sempre fazia, o apêndice caudal, devido às dimensões exíguas do estábulo, ora se molhava numa ora noutra lata de tinta e, em pouco tempo, a parede que estava por trás dele converteu-se num lindo quadro abstracto.

Na manhã seguinte, os filhos do dono do Paco ao verem o que tinha acontecido chamaram o pai:

«Olha, paizinho, já viste o bonito quadro que o Paco fez? Se o pusesses no nosso quarto ele fazia o mesmo e o nosso quarto ficava muito mais bonito».

O dono do Paco não achou praticável a ideia de transformar o quarto dos filhos num estábulo, mas aproveitou a ideia de outra maneira: colocava telas por detrás do Paco, que as ia pintando alegremente enquanto comia.

Os quadros passaram a decorar o quarto dos filhos do dono do Paco. E os amigos dos filhos do dono do Paco, quando viram os bonitos quadros, também pediram aos pais que lhes arranjassem quadros idênticos para decorar os seus quartinhos.

A ideia espalhou-se e o Paco não tinha mãos a medir, que é como quem diz, não tinha rabo a medir.

A partir daí, Paco, que por causa da sua vocação passou a ser designado por Paco Paredes, deixou de ser empregado nos carregos e começou a estar o dia inteiro a comer e a pintar alegremente.

Ora isto de passar a vida a comer não convém a ninguém, mesmo a um burro tão prendado como era Paco Paredes. E um dia, zás, esticou o pernil com uma indigestão.

O dono do Paco, que tinha enriquecido com os quadros que ele tinha pintado, em sinal de reconhecimento mandou erigir-lhe uma estátua.

AS 20 HISTÓRIAS DA AVOZINHA

O MENINO ZECA gostava muito de ouvir as histórias que a avozinha lhe contava.

Mas chegou um dia em que, quando a avó tinha começado a contar uma das suas histórias, o Zequinha interrompeu-a e disse:

«Esse conto não, avozinha, já ouvi, é o do Lobo Mau».

A avozinha começou a contar outra história mas o Zequinha voltou a interromper:

«Essa também já conheço, avozinha, é a do macaco sem rabo».

E a avozinha foi começando a contar outras histórias mas sempre o Zequinha ia dizendo:

«Essa não, já conheço, avozinha, conte outra».

A avozinha, que era analfabeta e só tinha aprendido a contar pelos dedos, contou dez dedos das mãos e dez dedos dos pés e nessa altura viu que já tinha contado ao netinho todas as histórias que sabia.

Então a avozinha disse ao netinho:

«Olha, Zequinha, já não sei mais nenhuma história, pede ao teu pai que tas conte».

Mas o pai do Zequinha não sabia nenhuma história porque era uma vítima da «Talidomida» que tinha nascido sem braços e sem pernas.

E as histórias do Zequinha ficaram por aqui.

NOTA DO AUTOR: Nós que somos do tempo em que a «Escola era risonha e franca» e não existia ainda o Ensino Básico obrigatório, e que igualmente só aprendemos a contar pelos dedos, nunca tendo conseguido preencher por completo os dedos das mãos e dos pés com qualquer espécie de contos (de Reis ou de Fadas), também resolvemos ficar por aqui.

Até porque acreditamos não existir, sequer, meia-dúzia de crianças verdadeiramente emancipadas no mundo inteiro.

VIRGÍLIO MARTINHO

RAINHAS CLÁUDIAS AO DOMINGO

Desenho de Aurélia

O VIRGÍLIO estava numa rua tão pouco iluminada que as estrelas, como olhos de gato, se podiam contar com um só olho. Não cintilavam, não senhor, eram apenas poros brancos no topo do horizonte. E numa esquina Sofia, ela a confirmação subitânea dum amor contido há muito. O Virgílio parou, o Virgílio olhou. Se soubesses, quis-lhe dizer dum modo geral, embora toda a gente, sobretudo ela, ignorasse os seus desmandos. Depois a pergunta, a vital: tens uma cama? O Virgílio ganhou, embora Sofia lhe respondesse oficinalmente: tenho, mas primeiro passa pra cá a massa. E a sua voz de pequerrucha era quente, soava no sítio certo, tinha formigas. Então ela estendeu-lhe a mão e o Virgílio não perdeu tempo, apertou-a nas suas, beijou-a. Mas Sofia era um ser da valeta recoberto de suspeitas e cicatrizes, podia dizer à noite: eles, os bons, deitam-se em camas que lhes pertencem, oh, e é sempre a mesma! Este grito da sua individualidade pô-la feliz momentaneamente e o macho do Virgílio endireitou-se mendigando um buraco no escuro nocturno. Silêncio entre eles. No Virgílio um caroço na alma, corda que vibrava em jogo na cabeça: tempo e memória. Pois, é noite. Pois, o mundo. E a expressão dela, num rostozinho de putéfia. Mulher

criança com trejeitos nos cantos dos lábios e obscenidades entre as palavras dos mestres linguísticos. A abarrotar de ódios também, de despropósitos no todo. Ganho a minha vida, ouviste? Ou julgas que vivo do ar? Silêncio outra vez. E o Virgílio no seu jogo dúplice, de macho: podíamos ser amigos. E ela: ora, amigos, se me passares a estilha seremos mais do que isso. Portanto, simples. Portanto, o intervalo, as feridas íntimas a estrelarem, e os hiatos nela: é o que dizem as velhas... as putas das velhas... as velhorras... e riu, a pequena. Envolvida no seu casacão verde, miúda e enfiada, palidazinha. E tanto que o Virgílio dir-lhe-á na madrugada: como a morte, ouviste? E ela: passo as minhas necessidades como toda a gente, ou tu julgas que isto é só gozo? E ele: não queres vir? E ela, a Sofia: andas à pesca duma que caia? Mas meteu-lhe as mãos debaixo dos sovacos e desceu-as lentamente até ao cós das calças, depois comentou: chiça, até tremes. E o Virgílio tremia, ele, o macho, tremia. Rouco e percorrido de certa moleza como vossas excelências quando vão prá cama com a vossa querida.

SOFIA compreendeu que o caso era sério, e disparou: se calhar tás a pensar na coisa à borla, é?, acrescentando com um sorriso e aqueles olhos grandes muito abertos: claro, é o costume, espatifaste a massa e agora queres a filha por amor. Dito isto pôs-se a andar ao longo da rua, de mãos nas algibeiras do casacão, dois passos miúdos à frente. E veio o silêncio. O Virgílio apressou o passo, queria recuperar, os humores já se liquefaziam dentro dele. Depois a pergunta de Sofia: donde saíste, nunca te vi por aqui? E a resposta: de lado nenhum, e mentia. E já não tinha a voz rouca nem tremia, estava apenas ansioso, mas isso

era o menos. De resto, se ela não estivesse com ideias já o tinha posto a andar. E confessou, como quem deita uma serpentina pela boca: uma bebedeira, vim daí. Sabes, uma velha disse que eu precisava de mãe e apalpou-me entre as pernas, achas bem? E ela: ora! Havia luz na escada por onde entraram e um desenho de Brauner na parede do lado esquerdo. E antes da bebedeira? foi a pergunta de Sofia. Tenho andado por aí, sou um rapazinho. Era isso. Sofia queria saber o princípio dele, com quem lidava enfim. Mas que estranha e complicada pergunta. Há com cada uma nas novelas! E o Virgílio: não sei... a barriga da minha mãe... tá bem? Sofia encostou-se à parede: e dinheirinho? Estava escuro, quase. E dinheiro, menino? O Virgílio levou a mão ao bolso, três moedas de cinco escudos e alguns tostões. Nem chega pró quarto, comentou ela. Mas ele não a queria perder. Não podia. Abraçou-a. Se pudesses... e não acabou o que ia a dizer, foi sentar-se no primeiro degrau. Posso, disse ela. Subiram e no primeiro andar Sofia deteve-o. Passa pra cá o dinheiro que tens. Guardou-o e recomeçou a subir, ela à frente. No segundo patamar virou-se para trás e como estava um degrau mais acima pôde abraçá-lo pelo peito, encostar-lhe a boca ao coração, dizer-lhe como quem diz um grave segredo: não digas a ninguém que vou contigo à borla, depois os outros aproveitam-se. E ali na escada, entre paredes e desenhos do Brauner (se ele soubesse!), a sua voz de pega, como que raspada, era agora terna e cantante, virginal, senhores! Mas o Virgílio talvez nem a ouvisse, tratava do seu macho, beijando-lhe o pescoço, comendo-lhe os cabelos. Sentindo no nariz os pêlos da gola do casacão dela, no queixo a anatomia magricela do seu rosto. E nem podia falar, tremia de amor como nos acontece. E Sofia? Bom, estava calma e até

divertida, tinha experiência destes anseios, deixava fazer. Era honesta. Mas dizia, apesar de tudo: tou farta de ser enganada por tipos de falinhas mansas como tu. Tou, sabes, umas vezes por querer, outras vezes sem querer. E o Virgílio, todo sabichão: e não devias estar? Claro que não devia estar, uma pessoa não faz isto por prazer! Não faz? Não, os homens é que fazem sempre, duas bombadas, já está! Outro silêncio, este grave. Os desenhos do Brauner saíram das paredes, um a um. E ela: se tivesses dinheiro havias de ver o que a gente fazia... E não tenho? E não tenho?, repetia o Virgílio, entregue aos seus humores, viris humidades. Depois ouviu-a, entre uma risada: não tens mas quase me furas de lado a lado.

LÁ DENTRO atravessaram um corredor quase sem luz e várias portas fechadas. Entraram na última. Era um quarto forrado de papel vermelho, de rosas vermelhas já desbotadas. Além da cama, da mesa de cabeceira, havia um lavatório e um bidé. E numa das paredes a gravura empoeirada das rainhas cláudias. Isso, «rainhas cláudias aos domingos e nos dias de festa, só porque eram baratas» (recordação infantil do Virgílio). Sofia tirou o casacão e ficou de vestido preto, tal qual era, branca e magricela, com os cabelos a roçar-lhe os ombros. Apertou-os no alto da cabeça, descalçou os sapatos e atirou-os para um dos cantos do quarto. Sem eles era uma miúda. E não o olhava. Não sorria. Estava agora grave e interrogativa dentro do quarto, do seu cheiro: alcatrão? suor? A pintura da cama de ferro já não existia, o soalho estava tatuado por centenas de queimadelas de pontas de cigarro. Evidentemente, não era um quarto honesto. Havia sémen podre por ali. Roupa suja. E também uma frase agora: tinha o teu

corpo por volta dos meus dez anos, dizia ele, o Virgílio, especado no vermelho desbotado em redor, olhando a gravura das rainhas cláudias, a cama coberta pela colcha esfiapada e encardida. Depois a resposta: com tudo que eu tenho? Porque ela lavava-se no bidé, de costas para a parede, criança nas nádegas, criança nas linhas quase imperceptíveis dos quadris que se iam perder nas sombras dos sovacos. E os ossos da sua espinha podiam contar-se um a um. Ele respondeu: com tudo não, sem as coisas de mulher que tu tens. Então Sofia troçou, riu-se a pegazinha, enquanto o macho, o Virgílio, especado ainda, vestido ainda, ouvia o chapinhar da água, o riso dela, e acrescentava, com a sua virilidade em jogo: com as coisas próprias dos meninos, claro... Riram os dois. As maminhas de Sofia tremelicaram com o riso, e cabiam à vontade nas palmas dele. Isto despertou-lhe a visão, eriçou-lhe a pele. A mancha de humidade que havia por baixo da gravura das rainhas cláudias era a cabeça do leão, era o mapa da viagem. Podiam começar. Era tempo. O tempo infindável. Sofia veio da sua higiene. Sofia abraçou-o. Sofia disse-lhe: boneco, mosquinha morta, queres fazer a coisa vestido? Vá, anda, não vês que quero festejar? Não vês? E completou: a tua inocência, passarinho. Oh, a minha inocência! exclamou o Virgílio, julgas que é a primeira vez? Sofia foi deitar-se na cama, tirou a colcha para trás, riu. Agora era como num postal pornográfico. Divertida por o ver imóvel no meio do quarto, contra o fundo vermelho desbotado da parede. Riu e enrolou-se sobre si mesma no branco do lençol de cima, disse, no gozo: estou agarrada a ti quando tinhas dez anos e não sinto nada, não sinto nada. Depois aquietou-se, o seu rosto afilado sobrecarregou-se de sombras: é por eu ser assim magricela que não queres? Não, o Virgílio queria-a. Tacteou-lhe o

rosto linha a linha, com as pontas dos dedos seguiu-lhe o contorno dos olhos: dois círculos, as pestanas, as sobrancelhas. Disse: falaste de inocência, não sou inocente. Disse Sofia: eu sei, percebi logo.

E ELES FIZERAM o que vossas excelências sabem que se faz. Depois Sofia saltou da cama e o Virgílio tornou a vê-la como criança, pediu-lhe: não queres fazer outra vez? Não, ela lavava-se como as nossas esposas se lavam depois da coisa. Mas, ao contrário das nossas esposas, os cabelos caíam-lhe agora num só ombro, eram uma duna a escorrer por um funil. Vestiu-se. Entreteve-se com os seus trapos. Acabou e acocorou-se em cima da cama olhando-o como ele já sabia que ela olhava: intrigada e interrogativa. Gostava de ficar aqui contigo, disse-lhe o Virgílio, e acocorou-se também, com o queixo entre os joelhos. Mas Sofia abanou a cabeça: não pode ser, já te fiz o gosto, agora c'est fini. E perguntou-lhe a seguir, seriamente: gostaste de mim? depois empurrou-o e ele caiu de costas e ela riu por ele ter caído. Sabes, se estivesse abonada tudo se resolvia, ia dizendo aos poucos, entre o arfar do riso. Podes dizer ao dono disto que se paga depois, sugeriu o Virgílio. Não digo, ele é um bicho, um aleijado, percebes? e os aleijados são maus, não gostam de ninguém. E após um silêncio interrogativo: queres ficar porque gostaste de mim ou porque tás estoirado? O Virgílio não disse nada, continuava encostado à cabeceira da cama a esburacar o próprio umbigo, talvez sem dar por isso. O momento era grave, sabiam-no ambos. Veste-te, disse então Sofia. Saíram do quarto e ela guiou-o através do corredor até um compartimento que em vez de porta tinha um reposteiro estampado com grandes rosas vermelhas. Do outro lado havia um fio de luz e as rosas, naquela penumbra, pareciam cabeças decepadas. Sofia afastou o reposteiro e eles entraram numa cozinha. Estava um velho sentado no chão, entre a mesa e um divã com alguém deitado. O velho manejava automaticamente uma agulha de madeira, fazia rede. Tinha os dedos entrapados e a sua voz iria soar como de dentro duma cafeteira. Cavernosa, cheia de pedras. Sofia curvou-se diante dele e falou-lhe ao ouvido, enquanto o Virgílio, encostado à chaminé, olhava à sua volta sem perceber o que ambos diziam, o que era aquela penumbra. Perto do velho havia uma cadeira de rodas e em cima da manta que lhe cobria as pernas uma ardósia, dessas dos meninos da instrução primária, que servia para ele apontar o número dos quartos ocupados. A seu lado, pendente na parede, o manípulo com que abria a porta da escada. Era um homem ocupado, que fazia rede. O vulto que dormia no divã acordou com o murmúrio das vozes e soergueu a cabeça. Era uma mulher que dormia nua. O velho elevou a voz e o Virgílio ouviu-o dizer: os quartos são a dinheiro. E de novo o murmúrio de Sofia, a voz do aleijado a dizer que não. A mulher deitada tapou-se até ao pescoço, deu uma volta, tossiu. Os seus cabelos emaranhados no abandono do sono cobriram-lhe o rosto.

SOFIA afastou o reposteiro e eles tornaram a percorrer o labirinto que era aquela casa. Havia frio na rua. Houve a pergunta dela, com a voz ligeiramente enrouquecida: que mosca te mordeu? E a resposta do Virgílio: aquilo cheirava mal. Sofia anuiu, mas não disse nada. Olhava agora as pedras, uma a uma, negras e brilhantes de geada. E no silêncio da cidade nocturna havia também o silêncio de ambos, interrompido apenas pelo som dos seus

passos desencontrados. Num largo em forma de leque, onde horas antes passara a procissão, cheirava a estearina e a pétalas murchas, Sofia fê-lo parar: aquele estupor não faz um favor a ninguém, não sei para que quer o dinheiro, tem as pernas podres, tem os dedos podres, tem tudo podre dentro dele... Não penses mais nisso, disse o Virgílio. Sofia encolheu os ombros: não tou a pensar, digo que o velho é um estupor. Foram para o pequeno jardim que havia no meio do largo e pisaram as pétalas murchas que os padres tinham pisado há horas, ainda frescas. Riram. Eles, os bons, têm flores, gozou a pegazita. E exclamou: eh! nas tintas, vamos perder a noite, namorado, tá bem? Tá bem, explodiu o Virgílio, e ocorreu-lhe como uma luz acutilante e importuna que se tivesse acendido ali: vamos gozar tudo que pudermos, hem! e beijou-a, embora ela dissesse: na rua não, ele contrapusesse: queria estar contigo, ela replicasse depois: estás, na rua, eu sei, mas temos tempo, somos novinhos em folha. Porém o Virgílio não gostou, abanou gravemente a cabeça, disse com raiva: somos agora novos, miúda! porque de repente viu os anos todos, desde a mãe, desde o vagido inicial, e como lancetada as chatices todas, uma a uma, oh! exclamou, merda pra isto! falta-nos tudo! só que Sofia já lhe interrompera a fúria, já lhe dizia entre dentes, sorrindo com as lâmpadas que lhe eram os olhos grandes, cintilando, cintilando, tu és um velho, eu sou centenária, pronto, tá bem, tá bem, exaltado, e calaram o bico, deram as mãos simplesmente, viram um mendigo deitado num dos bancos do jardim, que tossia, que dormia o rei no seu berço de ripas pintadas de verde, na geada da noite; dormia e mil persianas estavam corridas nas janelas do largo, mil pétalas estavam mortas no asfalto e ambos calados agora, de mãos dadas, sentaram-se no banco em frente ao do

velho, e ele, o Virgílio, meteu-lhe a mão pelo vestido dentro e deixou-a ficar no quente das mamas dela, e ela pôs-lhe a sua nas partes dele, continuando como se nada fosse, as cabeças encostadas, imóveis ali, sérios, olhando o homem rei no seu leito de indigente, porque o rei desatara a tossir, a cuspinhar, porque a noite era uma cúpula indiferente lá no alto, as persianas estavam fechadas, as pétalas pisadas há horas murchas, até que o Virgílio expeliu mais uma vez as suas viris humidades e o cheiro a semente fez suspirar Sofia, Sofia dizer: quem me dera ser homem, porque vocês deitam fora, libertam-se, enquanto nós, as rachas, guardamos, acumulamos, somos caixotes, cantarolando a putéfia este diz-que-diz até que também ela deitou fora, se elevou nos gemebundos balidos de quem se vem no mundo, de quem usa o corpo. E logo após a ressalva a contaminação antiga, o discurso da viagem: as vigilantes do asilo onde cresci batiam palmas a propósito de tudo, queres saber como? e executou enquanto explicava, para comermos uma vez, para irmos à retrete duas vezes, para dormirmos três vezes.

MAIS TARDE, pouco antes de nascer o sol, nas nuvens, havia um rosto, percebiam-se os buracos dos olhos, os outros do nariz, percebia-se o volume do queixo e com um pouco mais de atenção os malares e a testa. Era um rosto para o sol entrar por ele quando nascesse, embora isso devesse durar um pouco, pois a manhã apenas amadurecia no horizonte distante, as formas estavam ainda no princípio, o sono nas coisas, e Sofia, encostada ao Virgílio, conservava-se quieta, como se dormisse um sono ovular, fetal, húmido ali no cais com as luzes já apagadas no pronunciar-se da manhã, mesmo que nos pontões, nos barcos atra-

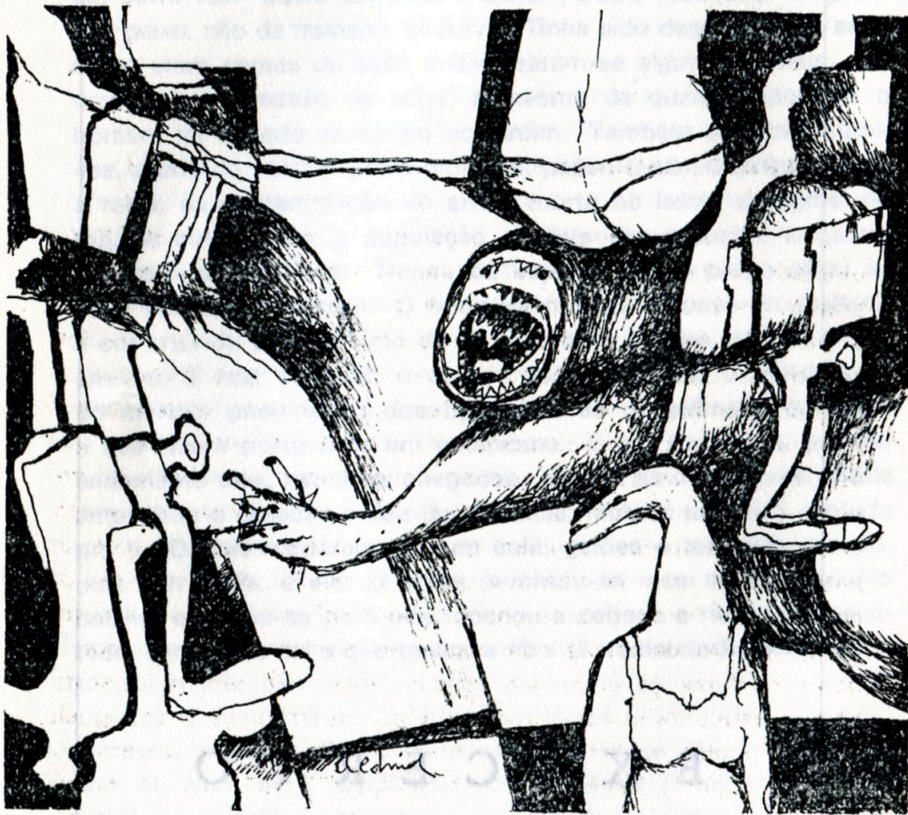
cados, nos outros ao largo, as luzes continuassem a reflectir-se nas águas espelho do rio em longos sinuosos sinais vivos. Porque eles tinham-se sentado na extremidade do pontão de pedra que entrava no rio como se fosse um braço, cotovelo e tudo, só faltava a mão. E tinham prometido um ao outro que passariam ali a noite juntos, e cumpriam-no aquecendo-se mutuamente, ele nas mamas dela, ela nas partes dele, o costume, meus senhores, enquanto diziam a espaços, umas vezes entre risos, outras muito sérios, de pernas a balançar no vazio, entre o líquido e o gasoso, como quem desafia: aqui é o fim da terra, o começo do oceano, dizia ela, e lá longe, muito longe, a viagem. E o frio até quase ser dia, o silêncio da madrugada, quando o Virgílio olhou o sítio onde vira o rosto no céu e já não o viu, havia desaparecido, o sopro do vento matinal desfizera-o com os primeiros vestígios da luz solar. E esta mesma luz, a do nascimento, galopava, desentorpecia as coisas, dava-lhes forma, dava-lhes cor, primeiro a medo, depois com força, até que as mãos de Sofia começaram também a nascer, o seu rosto a ser um rosto afilado, e o Virgílio resmungou na manhã: cá estamos vivos, sentindo-a gelada, tremeliques, uma vida inteira aqui e ficávamos de pedra, sabes? de pedra. Depois veio o sol, vieram as montanhas. Veio tudo, incluindo um tripulante do rebocador atracado ao pontão que reparou neles e foi à proa para os ver melhor, enquanto bocejava como quem aspira o mel do ar matinal, e tirava a camisola exibindo os cabelos da peitaça, cantando feliz por ter acordado uma vez mais, feliz também por mergulhar a cabeça na água que havia num balde, e sacudindo-a depois como fazem os cães molhados. O Virgílio ouviu a voz, o chocalhar da água, e olhou para trás. O marítimo saudou-o com um aceno sem interromper a sua feli-

cidade, e Sofia segredou ao companheiro: marido, a população acordou. E acordava. O sol já violentava o escuro e as nuvens até aí densas corriam agora para nordeste, revelando o azul perene que há sobre nós.

O VIRGÍLIO deu um pulo para trás e ficou de pé. Depois espreguiçou-se e para se desentorpecer fez o pino na luz matinal. Era forte. Era ágil. Tinha fome. Sofia acenou que sim, sorriu. Passou os dedos pelo cabelo escorrido, ajeitou o casacão, falou: somos crianças, sabes, e as massas para comer? Pois, não havia. E o Virgílio, a olhá-la: estás da cor da morte, miúda. Silêncio no pontão. Sofia esfregou as faces, queria colori-las, enquanto ele, senhor de si, vertical ali sobre a pedra húmida, recomeçara a sorrir atraído por aquele campo magnético que ela era. E o campo magnético disse: olhas-me como se eu fosse morrer! E não vais? Apitou o comboio na estação, apitou o rebocador no rio. Esta a música. Soaram vozes longe, na lota que se começava a encher. Havia uma escada no pontão e Sofia desceu-a. Lá em baixo, despiu o casacão e ajoelhou-se no último degrau em seco, dizendo: queres ver como fico corada. E ali estava de saias puxadas até ao ventre, curvada para as águas, nossa senhora a parir. Lavando o rosto. Lavando os braços. Contente a pega pela súbita comunhão de frio e renascimento. O dia. O sol acima do horizonte já. A traineira que atracava ao cais do peixe com o nome no costado. Trazia carapau de gato. Dinheiro. A cidade poderá comer. Mulheres transportavam caixas, rebolavam as ancas no seu andamento. E Sofia dizia ao Virgílio: se lavares a cara ficas como novo. Pois, acenou ele, e disse: sou novo. Ela não vestiu o casacão, pegou-lhe na mão e beijou-a,

cantou-lhe: já sei o que vamos fazer, marido, o teu dinheiro foi pra pagar o quarto e eu estou lisa, mas tu tens fome e eu tenho fome, pronto, vamos pôr o casacão no prego. Que dizes? Silêncio outra vez. Outro comboio a apitar. Outro rebocador a apitar. Um peixe, não da traineira, chorava. Tinha sido degolado. Os seus olhos eram gemas de ovos a desfazerem-se algures. E nela, não corada, a expressão de pega, a mesma de quando apontara o homem rei deitado no banco do jardim. Também as faces húmidas, a orla do vestido preto molhada, passo a passo ambos, entre a relva, na contemplação do arrais morto ao leme, e depois, na rua, os automóveis, a população, o dizer das palavras, o cantar concreto das buzinas. Temos de esperar que o prego abra, às nove horas, era a frase. O fumo da manhã, a tosse do padeiro, a cor crua do sol por cima do rio, por cima do lixo, por cima dos cheiros. E nos ouvidos: o ranger dos eléctricos, o matraquear do martelo pneumático dos operários, as gargalhadas da velha a sair duma porta com um americano. E em tudo isto, no seu andamento eles, risonhos, chegados. Depois as nove horas. Sofia empenhou o casacão e deu-lhe a massa, metade pra mim, metade pra ti. Depois sentaram-se num café, galões e torradas, marido, pois sim Sofia, e ela: já volto; levantou-se mas esbarrou numa cadeira e voltou-se para trás, abanou a cabeça e riu, era desajeitada, sabes não sei o que tenho, a filha tá tresloucada, percebes...

V I T O R   S I L V A   T A V A R E S

E X C E R T O

Desenho de Aldina

IMODERATO CHORABILE

(...) parece que falo (=escrevo) dentro dum estômago ulcerado; sufoca-se, nesta escrita ácida; serenidade, não és minha; tiraram-me a chucha: esperneio, sirvo de espectáculo, aqui; saio à rua e não me purgo: rios de gente domesticada; posso amá-los, aos tristes coitados: são como eu — mas como eu pedaços de esterco: sempre a destilar verdetes mas só isso; outros piores recolhem as migalhas do bodo aos pobres (no aproveitar é que está o ganho) e desfazem-se em obrigadinhos; funcionários produtivos exigem teatro na empresa, convívio, colóquio, desporto, cultura na empresa: vencem muitas resistências (é ler-lhes as entrevistas) mas lá vão conseguindo ficar mais escravos da empresa; os filhos, pobres crianças sem infância, brincam a horas certas dentro de jaulas com vigilantes sorridentes como domadoras de feras (a prole dos ricaços, essa, não tem mais sorte: só que frequenta «jardins infantis» e aos quatro anos já papagueia francês, inglês e alemão); ah, mas cá o rapaz está governado, tem ao dispor a **INVENÇÃO DO SÉCULO**: é só ouvir de manhã uma cassette gravada e à noite desatar a parlar estrangeiro; às vezes salto desta escrita para visitar mercearias com farinheiras

e chispe salgado; enternece-se-me ainda o menino que já não sou: regresso mais castrado, esmagado de todo pela cidade brutal (máquina das classes triunfantes) que destrói um passado medíocre para se ufanar num presente e num futuro piores ainda; chiça, tantos automóveis!; chiça, tantas oportunidades!: **Há sempre um «porquê» na vida de cada homem de sucesso! Não atribua levianamente ao factor sorte o êxito de alguém. Se analisar profunda e conscientemente a razão que levou «fulano» a atingir determinado êxito, rapidamente concluirá que o «porquê» do seu sucesso reside precisamente no estudo. O ESTUDO É A BASE DE TODO E QUALQUER ÊXITO! O Centro de Instrução Técnica, ao propor-lhe os FAMOSOS CURSOS, está a oferecer-lhe as mais sólidas bases para o seu sucesso. FRANCÊS: Pela sua eficiência e economia este curso dá-lhe a oportunidade de conquistar lugares de relevo numa grande empresa. DESENHO TÉCNICO: Indispensável em qualquer processo de fabricação e construção, este curso é o caminho mais rápido e directo de dominar uma profissão com categoria e prestígio. ELECTRÓNICA, RÁDIO e TV: Uma profissão rendosa, fascinante e de futuro. Este curso fará de si um competente radiotécnico, obtendo grandes rendimentos. INGLÊS: Na sociedade de hoje, os lugares de categoria são destinados a quem saiba inglês. Este curso dá-lhe total garantia de êxito. CORTE E CONFECÇÃO: O nosso curso ensina-lhe a cortar e a confeccionar todas as suas roupas, dos seus filhos, ou a manter o seu próprio «Atelier» de alta costura. TRANSISTORES: Destinado particularmente à especialização de bons radiotécnicos, este curso destina-se a actualizar os conhecimentos dos profissionais briosos.** Eu tenho prestígio, classe, distinção: mereço a lã. No princípio é o Tartex — que agradável forma de manter a linha!

Trabalho, consumo, recreação (?), trabalho, consumo, Alto de São João. Quem não trabuca não manduca. E já se sabe: as sociedades não se alimentam de utopias. Semeia se queres colher. Na China não há parasitas — e os poetas esfarrapam-se pela melhor ode ao Mao-Tsé-Tung. No ano 2000 não haverá petróleo — e quanto a hortaliças não estaremos melhor. Chiça, tantos automóveis! Exijo um subsídio de aleitação. Humor: **«Mudar de sexo? Então o que é que gostaria de ser?»** Para quando o albergue dos escritores inválidos? **Novo Vim! VIM CLOREX! Experimente-o! Vim Clorex é algo que valeu a pena inventar! Porque é bom. Verdadeiramente bom!** Como eu: sou verdadeiramente bom, tirei um curso de bom por correspondência (uma semana, sessões contínuas). Caranguejo (o meu signo): **VIDA SENTIMENTAL: Os problemas familiares e sentimentais requererão muita atenção. Pessoas invejosas poderão dar-lhe muitos aborrecimentos; VIDA MATERIAL: A sua actividade dará satisfação e lucros. Com inteligência qualquer iniciativa será bem sucedida. VIDA FÍSICA: Seja prudente nos seus deslocamentos, pois haverá alguns riscos de acidentes.** Eu ouço o silêncio da cassette TDK e perante uma das mais belas perspectivas da Place Vendôme, em Paris, obtida de uma suite do 1.° andar do Hotel Ritz, tenho em primeiro plano, sobre a mesa, a famosa água de colónia e o after-shave «Monsieur Rochas». Eu cá sou assim. Trabalho, vejo televisão, sou do meu tempo, Alto de São João. Também o que é que queria? — que tudo voltasse à barbárie? que os pobrezinhos coitadinhos continuassem pobrezinhos? que o honesto trabalhador não tivesse direito ao frigorífico e ao aspirador? que não houvesse escolinhas para as criancinhas? que os inválidos da literatura não tivessem o seu lar? Cá está o contestatário de serviço. **Dar-lhe amanhã**

5 tostões para amendoins. Se reincidir, condená-lo a ler Fernando Namora. Perdão: eu vou tirar um curso de proletário por correspondência. Compreendam-me: há semanas que não vejo o padeiro. Incompreendido, preciso de alma gémea. Sei fazer a cama, varrer o chão e lavar a louça. Não há por aí nenhum freud à disposição? — a minha mãe é que teve a culpa. Juro que sempre fui dos futebóis e amigo do meu amigo. Não me obriguem a ler as páginas femininas dos jornais avançados: prometo nunca mais alimentar projectos libidinosos. Mulher, só militante. De resto, não tenho a culpa de ser calão: já nasci assim, caranguejo, sem jeito para o negócio. O n.° 7 é que me tramou (*). Quando vim ao mundo, sem dar por isso, aviões alemães metralhavam guernicas. Era longe, parece-me, eu estava ao colo da minha mãe na Rua das Madres. Dias antes (contaram-me hoje no café) uma brava militante operária arremessara um ministro pelas escadas abaixo. No outro dia vi um ministro no cinema: estava instalado na plateia e ria-se muito com o Mister Magoo. Jornalismo é aquilo que o futuro não conserva. **Desculpe: diga o nome de uma mulher — Aldonsa; e de uma flor — hortênsia; e de uma lâmina — não vê, seu estúpido, que eu uso barba?** (Já me lixaram o anúncio.) Sim, eu faço amor e não a guerra. Sou pela imaginação no poder. Claro que a poesia deve ser feita por todos. Adiro ao grupo Dziga Vertov. Leio atentamente a imprensa progressista. Mereço cada vez mais a lã, meu amor. Descobri no outro dia um tasco ao pé

(*) Uma característica do estilo literário do Apocalipse é a sequência de números sete — (Novo Testamento). Nasci a 17 do 7 de 37.

da Sé: cartaxol, carapau frito, proletários fedorentos: gi-rí-ssi-mo! A crítica-pela-crítica é como a arte-pela-arte: rua! Dar-me-ão 10 % por esta escrita? Mãe: aonde aquele cheiro a lombarda e chouriço de sangue? Eu faço os recados, mãe. À noite não há luz, dizem que a guerra está aí a bater-nos à porta. Eu ajudo-te a fazer as bolas para o lume, vou à taberna comprar o pó de carvão. O pai está no alto mar mas eu hoje não falto à escola. Vais ver, vou ser alguém, não te assustes por minha causa. Ao menino e ao borracho põe Deus a mão por baixo. **Perfeito: aposto que aquela velhinha simpática me vai bater com o chapéu de chuva** (Li'l Abner). Quanto a ser doutor, agora é fácil: um tipo chega à Universidade, toca à campainha e já está: sai de lá com um canudo e a saber o mesmo. A minha fealdade perseguir-me-á até à morte: creio que nunca poderei ser locutor de televisão ou gerente bancário. Também não faz mal: estou muito a tempo de tirar um curso de escritor internacional por correspondência. O meu reino, o meu reino por uma bolsa da Gulbenkian! Sou o melhor escritor do meu prédio, já publiquei contos no «Diário Popular» e na «Flama» e na «Crónica Feminina» a 80 e a 100 paus. Mereço um vale à caixa. Pago a quota. Também sei umas coisas de culinária, torno tudo mais apetitoso. À mesa da «Brasileira» sou cá uma língua afiada! Não gosto dos quadros: acho que os pintores andam a ganhar dinheiro a mais. Ó vó: o teu netinho nunca se esquece de ti: quando a outra atirava o ministro pelas escadas abaixo (não vi: e eu que me pélo por coisas dessas!) estavas tu a cavar à frente da guarda pela Rua da Esperança até às Trinas: comias sempre no coco, ó vó! e ainda hoje não percebes nada da revolução republicana: deixa lá, aos 82 ninguém chupa melhor uma cabeça de besugo!; hei-de tirar uma fotografia.

Já o professor de inglês (curioso, não aprendi raspas: se não fossem as fitas americanas vistas no nimas não saberia spicar uma palavra) dizia que o que eu precisava era de pau, paulada, mocada. Eu chamava-lhe Periquito e ele chamava-se Pequito. Creio que era monárquico: tinha os dentes podres. Nunca mais fui à Feira da Luz, ó vó, comprar um pífaro de barro. Olha: cresci. Às vezes ponho gravata, engraxo os sapatos, compro um maço de SG Filtro. Sei tanta coisa: já andei de avião! Mas o rio Tejo vê-se agora da varanda do 4.° andar da Rua das Madres através duma muralha de antenas de televisão — como se de todo em todo tivessem acabado as cautelas do prego lá em tua casa, ó vó. O teu netinho é um senhor: usa Pantène, lê revistas em couché, não gosta da Amadora. Dantes só ia ao restaurante comer caldinho de camarão no dia em que o pai desembarcava. Usava o cabelo lambidinho, via os bonecos da guerra no barbeiro. A falta que me faz o talho da fressura! Ah! mas hei-de recuperar: ele continua a haver demasiados pobres — e cada vez maiores facilidades para a compra do meu Toyota. Prometo ser bom filiado, educar-me a mim próprio por sucessivas vitórias da vontade. Vontade não me falta: o que eu preciso é de pau. Umas pauladas — e isto passa, morre a escrita. Retomarei as minhas actividades. Ando doente — excesso de tabaco. Também a armar ao pingarelho. A prosa até vem em linha recta dum surrealismo pelintra que tresanda. Na Porta Larga, velha taberna desta Lisboa moderna, troquei o «Elói» do João Gaspar Simões por um cartucho de castanhas assadas — o que prova que o lumpen-proletariado também fuça pelo direito à cultura. E se não fui eu foi um amigo meu — o que prova à evidência que a poesia é feita por todos. Pois: o que me trama é a poesia: às vezes suicidamo-nos, como o João Rodrigues e o

Manuel de Castro — um pela janela e já está, o outro mais lentamente, para doer mais. Eu aqui e fora daqui, ó gentes: não se perde grande coisa, um tipo vale hoje menos que um quilo de carne do lombo ou uma comunicação ao congresso dos escritores. Disse-me o Von Braun, esse mangas, que eu posso safar-me, dado ser a Terra uma nave espacial solitária com destino desconhecido: os 3,5 biliões de astronautas de que faço parte (tirei um curso por correspondência: seis meses de estudos aplicados), estando prestes a gastar os seus últimos recursos aqui no berlinde e próximos portanto da catástrofe global, só têm que utilizar o espaço através de satélites espaciais para descobrir recursos desconhecidos. Adiro logo, aqui ao pé das minhocas que o Tejo deixa engordar na maré baixa junto ao Cais das Colunas. Já andei a jacto, ó vó, e depois de amanhã vou andar de satélite. Cá o rapaz foi bem zurzido pela vida: está pronto para tudo: Marte, és meu. Ah leão, sempre te julguei assim, embora caranguejo. Viajaste, como os antigos argonautas lusíadas, rumo às Áfricas: resististe aos mosquitos e ao fedor do peixe podre — queres melhor atestado de sobrevivência? Havia guerra e tudo — e uma adolescência destroçada e amigos mortos e amores pelo caminho e três empregos de pantanas e solidão de encarquilhar as pedras e uma dor muito branca, muito pouco sentimental, muito amante do último sossego: cá estás prás curvas. Tens direito a um fauteuil no satélite. (Enviar uma caixa de chocolates ao Von Braun no próximo natal). Creio que estou safo: ando a tirar um curso de futurologia por correspondência (dois meses a 300 paus por mês — portes pagos). O pior é se o berlinde, esse desmancha-prazeres, aguenta a falta de legumes: ao preço a que estão os nabos não sei se não será caso de sui-

cídio. Querida família, estimados amigos: não ganho nem pró tabaco. Já fui mandarete num escritório da Rua da Boavista: ó pá, vai ali à tasca buscar uma omelete de chòriço: arrecadava uns tustes nos transportes e gozava à ufa em frente das portas dos armazéns de secos-e-molhados da Rua do Arsenal (onde, disseram-me, trabalhou à máquina o Fernando Pessoa): quando for crescido hei-de comer esta posta de atum, este rabinho de lagosta, estas línguas de bacalhau. Ó mãe, nem era fome-fome: era fome por causa da fome futura, tão previsível na minha humildade de puto já alheio às sucessivas vitórias da vontade. Mais umas frases e estou fora do satélite, isto é, fora da carroça. Bem que inundo os sovacos com Lavanda (o Monsieur Rochas do Porto) — mas não deve bastar para habitante do ano 2000. Pelo sim pelo não, telefonarei amanhã ao Hermann Khan — se os terroristas (bandidos!) não derem cabo das linhas de comunicação. Vó, irás comigo no satélite: acho que uma velha como tu faz muita falta lá em Marte: quem é que há-de alimar a petinga?, quem é que há-de contar àqueles brutos civilizados a odisseia do teu rol na mercearia? Não tenhas medo: o teu neto é forte: já tem 35 anos, que os fez em Julho. É um homem de ossos rijos: só foi uma vez ao endireita da Esperança. Continuas gaiteira, não é? pula-te o pé pra passeatas, ó velha de mil empregos de penúria, velha que nunca atiraste um ministro pelas escadas abaixo, velha que compravas fiado meio decilitro de azeite e lias folhetins de cordel? — ainda bem que não vendeste este neto ao senhor estrangeiro que to queria comprar: ele vai telegrafar ao Nixon, vai pedir-lhe boleia para o foguetão. Velha miserável, miroscas, meia aparvalhada pela meningite: tás safa, irás laurear a pevide. O ex-mandarete do teu neto é agora um gajo impor-

tante: já tem colaborado nos suplementos literários. Sim, faço pela vida: não me escapa um clássico de cinema na R.T.P., leio a poesia concreta, discuto o papel da arte em prol da felicidade dos povos, ouço-todo-orelhas o que me dizem sobre a obra aberta do Umberto Eco, devoro o que há sobre a linguística e o happening e a música electrónica e o conceito de ruptura na montagem cinematográfica e o teatro na rua e a nova figuração e o design industrial e a banda desenhada e a banda da Guarda Nacional Republicana: quero escapar à catástrofe global, acho que seria uma injustiça ficar eu aqui à espera dela, inocente, indefeso, finito. É que não tenho automóvel . Sequer sou operário fabril: pelo meu trabalho não serão despejados resíduos venenosos para os rios — ou até são: escrevo sobre papel, mas juro que não fui eu que o inventei. Senhor Von Braun, Excelência-Sábia-do-Adolfo-até-ao-Nixon-e-aos-mais-que-vierem: atendendo a que estou perdendo o cabelo (prova da minha evolução genética) requeiro respeitosamente o direito de usar um dos seus foguetões para escapar, eu, amigos e parentes próximos, à catástrofe global que Vocelência tão competentemente prevê. Já agora, também gostaria de levar comigo um molho de rabanetes e as crónicas marcianas do Ray Bradbury, para me adaptar. Isto está pela hora da morte, Senhor Von Braun. A catástrofe vem aí, global. Hoje, a polícia política matou um estudante. As bombas americanas arrasam Hanói. No Barreiro, os gases das fábricas intoxicam a população. Ninguém pode andar na Baixa às horas de ponta. Sucedem-se os cocktails (não Molotov) nas galerias de arte. Um cego pede esmola no Chiado com uma criança ao colo. Dizem as donas de casa que não há dinheiro que chegue para as costeletas. A televisão melhora os programas e os críticos babam-se. Uma viúva

de Santo Tirso está há dois anos à espera da pensão. Médicos recomendam cigarros com baixo índice de nicotina e de alcatrões para melhor defesa do organismo dos fumadores. **Que significa «ser homem»? Haverá algumas regras para definir a verdadeira masculinidade? Será o conceito de masculinidade constante em todos os tempos e todas as latitudes? Ser homem implica ser violento? Um homem não tem o direito de ser terno e sentimental? — Depõe o Professor Kirkendall, especialista em relações humanas e um dos pioneiros do movimento de educação sexual na América. Ler este importante depoimento no número de Outubro das Selecções do Reader's Digest.** Vamos no ano VI do Turismo. Todos os caminhos se encontram no Banco Totta & Açores. A Parker 45 é indispensável. O lixo produz energia eléctrica. A grande arquitectura regressa a Jerusalém. Não se pode deixar de ler o n.º 11 da colecção Minerva de bolso: um documento da nossa época em que o talento, o espírito cáustico, o paradoxo e a irreverência do Autor se entrelaçam. Em 20 de Novembro de 1959 foi assinada a declaração dos direitos da criança: **os seus filhos deverão sentir já a segurança do amanhã — um amanhã construído hoje; as suas faculdades desenvolvem-se de forma positiva num clima de segurança e harmonia, segurança que você encontrará, para si e para eles, através de um seguro de vida adequado.** Eu sou uma criança aturdida. Sou terno e sentimental. Hoje, em 1972, e aqui, na Avenida Sidónio Pais, acho que possuo uma verdadeira masculinidade. Leio as colecções de poche. Ando a tirar um curso de vagabundo por correspondência (cinco anos, portes pagos). Bebo Vinho do Porto — abre-se-me a alegria, a intimidade, o prazer dos melhores momentos de convívio; a minha vida é jovem com Porto; bebo Porto; à vossa

saúde! Senhor Von Braun: você anda a assustar as pessoas. Não vai haver catástrofe nenhuma. O que você quer é construir foguetões, arrecadar comissões e condecorações. A minha avó já não pode andar de foguetão, coitada, com aquele reumático. Por outro lado, o que eu queria era um carro eléctrico da carreira da Graça. Ou então aderir ao Hare Krishna e dormir na praça do Dam, em Amesterdão. Sou um «freak» de gravata e sapato de fivela. Odeio o «establishment», a página cultural do «Diário de Notícias» e as fitas de cow-boys feitas em Espanha. Que faço eu pelas viúvas? Porque é que não tiro um curso de ex-padre por correspondência? Ao fim e ao cabo, tenho 97 oportunidades à minha frente. A vida sorri-me e eu sorrio à vida. Fui muito bem educado, lavava as orelhas todos os dias. A mãe dizia-me: vai buscar cinco tostões de calda — e eu ia. Bem, nunca tirei o boné quando passava pelos velhos e pela bandeira nacional. Roubava berlindes, sobretudo nuvens e abafadores. Mas fui bom netinho, não fui, vó? Ia sempre consigo na marcha da Madragoa, não ia? E não exigia bife, pois não? Melhorei muito, vó: o Jesus é que sabe o bom coração que eu tenho. Dou conselhos aos primos. Sou delicado para as senhoras. Lavo os dentes. Se digo merda ou porra não é por mal, acontece. Tenho um medo da polícia que me pélo. Só não canto a Portuguesa por causa dos «egrégios avós» (*). Quando alguém espirra à minha frente digo «santinho». E também digo, quase todos os dias, «como está, passou bem?», «estimo as suas melhoras», «muito prazer em vê-lo», «muito obrigado». Andei na escola: um doutor, pra que saibam. Escrevi

(*) Contribuição do João César Monteiro.

sonetos às namoradas — elas é que me faziam malcriadices. Dobro as calças pelo vinco. Gasto muito papel higiénico, mas também não me importo de limpar o cu aos jornais. Não conto a ninguém as malcriadices que faço com as senhoras. Espero o sinal verde para atravessar. Evito pedir cigarros aos amigos. Às escondidas, sempre vou lendo o meu livro de poesia, perdão. Limpo os cinzeiros. Penso na catástrofe global. Rio-me sempre com as anedotas que me contam. Sou discreto na bebedeira (tirei um curso de bebedolas-fino por correspondência). Interesso-me pelo além-morte, pela luta de classes e pela floricultura. Gosto muito de criancinhas — e de peixes e de ratos e de periquitos e de cágados, enfim, de todos os animais daquém e dalém terra. Também gosto do rio Tejo e do Alto de Santa Catarina e do elevador da Glória e da bica na Brasileira. Ó vó, tu nem fazes ideia do rico neto que tens. Sabes? eu tirei um curso de neto por correspondência e depois um curso de filho. Deu trabalho mas consegui. Nada se faz sem trabalho. O trabalho é riqueza, é virtude, é vigor. Eu sou — logo, trabalho. Um dia destes compro-te uns chinelos de trança, ó vó, daqueles azuis. É que ando desconfiado: e se é verdade que vem aí a catástrofe global? Nos meus 7-anos-7 vinham aí os alemães, a mãe comprava pão à candonga. Eu tinha muito medo, eu tenho muito medo. De repente morro e é uma chatice. E tu também morres, ó vó: já ninguém me contará como tu a morte do rei e do principezinho tão lindo e as patifarias da Carbonária e as malandrices do Afonso Costa. Talvez não tenha importância, parece que já nada tem importância. As crianças nascem poluídas — não há incubadoras que as safem. Eu, por exemplo, estou todo poluído, não devo poder entrar no foguetão salvador. Eu que até estive para tirar um curso de chefe

por correspondência, que fui pequeno lusito mas já firme e leal, que marchei na Avenida peito-pra-fora-barriga-pra-dentro atrás de guiões e clarins e cavalos e grandes chefes! Vó, o teu carrapito compensa-me de tanto frango de aviário! Tu não sabes, mas os jactos CP Air são a simpatia em avião — para qualquer português. Eu sou qualquer português e gosto daqueles motores que não botam gases para a atmosfera mas flores. Além disso, uso o minislip Hom — «élégance viril pour les hommes qui sont des hommes». Je é homme — tirei um curso de pessoa, chiça, por correspondência — um dos mais difíceis. Terei ganho o direito ao futuro? Fica por saber. No entanto, «para um homem que olhe o mundo com espírito prospectivo, não há preconceitos racionalistas: ele deseja conhecer tudo, mas tudo submeter à crítica» (*): ora eu olho o mundo com espírito prospectivo — tirei um curso disso, dessas merdas da esperança. No Alto de São João o meu cadáver nem dará para tijolo: que o espírito me salve. Talvez reincarne em surrealista S. Mamede: quero vestir com elegância e ser de facto um espírito superior (lerei então — ó céus! — Montaigne). Prescindirei do Von Braun (já não lhe ofereço uma gravata no aniversário). O berlinde terráqueo pode arrefecer de vez: ficarei indiferente à pavorosa solidão das ruínas. Mãe, eu serei tempo e espaço e dimensão infinita, luz central, incomensurável energia. Pelo menos. No interim mesquinho, tirarei um curso de inteligente, mais que não seja por correspondência: sempre é uma base. Falhei no liceu, batia punhetas no escuro dos vestiários. Não pude vir a ser contínuo ou porteiro de hotel.

(*) Contribuição de Afonso Cautela.

O pai nunca me bateu — e amo-o tanto que vou reclamar por escrito à Divindade Suprema ter ela instituído a paternidade a prazo. O meu pai (e a mãe e a avó e os amigos queridos e os pobres em geral) deveria ser eterno, pessoa para sempre. Só que ainda não há cursos de sempre por correspondência. Falha-me a eternidade: pélo-me por chispalhada e jaquinzinhos. Os génios nunca morrem, disse-me o Einstein uns dias antes de dar o bafo. A mim, ó vó, já ninguém me tira a brincadeira com botões na varanda do 4.º andar da Rua das Madres: e que pivete a sardinha assada! Curioso: o Tejo, visto pelos olhos do menino, corria como que marimbando-se para a segunda guerra mundial. No Arsenal, claro, porrada brava nos operários: a Alemanha ia para o maneta, o Salazar idem ou-a-lógica-é-uma-batata, logo pensavam eles e outros que era chegado o momento de cantar a Internacional. Vó Arminda, tu continuavas lavadeira, comprando fiado a escova e o sabão azul e branco. Talvez que num café sebento nascesse o surrealismo. Eu começava a descobrir a piça. O pai do John era aviador e na embaixada americana davam-me um caderno com desenhos e um lápis azul e encarnado para colorir a tromba do pai do John e do avião do pai do John e a bandeira americana, tão linda. Eu queria ser o John, queria que o meu pai tivesse um avião e fosse herói, matando os bandidos todos. Era, ao tempo, a catástrofe global. Mas o aguadeiro galego lá ia de porta em porta fazendo o seu negócio. Nas carroças, os cavalos exibiam babetes do Benfica e do Belenenses e do Atlético. A marcha da Madragoa era a melhor. A vizinha do lado regava todas as manhãs as sardinheiras. A padeira da candonga engordava a olhos vistos. Aos domingos o Salazar ia à missa. O Redol morava ainda muito longe da sua carreira de publicitário, apesar dos gaibéus. Sempre se

podia levar uns pastéis de bacalhau para a praia de Santo Amaro de Oeiras. O distraído chui lá da rua fingia que só estava ali para impedir os putos de jogar à bola com a trapeira. O meu tio Silvino levava-me ao Parque Mayer e às vezes até podíamos comer algodão de açúcar. Nos meus achaques punham-me ao pescoço um trapo com enxúndia de galinha. A saia da Carolina tinha um lagarto pintado. A dona amélica picava um dêdicu com a sevélica do sapateiricu. A mulher era um barquinho para o homem navegar, fum fum fum catrafum fá fá. Lá no centro larento da avenida larida o pinóquio laróquio escorregava larava. Meninas iam à catequese. Bêbados nocturnos vomitavam na calçada. Quem lia o «Em Guarda» vaticinava para já a vitória das democracias. Não havia boutiques com posters do Churchill a fumar charuto e a fazer um vê com os dedos: o negócio do volfrâmio (sem contar evidentemente com as mercearias) é que arregalava o olho dos espertos. Eu tinha um arco e uma gancheta. Se um senhor estava constipado e ficava mal de repente (porque não tivera cuidado, porque fora imprevidente), para o mal cujo motivo estava na chuva, frio ou sol, qual o melhor preventivo? — tomava Formitrol. Dizia-se que a Hermínia Silva tinha um casaco de peles guardado no guarda-vestidos, entre bolas de naftalina. Varinas gordas exibiam cordões grossos como dedos e cachuchos de brilhantes. Eu não gostava de açorda. O Hitler afagava a trunfa a criancinhas louras. Lá carrapato ia havendo. O que o meu pai ganhava como maquinista da marinha mercante (mas não só) ia dando para o chicharro. As vizinhas ostentavam bigodes ancestrais. O alguidar de barro arrecadava um gato semanalmente. Aos domingos os galãs do bairro abrilhantinavam-se: eu comia-te-toda, diziam às gajas que passavam na rua com a

peida a-dar-a-dar. Creio que eu já frequentava o curso de pobre mas honrado. Esganiçava lá em cima está o tirolirolíro. Enfim, a infância é uma coisa maravilhosa. A mãe às vezes chorava ao abrir o porta-moedas. Deixa estar, mãe: quando se inventar um curso de oportunista (das direitas, do centro, ou das festivas) eu serei bom aluno, aplicado, respeitador, e dou-te depois uma casa com retrete e sem ratos nem baratas. É. Tiveste uma infecção por minha causa, parece que foi uma septicemia, ficaste com um buraco na perna do tamanho de uma laranja. Nada pode pagar uma lágrima tua, mãe de pêlo na venta, tão neo-realista, como se não houvesse guerra lá fora e cá dentro para nós. Mas nós seríamos «remediados»: o pai contrabandeava meias de nylon que tu vendias às senhoras finas. Havia que merecer o bacalhau guisado: eu já escrevia o meu nome todo, letras garrafais, sacrificado aparo. E fazia o risco no cabelo, direitinho. A mulher do padeiro trabalhava noite e dia ó ó ó ó e a mulher do sapateiro dizia que eu era um principezinho — e eu, então, era. Ainda não rapava dois tostões ao troco. Também comia açorda, glup. O pai andava no mar, tínhamos todos de fazer sacrifícios. Na drogaria, na mercearia, no talho, na peixaria, no lugar da hortaliça, na capelista, na taberna, na padaria, os preços não paravam de subir — fartar vilanagem. A mãe azedava: ralhos, ameaças, uma lambada ao descair. Coração encolhido o meu: a pobreza assusta — e em criança é pior: depende-se dos mais velhos. Ah não fizeste os exercícios? — ainda acabas a pedir esmola. E se caísse uma bomba na nossa casa? E se o pai morresse? E se a avó partisse uma perna? Os pópós dos ricos, com ou sem o cilindro do gasogénio, mostravam às pessoas a existência de outro mundo, casas a cheirar a leite-creme. Mas... 1972: **BAAAAAANG! Lá arranquei**

como um tiro e o semáforo até ficou verde e bem amarelos os carros atrás de mim! Sou desenrascadíssimo no trânsito da cidade e nas estradas consigo escapulir-me sempre! Tenho peneiras? Pois tenho, mas é que eu sou o MINI! E MINI só há um, o maior dos mais pequenos: eu! E há alguém a desafiar-me? BANG! BANG! Bang, bang bang, bang bang: a catástrofe global que se aproxima. **A magreza custa caro. Desculpe... mas a sua idade começa a notar-se. Continuam bastante juvenis as malas para a próxima estação. Ovos estragados invadem o mercado. Dezenas de cães envenenados. Tenha mão firme no seu dinheiro! Conhecem esta história? Uma empresa muito bem organizada (daquelas que só existem nos livros de management), com muitos lucros, tinha nos seus arquivos muitos papéis. Um dia o Director-geral quis lá meter o filho, mas calculem não cabia. Foi consultar uma empresa de organização. A solução era difícil mas os organizadores, muito bons, depressa descobriram que o microfilme resolvia o premente problema do espaço daquela empresa. Moral da história: + MICROFILME — PAPÉIS = ESPAÇO.** Quem é que me mandou tirar um curso de tímido quando havia ainda vagas para tecnocrata progressista? Aprendo aos poucos que há compromissos e compromissos: bons autores o afirmam. Eu sou um comprimido de compromissos — entenda-se: dos melhores, daqueles cheios de segundas intenções. Sei andar no arame e fazer omeletas sem ovos. A minha camisola de lã, meu amor, dá-me o direito de apertar a mão a gente corajosa. Confesso que não gosto de reaccionários nem de viajar no metropolitano. Sou minucioso? — O Crédito Predial também. Quando falhar o bacalhau comerei raspas. Se adormecer em Lisboa acordarei em Madrid (no Lusitânia Expresso). Estou pronto. Venha o pior que não há-de ser

pior que esta maravilha. Haverá leilão de valiosos espólios. As viúvas agradecem. Siga a dança! Vivam os construtores civis e as empresas de gestão! Portugal é a Ibéria e o Brasil e a Europa e o Ultramar — o que me enche de cagança. E as minhotas, onde é que há melhores minhotas em todo o mundo? Cheira a bosta e a promoção industrial. Há mouras encantadas, Algarves de sonho, fados e guitarradas. Ó Zé, não te esqueças dos pastéis de nata. No próximo colóquio ficarei a saber tudo. Muito bem: o que é que pensa da reforma agrária? Pois como ia dizendo, à volta cá te espero. Parabéns a você: levará um balde de plástico, dois pacotes de margarina e um boletim de voto. A cidade cresce, os operários arrastam duas horas para chegar à fábrica, montes de estudantes preparam-se para o ataque. **Há um lugar para si nos quadros superiores das empresas. Adquira a cultura e preparação técnica indispensáveis a essas funções.** O franco sobe, a libra desce. Precisa-se de gente nova para o teatro. Sempre à mão o prazer de calcular. Que tal um lar saudável com espaços verdes à volta (na famosa costa do sol)? Nos subúrbios, tanto ranho nas ventas da criançada! Maria, vaza o penico. Morre-se confortado pela Santa Madre Igreja. Os mortos têm todo o tempo a seu favor. Que excitação para os pequeninos espectadores! BIC BIC BIC, a minha terceira escrita. Sofro de cancro na bic. E na tola. E enfim. E mais um automóvel: **o Marine é de facto um carro a sério, um fora de série, e por isso dizemos que é tudo quanto se pode desejar num automóvel.** Pois pois. **Quem sabe comprar, sabe pagar!** Segue-se um programa de variedades. Poetas doidos rebentam de sonho e fel nas noitadas a bagaço e cervejame. Como é triste Venezal II n'y a plus rien. Para o mês que vem veremos. Cá

vamos chorando e rindo. Tanta conversa fiada dá-me cabo da molécula. Assim como assim. Tive uma ideia maluca para pôr aqui. Esqueci. Bebi. Chichi. (...)

«Imoderato chorabile» é um excerto (ex certo) do texto «Falar desta castração», escrito no Verão de 1972 e conservado (ainda bem!) inédito.